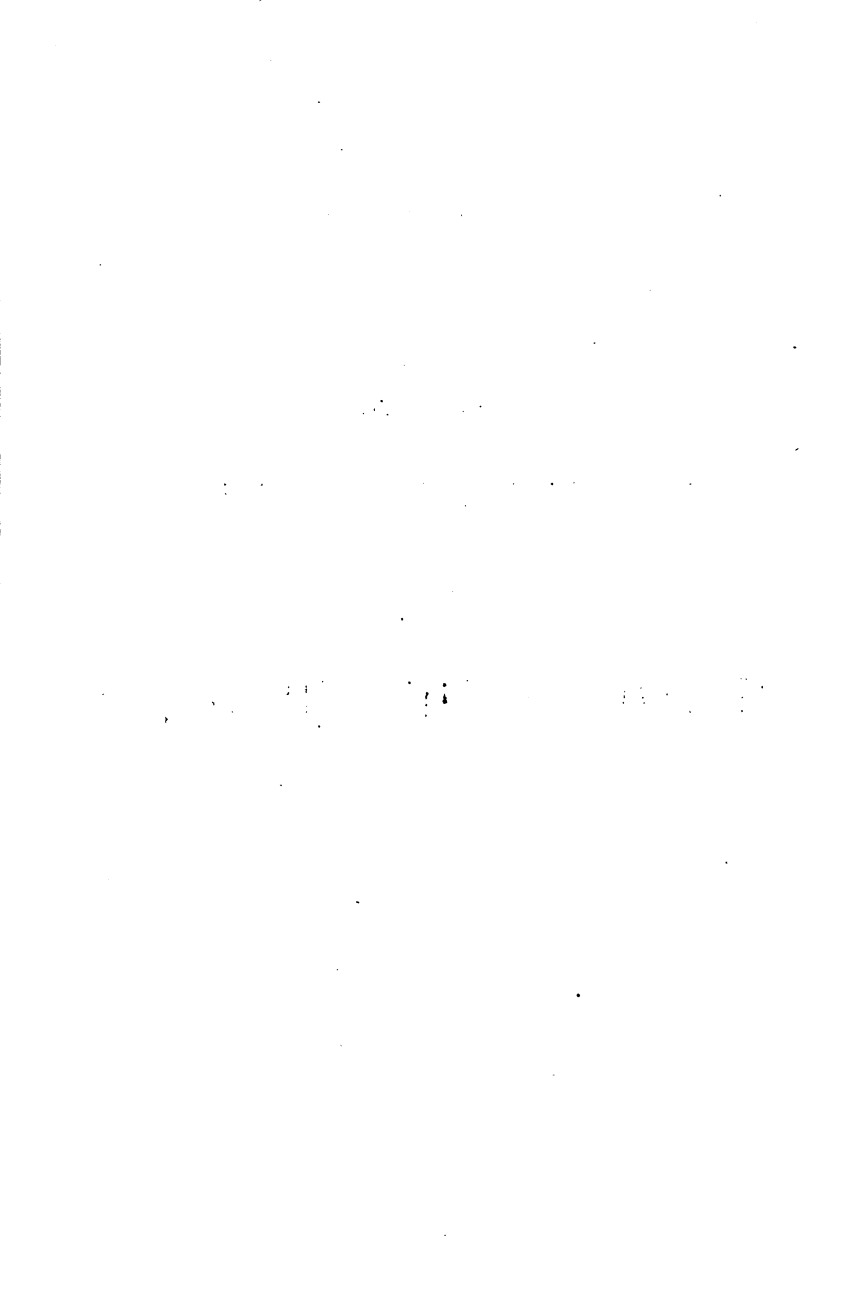
COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA
Lino d'Assumpção
Historias de Frades
UC-NRLF
$B 296 985
YB 30204

21 — Esgotado.
22 — Esgotado.
23 — Camilla, por G. Ginisty.
24 — Trahida, por Maxime Paz.
25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
26 — Esgotado.
27 — Os reis no exilio, por A. Daudet.
28 — Esgotado.
29 — Mentiras, por Paul Bourget.
30 — Marinheiro, por Pierre Loti.
31 — Esgotado.
32 — A Evangelista, por Daudet.
33 — Aranha vermelha, por R. de Pont Jest.
34 e 35 — Esgotado.
36 — Parisienses!... por H. Davenel.
37 — Ao entardecer!... por Iveling Rambaud.
38 — A confissão de Carolina, trad. de J. Sarmento.
39 — Esgotado.
40 — Esgotado.
41 — O abbade de Faviéres, por J. Ohnet.
42 — Esgotado.
43 — Esgotado.
44 — A nihilista, por C. Mendés.
45 — Esgotado.
46 — Morta de amor, por Delpit.
47 — João Sbogar, por C. Nadier.
48 — Viagem sentimental, por Sterne.
49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
51 — Esgotado.
52 — O castello de Lourps, por J. K. Huysmans.
53 — Amor de Miss, por J. Blain.
54 — A sogra, por Laforest.
55 — Colomba, por P. Merimée.
56 — Katia, por L. Tolstoï.
57 — Alma simples, por Dostoiewsky.
58 — Duplo amor, por Rosny.
59 — Contos fantasticos, por Hoffmann.
60 — A princeza Maria, por Lermontoff.
61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.
62 — Esgotado.
63 — O romance do homem amarello, pelo general Tcheng-Ki-Tong.
64 — A dama das violetas, por F. Guimarães Fonseca.
65 e 66 — Nemrod & C.ª, por Jorge Ohnet.
67 — Prisma de amor, por Paul Bonnhome.
68 — Historia d'uma mulher, por Guy de Maupassant.
69 e 70 — Educação sentimental, por G. Flaubert.
71 — Depois do amor, por Ohnet.
72 — A fava de Santo Ignacio, por Alexandre Pothey.
73 e 74 — O herdeiro de Redclyffe, por Mrs. Yongue.
75 — Uma ondina, por Theuriet.
76 — A familia Laroche, por Marguerite Sevray.
77 — As grandes lendas da humanidade, por d'Humive.
78 e 79 — A filha do Dr. Jaufre, por Marcel Prevost.
80 — A dama das camelias, por A. Dumas, Filho.
81 — Dezeseis annos..., por F. C. Philips.
82 e 83 — O Desthronado, por A. Ribeiro.
84 — Ninho d'amor, por A. Campos.
85 — Bodas Negras, por Almachio Diniz.
86 — Do amor ao crime, por Alphonse Karr.
87 — A ilha revoltada, por Ed Lockroy

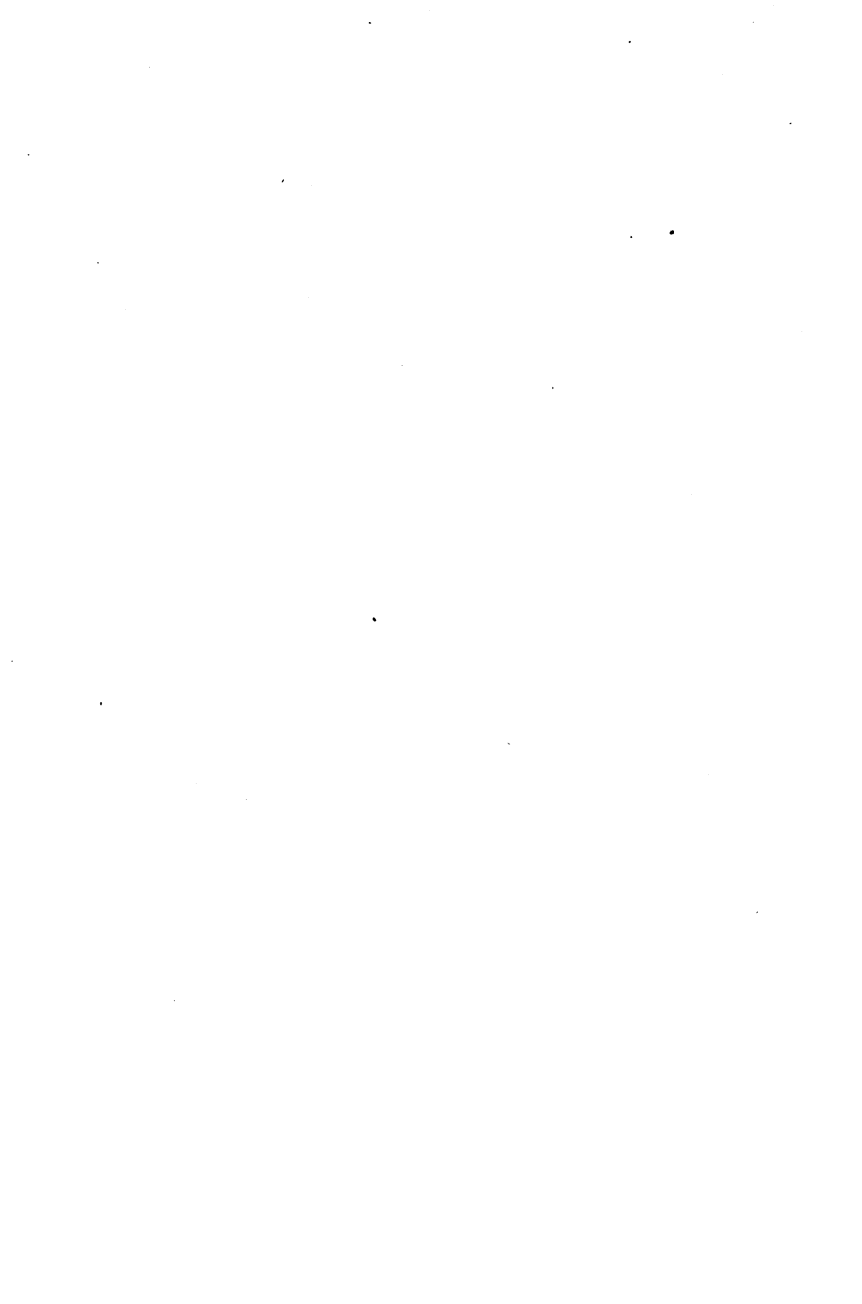
COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA — 36.° VOLUME

HISTORIAS DE FRADES

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

LINO D'ASSUMPÇÃO

Historias de frades

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
50, 52, Rua Augusta, 52, 54
1900

UM SANTO

Era Fragoa uma pequena freguesia perdida numa quebrada das vertentes da serra da Estrella, que descem até o Mondego em contrafortes de penedia negra. Alem de raras cabanas isoladas entre fragões, numa ou noutra planura menos accidentada, pouco mais era do que o agrupamento irrregular de pardacentas barracas, no fundo de triste e humido valle, ao redor d'uma egreja de campanario humilde.

O clima da terra era violento e aspero; o solo safaro e improductivo; a gente pequena, d'apparencia miseravel, soffredora; vivendo pelo impulso dos sentidos, felizmente modificados pela docilidade do caracter. No estio ceifava e batia centeio, que tinha espigado num terreno desagregado e fraco; moido o grão dava uma boroa escura, que era o principal alimento de todo o anno. No inverno ordenhava as ovelhas, que em queijo forneciam o conducto. Com a palha do cereal enchia camas; com a lã do gado tecia grosseiros vestuarios; e com o que por acaso ganhava, indo trabalhar a grandes distancias, em terrenos mais ferteis e de gente mais rica, comprava o que não podia produzir, e era de absoluta necessidade, para a vida quasi primitiva que ia vivendo.

No meio d'estes pobres vivia outro pobre, mais pobre do que elles, se tal é possivel. Era o padre fr. João de Monforte que alli parochiava havia esquecidos annos. Tinham os seus freguezes o derivativo da taberna ao domingo, o que lhe não era permittido; falazavam as mulheres ao soalheiro ou á lareira, e elle vivia só; e quando algum dos mais abastados matava o porco, que se lhe tinha creado e crescera na promiscuidade dos filhos, era de uso servirem-se grandes fartadellas de sarrabulho, de que participavam amigos, parentes e vizinhos, mas de que elle sempre se excusava, passando, sorrindo e recommendando que não bebessem de mais. Não tinha alegrias expansivas, mas nunca mostrara semblante carrancudo a quem quer que fosse.

As faces amarelladas, como as velhas capas de pergaminho d'uns livros, que tinha sobre a unica mesa que havia no seu quarto, eram animadas pelo brilho penetrante dos olhos negros, escondidos no fundo d'arredondadas orbitas, e por vezes dulcificadas por um sorriso bom que lhe assomava aos labios descorados e finos. A longa sotaina preta accentuava a delgadeza das suas formas, e como que dava mais vulto á sua grande estatura, que nem annos nem trabalhos conseguiam curvar. O seu todo suscitava a idéa d'um asceta meigo, apostolo consolador, que se julga impotente para mitigar a multidão de miserias que via soffrer á sua beira, e que as accumulava em si, soffrendo-as todas. Ao ve-lo subir ligeiro pelo recosto das serras, saltar d'uma para outra penha, ninguem diria que aquellas pernas firmes e aquelles musculos flexiveis eram d'um octogenario. Verdade é que elle pouco mais era do que ossos e fibras Mas que fibras! Uma vez que dois dos seus serranos, tomados do vinho, se injuriavam sem lhe attender as admoestações, e que um correu sobre o outro com a navalha aberta, elle deitou-lhe a mão ao pulso e com tal força o apertou, que o aggressor deixou cair o ferro.

Desde que alli chegara — e os mais velhos do logar quasi que nem já se lembravam de quando fôra —

que habitava a barraquinha que constituia todo o passal da prebenda. Edificação terrea, encostada a uma das paredes da egreja, com duas unicas divisões inteteriores, que recebiam luz por pequenas janellas sem vidraças, e cercada d'uma curta horta murada de pedra secca, que elle convertera em cemiterio, desde que os cães e lobos desenterraram uma noute o cadaver d'uma creancinha do terreno aberto, onde até então se faziam os enterramentos.

Vivera sempre só. Elle proprio cozinhava pela manhã os legumes e as hortaliças, temperadas apenas com azeite e sal, que constituiam o seu alimento exclusivo Se o presenteavam com uma gallinha, quando o suspeitavam doente, elle indagava logo de outrem mais doente, a quem a offerecia; se era anho que lhe traziam pela Paschoa, já o sacristão contava com farto jantar, mais a ranchada de filhos que lhe ficaram sem mãe.

Lembravam-se os velhos que, ao principio, quando lhe offereciam qualquer peça de caça, — lebre, coelho ou perdiz — caida aos tiros d'algum caçador, sempre a rejeitava; porque sempre julgou má acção matar só pelo prazer de matar.

Os rendimentos da parochia eram quasi nullos. Pelos baptisados e casamentos, este lhe levava uma medida de feijão, aquelle, mais abastado, um taleiguinho de farinha. Pelos enterros nunca acceitou esportula de qualquer especie que fosse. Das freguesias vizinhas era convidado para tomar parte nas funcções, e d'ahi lhe vinha o pouco dinheiro com que amparava a vida, e não poucas vezes o culto da sua pobre egreja.

Houve tempo em que saiu a pregar fóra; mas um dia o prelado encarregou o arcipreste de o avizar que certo doutor da Universidade, resto sobrevivente do direito de borla verde, tendo ouvido um dos seus sermões fora queixar-se que elle expozera doutrinas subversivas da boa ordem, da moral dos compendios, e que até um periodico de Lisboa o censurara acremente, acabando por lhe chamar republicano!

—O bispo está por certo illudido; e dia e noute levou pensando no que dissera. Não o accusando a consciencia, resolveu ir ter com o prelado, e como unica justificação repetir lhe o que tinha prégado. Assim pensou, assim o fez. Metteu as suas grandes pernas ao caminho, sem outro viatico mais de que um pequeno diurno que nunca o abandonava, e apresentou-se no paço episcopal.

O bispo, que tinha conquistado baculo e mitra nas luctas da politica, que devera a sua elevação a ter sido francamente partidario do novo contra o velho regimen, recebeu-o com severidade, com rudeza a que mais propriamente se poderia chamar grossaria. Fr. João ouviu-o humildemente; e quando lhe foi dado falar, fitou os seus grandes olhos nos do prelado, e sem poder conter as lagrimas disse, com voz commovida: — Se V. Ex.ª conhecesse a miseria em que eu e os meus parochianos vivemos, teria tido mais caridade commigo!

E como o bispo ficasse tanto ou quanto emocionado por aquella attitude simultaneamente digna e conformada, lhe apontasse uma cadeira e lhe dissesse que se desculpasse, elle, ficando de pé, continuou:

— Ha tantos males naquelle meu povo, que é preciso attenuar-lh'os, quanto mais não seja com palavras d'esperança, e miragens d'um estado social melhor, menos interesseiro, mais christão. Porque se de christã tem o nome a sociedade de hoje, não o merece pelas obras. Quando os meus pobres fregueses querem amanhar a terra, e precisam comprar um punhado de semente, a usura, a titulo de lucro commercial, leva-lhes logo quasi todo o producto do trabalho que vão ter. São, dizem os que vendem, privilegios do capital, o direito dos ricos, como se o padre S. Jeronymo não affirmasse: que toda a riqueza é uma iniquidade, ou o resultado d'ella! A nossa Santa Egreja sempre foi contraria ás operações lucrativas, e a tal respeito bem alto teem falado concilios, papas e todos os pensadores das eras christãs... em que se

pensava. E o que queriam todos elles? Sustentar o espirito de renuncia da riqueza mundana. Eu nunca tive no pulpito outras theorias, que não fossem as do Evangelho, em que pese aos srs. doutores que querem sermões que lhes lisonjeiem a maneira de pensar, e justifiquem todas as alcavalas com que se exploram os desgraçados; e, além d'isso, prégava n'uma egreja cujo paracho é o primeiro negociante de centeio e trigo d'aquelles arredores, que o enceleira e só vende quando ha fome, e pelo preço que lhe apraz! Quererá isto a boa ordem? Será isto mais proveitoso ás almas, do que a connivencia e a cumplicidade tacita com todos os abusos do dinheiro? Eu e V. Ex.ª somos filhos d'uma ordem cuja significação historica enche a christandade; porque seguindo a divina inspiração do nosso patriarcha S. Francisco, sempre affirmou o que hoje se chama idéas democraticas, e que são simples palavras de Christo.

— Mas, olhe que muitos papas se viram obrigados a condemnar os *fraticelli*...

— E quantos dos *conventuaes* o não foram? Mas nada impediu que o espirito do *Pobre d'Assis* atravessasse puro cinco seculos; que Santo Antonio, o seu discipulo mais proximo na apreciação dos ricos e na condemnação dos usurarios e commerciantes, seja o santo mais festejado do nosso reino, e V. Ex.ª se não peje de lhe usar o nome! Tenho vivido nestas idéas quasi que sem communhão com a sociedade moderna. Pode ella avançar ou recuar como entender, sem que isso abale a immutabilidade das doutrinas evangelicas. Sei das victimas que ella tem feito no que chama o seu progredir, e dos que se teem sabido aproveitar dos despojos; e, sem ir até os ultimos extremos da logica, como era de meu direito, se não meu dever, condemnei sempre a theoria que affirma o direito de propriedade, sujeito unicamente ao capricho e phantasia do proprietario; aborreci sempre esse direito ficticio, filho exclusivamente da força, animado pela absoluta ausencia de senso moral, contradictorio com a soli-

dariedade humana, sanccionado pela miseria dos fracos, sustentado pelo cuidado com que incessantemente se promove a degradação moral dos desherdados. Um direito que precisa ser sempre apoiado pela força das armas não é direito natural!

Havia um brilho por tal fórma extranho nos seus olhos, um tal calor nas suas palavras, um tão profundo accento de sinceridade na expressão, uma tal sympathia communicativa, que o bispo não se atreveu a interrompe-lo; e no intimo da sua alma admirava aquella formosissima figura, que lhe evocava um d'esses franciscanos, de que Joaquim de Flora foi a consubstanciação, e o *Evangelho Eterno* o grito consolador e esperançoso.

O egresso continuou, descaindo da vibração eloquente que, a pesar seu, o tinha estimulado, num tom de quasi infantil familiaridade:

— Os unicos livros que possuo, sr. bispo, são um jogo de velhos breviarios, cujas folhas já se me esfarellam nos dedos, mas cujas palavras conservo impressas na memoria e no coração. Tenho apenas alguns volumes truncados de Santos Padres, comprados aqui e alli, a troco do peso, nas tendas onde foram vende-los os que os roubaram aos extinctos conventos. No meu ermo da serra vivo na sua elevada companhia e com elles nutro o meu espirito. Não é santo Ambrosio contrario ao emprestimo do dinheiro a juros? Santo Thomaz d'Aquino, que tanto soube e tão bem, defende o direito que assiste aos miseraveis de irem buscar o superfluo dos abastados. E' elle que stygmatiza como vergonhoso o commercio cujo fim unico é o lucro, e nenhum papa o excommungou, porque seria excommungar o Espirito Santo, que lhe segredava o que a penna ia escrevendo. Graciano diz: que a possessão em commum é a mais dulcissima das cousas. S. Raymundo de Penaforte amaldiçoava os que compravam generos para revenderem mais caros, e apenas exceptuava os transformadores das materias primas! Para que estar a repetir o que V. Ex.ª sabe mil vezes melhor do

que eu? Toda a obra doutrinal da Edade Media, que foi a era dos grandes theologos, glorias da Egreja, está no ensino moral em conformidade com os principios de justiça e de caridade christãs.

— Isso, atalhou o bispo—com modo rude, de quem procurava na aspereza do tom impôr um silencio, que argumentos não conseguiriam,—são doutrinas de anjos para serem prégadas a santos. Nunca mais as pregue do pulpito abaixo.

— A minha unica virtude consiste na obediencia. Obedecerei.

— E, agora, diga-me, por que é que, rendendo tão pouco a sua fabrica e ainda menos o pé d'altar, se recusa a reger uma cadeira d'instrucção primaria?

— Porque já são tantos os males d'aquella pobre gente, que seria uma crueldade augmenta-los, dando-lhes os meios de conhecerem a enorme somma de felicidades, que outros gosam por esse mundo! Todos aquelles serranos, cavões e pastores teem o espirito acanhado e os instinctos violentos; assim que saibam ler e na cabeça lhes entrem cousas que não saberão assimilar, serão outros tantos bandidos que o primeiro explorador do homem aproveitará para seus interesses.

— Mas, dado que assim seja, por que é que nos seus sermões diz *cousas* que levam ao mesmo fim?

— Porque lhes attenuo o alcance, fazendo lhes comprehender a missão de sacrificio para que viemos a este mundo, porque quando digo o que digo, é porque o digo áquelles a quem tenho por obrigação do meu ministerio avisar e censurar.

— Lembre-se, fr. João, observa o prelado, que já Christo prophetizou que sempre haveria pobres neste mundo.

— Mas tambem disse: «que seria mais facil passar um camello pelo fundo d'uma agulha, do que entrar um rico no céo!

— Vá! vá! fr. João, concluiu o bispo. E, estendendo-lhe a mão, onde num dos dedos fulgurava uma sa-

phira rodeada de brilhantes engastados em ouro delicadamente cinzelado, esperou que o egresso a beijasse, afastando-se logo, deixando cair entre ambos o pesado reposteiro que, com um mal disfarçado movimento de ira, arredara para passar.

Durante alguns segundos ouviu se o ruido roçagante da seda da batina prelaticia, e depois mais nada. No meio d'aquelle extranho silencio, que se fez na grande sala, fr. João sentiu se acabrunhado. Nunca em sua vida se encontrara tão só, tão amargurado d'alma, tão intimamente magoado no que tinha de mais puro nos seus sentimentos. Procurou a porta, como estonteado, a passos largos, e quando se encontrou fóra d'alli, desafogado do ambiente tepido e cheio de conforto do palacio diocesano, quando o vento norte lhe refrescou as faces incendidas, sentiu que o coração, durante tanto tempo opprimido, se lhe dilatava, que os pulmões começavam de funccionar soffregamente, como se todo elle saisse de debaixo d'uma saibreira, que o tivesse soterrado durante longas horas. Pela primeira vez que se vira tão perto d'um grande da Egreja, jámais lhe parecera ter estado junto de cousa tão infima. O santo espirito do Evangelho convertido em edital de policia! As palavras d'um pastor d'almas transformadas capciosamente em triaga, que elle era obrigado a substituir ao trigo sem joio com que alimentava o espirito dos seus ouvintes! Aquelle bispo, que devia ser um defensor da doutrina santa, era um advogado de todas as torpezas inconfessaveis; e elle padre que as condemnava, é que era o reprehendido! Aquelle successor dos apostolos era um simples empregado publico, com missão de beleguim fiscal contra as idéas christãs; um phariseu, que Christo teria amaldiçoado, e Francisco d'Assis renegado, como renegou de Helias!

Quiz refugiar-se na egreja junto d'um altar para vêr se se livrava da obsessão de juizos temerarios.

Conegos e beneficiados psalmeavam á pressa, sem rythmo nem devoção, atropellando um côro, outro

côro, e sem que ambos quasi chegassem a findar as palavras dos versiculos. Depois, ás vozes roucas e seccas dos padres juntavam-se as vibrantes e assopranadas dos meninos do côro, sordidamente envolvidos numas batinas encarnadas, entoando antiphonas que produziam uma cacophonia semelhante á d'um bando de doidos e doidas fechados num pateo.

E passou-lhe no espirito em visão rapida: o seu côro de regular, severo no rythmo, amplo e cheio de som, verdadeira missão ritual, e não mister enfadonho e importuno, que se avia de má vontade o mais rapidamente possivel. Todo o seu ser vibrou indignado, e fugiu, depois de ter chapinhado as fontes com a agua esverdinhada que cobria o fundo negro d'uma das conchas de granito da entrada da egreja.

E como não podia domar a inquietação que o torturava, nem afastar a idéa fixa que cruelmente o obsecava, a si proprio, e sem resposta, ia perguntando: por que consentia Christo quem o deshonrava em seu nome; por que tolerava que a cadeira da verdade evangelica fosse assento de conveniencias anti-sociaes? Que bispos são estes, que só vestem sedas, usam cruzes de ouro realçadas de pedras preciosas, teem salas alcatifadas, são servidos por uma turba de famulos, secretarios e criados; e o mesmo Christo foi obrigado a carregar, fracamente ajudado de Simão, com a propria cruz ao Calvario, por um caminho aspero, difficil e ingreme? E como se tudo que vira e ouvira não fosse a contradicção flagrante do caracter sacerdotal d'um verdadeiro bispo, que idéa fazia este de Christo, dos apostolos, dos concilios, dos Santos Padres, dos doutores da Egreja, para lhe impôr a elle, simples padre, o silencio, quando a sua palavra nunca servira senão para confessar a doutrina da Egreja na sua mais clara intenção?

E depois fugia, fugia como quem sente um fermento de duvida em si; como quem começa a não acreditar na acção directa e constante da Providencia; a temer pensar que Deus fosse indifferente ás

miserias de uns e complacente com os gosos de outros.

O resto d'aquelle dia e toda a noute assim foi andando, abrazado em febre, inquieto, atravessando pinhaes, subindo e descendo serras, bebendo grandes golos d'agua nos regatos; e correspondendo mal ao pedido de benção da gente com quem se cruzava.

Sobre a madrugada, avistou no fundo do valle esse montão de telhas escuras e musgosas, por entre as quaes surgia o campanario alvo da sua egreja, e aqui e alli as cabeças negras e escalvadas dos grandes fragões.

A vida recomeçava lá em baixo, porque já saiam pelas frinchas das telhas as nuvens pardacentas da lenha accesa nas lareiras. Os primeiros raios do sol douravam os cumes das penhas, onde já não chegavam os pinhaes; os zimbros em flor espalhavam um agradavel perfume; a natureza como que arfava vida e satisfação por todos os poros; e um grande abutre, levantando o vôo e pairando nos ares, abatia-se rapidamente sobre os telhados da aldeia.

Então, exhausto de forças, torturado d'alma, deixou-se cair sobre uma grande lage, murmurando e chorando num desespero convulsivo: «Meu Deus! meu Deus! não me abandoneis!»

A obra dos revolucionarios de 1834 foi uma obra de odio, e portanto incompleta e inefficaz. A's grandes e generosas aspirações dos homens de 1820 succedeu-se uma especie de commandita de pequenos interesses pessoaes, sob a firma social do filho primogenito de D. Carlota Joaquina, em nome de sua filha D. Maria. Tendo expulsado um rei do throno, trataram de lhe fazer occupar o logar ainda quente, empregando os meios que até alli tinham condemnado e combatido, para se assegurarem o dominio politico. O seu maior empenho foi afeiçoarem aos interesses da seita as instituições da sociedade portugnesa, em vez de lhe darem a desejada e merecida livre-expansão. A' nação armada contra elles oppuseram armas extranjeiras; contra a opinião publica, que protestava em nome da tradição, responderam com a perseguição; contra o direito estabelecido desfecharam esses decretos dictatoriaes, com os quaes se impunham as mais odientas medidas. Grande numero d'elles lidos hoje, só se comprehende que tivessem execução, protegidos como estavam por um exercito victorioso, commandado por capitães famintos. A um absolutismo succedeu outro, aggravado pela hypocrisia e falsidade dos relatorios. E assim como essa obra está por terra, levando nos seus

escombros a vida nacional, assim os *Grandes Homens* d'então, excepções feitas dos que se salvaram pelo labor litterario, estão esquecidos, e a nação, quando nas horas angustiosas quer procurar lenitivo ás ancias que a torturam, vae d'um salto ao Marquez de Pombal, para d'ahi volver os olhos ao seculo XVI!

Foi para satisfazer cubiças de dinheiro, odios pessoaes e intrigas palacianas, que se lançou mão do decreto de maio de 1834, extinguindo as ordens religiosas; como se uma ordem religiosa fosse cousa que estivesse na alçada de qualquer governo extinguir! Mas era preciso que ao odio se juntasse a ignorancia, para que a obra ficasse completa. D'esta façanha veiu até á pouco tempo coroado de louros o nome de Joaquim Antonio d'Aguiar, mas uma publicação recente attribue-lhe a autoria ao proprio ex-imperador do Brasil. [1]

A extincção do exercicio das congregações religiosas, porém, não surprehendeu a grande maioria dos que eram victimas. Frades e monges andavam uns com as armas na mão defendendo D. Miguel, outros tinham-se alistado nas tropas de D. Pedro. Do alto dos pulpitos clamavam aquelles contra os impios e sacrilegos; estes exaltavam, de habitos arregaçados e bacamarte na mão, os animos das tropas.

E, comtudo, no silencio dos claustros, entregues a Deus, ao estudo, ao ensino e á oração, existia um residuo de observantes limpos d'alma, puros de intenções, que extranhavam, não comprehendiam e lamentavam a deserção de seus irmãos. O seu unico recurso era junctarem a todas as *Horas* mais uma oração pelos ausentes, sem indicarem a que senhor elles se tinham alugado, e conscios de que não era a Deus que serviam.

Mas o que elles menos comprehenderam foi quando alguns beleguins lhes entraram nas cellas, e d'alli os expulsaram, como de propriedade usurpada; não lhes

---

[1] Cf. *José da Silva Carvalho,* por Antonio Vianna, Lisboa 1894

consentindo que levassem senão os bureis ou estamenhas com que estavam vestidos... e sabe Deus, com que olhos de cubiça lh'os deixaram ir!

E' symptomatico o que os tres maiores homens de lettras da nossa epocha, dois d'elles manifestamente cumplices d'esses acontecimentos, escreveram a favor dos expulsos. As palavras de Castilho, Garrett e Herculano ficaram como condemnação lapidar da inqualificavel brutalidade do principe a quem a chronica palaciana accusou de se metter de botas e esporas na cama para espicaçar a esposa! O facto deve ser falso; mas todos sabemos quanta verdade existe nas lendas.

Castilho, num artigo d'impressões ácerca d'um quadro de Sequeira representando *S. Bruno*, que o cego poeta não podia ver, mas sabia sentir, fez estampar as seguintes vibrantes phrases:

«Que se levantem agora os seus adversarios, que os olhem bem em face e lhes digam:—«Fizemos e valemos nós mais: temos mais esforço e hombriedade.»

«Os servos de Deus abaixarão a cabeça e não lhes tornarão resposta.

«Que insistam ainda:—«A vossa louca penitencia é um suicidio prolongado». —Não lhes redarguirão elles que um anno só de vida infrene nos prazeres e martyrios do mundo corta mais pelas forças, que dez annos de trabalhos. Ficarão calados: mas as suas veneraveis cãs dirão eloquentemente setenta annos, noventa annos, um seculo.— Clamem depois furiosos: — «Sai: deixai-nos os vossos mosteiros, que todas essas riquezas nos pertencem.»

«E elles sairão obedientes e sem murmurar, sem levarem mais nada que a sua cruz e as suas saudades. Os philosophos então que entrem, rindo de ufania, a tomar posse dos thesouros;— só encontrarão a pobreza. Sairão confusos, acharão o frade expulso, como a ave implume lançada abaixo do seu ninho, despojado até do seu habito, sentado numa pedra á beira do caminho, olhando ainda para o tecto, a cuja som-

bra envelheceu, chorando e fenecendo á mingua. O frade estender-lhe-ha de longe a sua mão veneravel, o philosopho voltar-lhe-ha as costas, imaginando que é a fome, — a fome, obra sua, que lhe pede esmola.

«Enganar-se-ha o philosopho.

«Aquella mão levanta-se pela ultima vez para lhe perdoar e abençoa-lo.»

Este quadro de tão vivas cores devido ao homem que soffreu pelo novo regimen, devia elle te-lo ouvido descrever centenas de vezes nas aldeias, aonde foram ficando abandonados, esquecidos e mortos esses velhos cujo crime era terem feito a Deus o sacrificio da sua vida!

O convento de fr. João, numa pequena terra do Alto Alemtejo, fôra a pouco e pouco ficando deserto. De dezoito frades professos, sete noviços, e uns nove leigos, que constituiam a communidade, só alli restavam, no meado de maio de 1834, um velho de mais de setenta annos, fr. Francisco da Fronteira, e fr. João, que nas temporas do inverno passado, com dispensa de edade, tinha sido ordenado de presbytero. O resto havia desapparecido; uns com os leigos, outros sós; uns para acompanharem as tropas de sua feição; outros fugindo a um mal que anteviam e não sabiam precisar, deixando o convento ao abandono.

E, comtudo, nunca a lampada se apagou no santuario; nunca a sineta — unica no campanario como casa rigorosamente mendicante — deixou de tocar para os officios divinos. A's duas horas da madrugada, o velhinho e o rapaz dirigiam-se para o solitario coro, rezavam matinas, e no ambito escuro da egreja, no meio do silencio da noite, as suas duas vozes echoavam como se fossem as de numerosa communidade. E quando á tarde, ao fim de completas, a voz tremula de fr. Francisco entoava o *Tota pulchra*, e lhe respondia a voz fresca e vibrante do companheiro, vindo a casarem-se ambas na rogativa final, tal emoção imprimiam ao canto,

que se sentia que era do coração que lhes vinha o calor das palavras.

Um ao outro ajudava á missa, e dos restos que seus irmãos deixaram nos armarios da cozinha iam-se alimentando... que de pouco precisa para viver um filho de S. Francisco.

Fr. João saía por vezes, alongava os seus passeios, e na volta contava o que sabia ao seu irmão, amigo e conselheiro. Nos primeiros dias de junho d'aquelle anno, as estradas alemtejanas começaram de ser transitadas por grandes magotes de soldados desarmados, e por destacamentos de tropas de linha. Eram os primeiros convencionados d'Evora Monte, que recolhiam ás suas provincias; constituiam os segundos soldados, que iam com guia de marcha formar as diversas divisões militares; visto que, tendo embarcado D. Miguel em Sines, e estando o regente installado no palacio d'Ajuda, se dava como finda a guerra fratricida.

De todos elles se temiam os dois frades.

Uma tarde invadiu o convento um grupo de miguelistas. Pediram de comer e de beber; e como nada havia que dar-lhes, comeram do que trouxeram ou roubaram aos habitantes; dormiram nas cellas, e no dia seguinte, lançando mão dos mais preciosos objectos do culto, seguiram seu caminho para Castello Branco, onde fôra marcado o logar da concentração, pelo governo, para os homens da Beira. Tinham saído das suas aldeias bons e christãos, voltavam máos e impios.

Foi isto alli por cinco ou seis de junho, e na quarta feira seguinte, onze, quando os dois frades rezavam *tercia*, ouviram que se approximava um ruido desusado. Seriam mais soldados?

Na egreja entraram uns homens relativamente bem vestidos, seguidos do poviléo do logar, e um d'aquelles, interrompendo a psalmodia, intimou os dois frades a que saissem d'alli; porque, dizia o intruso, por decreto do imperador, acabavam de ser extinctas as congregações religiosas; e elle e os seus adjuntos, alli

presentes, constituiam a commissão encarregada do arrolamento dos bens do convento. Mais accrescentou: — Que os religiosos d'aquelle convento estavam privados da clemencia da rainha porque, poucos dias arredados, haviam agazalhado a rebeldes, e consentido que elles levassem as riquezas da casa, as quaes riquezas eram bens nacionaes, se é que lh'as não tinham dado de boamente.

— Morram os frades, gritou a turba, que se imaginava já de posse do convento!

E os dous olhando-se mudos, viam e ouviam, sem perceberem o que significava tudo aquillo.

— Vamos, é aviar, gritou o mandão, ou saem por bem, ou vão á força. As ordens do senhor imperador hão de cumprir-se á risca. Não admitto rebeldia contra ellas!

O velho fr. Francisco, que capitulava, fechou mansamente o breviario, e terminou o versiculo do capitulo:

— *Esultent justi in conspectu Dei.*

Ao que fr. João respondeu:

— *Et delectentur in lœtitia.*

— Vamos! rua, gritou o delegado do imperador.

Então fr. Francisco, olhando de alto para aquella gente, como se em toda ella não houvesse poder de o amedrontar, subiu ao altar, abriu o sacrario e consumindo as poucas formulas que havia no vazo sagrado, deu uma a commungar a fr. João; deixando aberta a porta do sanctuario. Depois disse para o companheiro:

— Vamos, filho; que vamos com Deus!

E como se uma força prodigiosa os animasse e protegesse, atravessaram por entre a multidão, que se arredava para lhes dar caminho, aterrada com a vista do sacrario aberto!

Acostumados ás longas caminhadas do peditorio, com a sacolla aos hombros, os dois expulsos metteram-se a caminho; ambos em jejum, ambos sem

saberem que destino tomariam, ambos egual e completamente alheios a tudo que lhes estava succedendo.

As estradas no Alemtejo são longas, aridas e desabrigadas do sol, que mal desponta logo queima e aquece a terra convertida em brazeiro, do qual a mais leve brisa levanta nuvens de poeira finissima, que secca as guelas e escalda os olhos. Os grandes campos estavam já ceifados; do restolho curto e amarello saltavam bandos de gafanhotos; os mosquitos dançavam em enxames zumbidores. A grandes distancias alvejavam as casas, indicio unico de que naquelle deserto existia gente. Não era raro ver algumas d'ellas com as portas arrombadas; e se os dois se tivessem approximado verificariam que os celleiros estavam vazios, signal que da sua passagem deixavam as hordas vencidas e vencedoras. A retirada a quarteis de uns e outros ia causando os mesmos descalabros e prejuizos do que a avançada. Uns e outros estavam d'accordo, sem que fosse preciso estipula-lo em Evora Monte, que o lavrador seria quem effectivamente pagaria as custas da guerra.

O lavrador e o frade.

Se algum dos vencidos estropiado, sem forças, nem coragem, ferido e não se podendo arrastar, caía á beira da estrada, os outros arredavam-o para os vallados, e por caridade ahi o deixavam apodrecer e morrer. E era de sobre esses cadaveres insepultos, putrefactos, onde pullulavam milhões de vermes, que os dois caminhantes viam levantar-se nuvens negras de corvos tão famintos, como os outros que os tinham banido das casas que eram suas.

Seria perto de meio dia. Com as cabeças descobertas, e sobre as quaes dardejava o sol de junho, caminhavam os dois silenciosos, quando fr. João, parando, dirigiu ao companheiro as primeiras palavras :

— O padre-mestre deve de ir fatigado. Se quer descancemos naquelle monte. E indicava uma barraca branca, que se destacava sobre o fundo bronzeado d'um olival. E, sem se poder conter, como quem precisa

desabafar tudo o que de humano ainda havia em sua alma, deixou caír dos labios abrazados o anathema:— Malditos sejam elles!

Fr. Francisco envolveu-o num olhar meigo e doce e disse-lhe:

—Sabes do que levo pena?! E' de não ter podido trazer commigo, o meu pequenino livro da *Imitação de Christo;* por que te havia de ler uma pagina; e isso nos serviria de farto manjar para o almoço. Quando estiveres attribulado d'alma, lê aquelle consolador ineffavel e logo te sentirás tranquillizado. A pagina que te leria agora, seria aquella que nos manda recolher em nós mesmos, e de nunca ajuizarmos das acções alheias. Quem julga os outros perde o seu tempo. O engano é frequente, e o peccado facil; emquanto que, se empregarmos esse tempo em nos julgarmos a nós proprios, d'isso tiraremos proveito. O nosso juizo das cousas é determinado pelo interesse que lhes ligamos; e o nosso amor proprio immediatamente nos torna incapazes d'um juizo são e recto. Se as nossas intenções e os nossos desejos se dirigirem a Deos; isso facilmente evitará que sejamos perturbados, quando qualquer cousa nos repugne. Que bello livrinho aquelle, João, que bondoso guia nos tormentos da vida! Cada uma das dores humanas encontra alli a consolação que lhe convem. Escripto ha quatro seculos, parece que foi feito hontem e para as cousas d'hoje, tanto a alma é immutavel e o mesmo sempre o coração. E, para acabar a minha predica, que não é debalde que se foi professor de theologia paranetica durante trinta annos, e ao mesmo tempo legar-te o meu espirito, que é o do nosso Santo Patriarcha, como herança, só repetirei mais um trecho, e vae em latim, para não perder o seu suavissimo perfume: «*Propter diversitatem sensum et opinionum satis frequenter oriuntur dissensiones inter amicos et cives, inter religiosos et devotos.* E, agora, vamos ao nosso officio: esmollar para comer; e depois continuaremos caminhando e rezando *sexta* e *nôa*. Era assim que caminhava S. Francisco e

o seu santo companheiro,... e que elle nos perdoe a comparação.

— Mas o santo sabia onde ia?

— E não sabemos nós que a viagem da terra deve de ser caminho do ceu? Pois façamos a diligencia por não nos desviarmos d'elle.

E dirigiram-se ambos para um monte, em cujas paredes brancas o sol batia de chapa.

Como apressasem um pouco mais o passo, fr. João sentiu-se agarrado rapidamente pelas mãos tremulas do companheiro; mas, quasi simultaneamente, os engelhados dedos, faltos de força, abriram-se e o velho, perdido o apoio que instinctivamente buscara, teria caido no chão, se o rapaz, passando-lhe o braço pela cinta, o não amparasse na queda. Sentiu que tinha um fardo inerte sobre si; olhou e viu livida a face do velho frade, as olheiras negras, os labios pendentes, os olhos cerrados. Afflicto, convulso e tremulo pousou o corpo do seu santo amigo em terra. Investigou com a vista á roda de si, e só viu a solidão; apurou o ouvido e nada ouviu senão o zumbido dos pequeninos insectos, dançando num ar carregado e abrazador. As portas do monte estavam fechadas. O que fazer? Fr. Francisco não dava signal de vida, e o seu corpo estendido por terra parecia enorme. Conforme pôde levantou-lhe o busto, encostou o a uma arvore, e agarrou lhe na mão como quem o quer reanimar com as suas supplicas, chama-lo á vida com o som da sua voz.

— Ouve-me, padre-mestre? Sou eu, sou o seu filho dilecto, o seu discipulo amado?!

Ao fim d'alguns instantes o velhinho, como que galvanizado pelo som d'aquella voz sympathica, que lhe ia ao coração, entreabriu ligeiramente as palpebras, os seus olhos de luz mortiça fitaram-se em frente e com um pequenino estremecimento da mão, que o discipulo apertava nas suas, fez-lhe conhecer que ainda o ouvia. Os dedos, então, distenderam-se, como se no esforço que fizera perdera o resto da energia vital. A

respiração e o pulso diminuiram e os olhos semiabertos envidraçaram e deixaram de vêr. Tinha findado a rapida e suave agonia. O velho expulso estava morto.

Sem poder chorar, numa tremura de todo elle, fr. João ajoelhou junto do cadaver do que fôra seu companheiro d'exilio, seu mestre, seu amigo, seu exemplo vivo, como se ajoelhasse aos pés d'um santo, sem saber se devia entoar em seu louvor um *Te-Deum*, se rezar-lhe o supplicante *Subvenite*, do officio de defuntos.

Fôra assim que o seu patriarcha S. Francisco morrera, deitado na terra, nos braços da sua *Dona Pobresa*, dizendo aos seus filhos :

«Fiz o meu dever, que Christo, agora, vos ensine o vosso.»

Era a verdadeira imagem do *Pequeno Pobre*, do *Minimo* entre todos. O burel do habito recortava-se na terra aspera e secca; a face, que parecia modelada em cera, conservava a physionomia serena d'um velhinho adormecido á hora da sésta. Fr. João perdeu completamente a noção da actualidade. Era S. Francisco que elle via, junto de quem se achava por especial favor de Deus. Não tinha que rezar por aquelle morto, mas sim, como o Patriarcha, na hora extrema, de cantar um psalmo de intimo jubilo, e ferverosamente começou entoando :

Voce mea ad Dominum clamavi !

E quando proferiu as ultimas palavras do psalmo, ficou como que embriagado num extase ineffavel, porque se as visitas da morte são sempre terriveis, o fim dos justos é o espectaculo mais consolador que se póde gosar na terra.

Escondeu-se o sol no horizonte afogueado, e fr. João continuava mudo e extatico junto do cadaver do velho egresso. Operava-se nelle esse phenomeno que se segue ás grandes dôres, que é como que uma pa-

ralysação do raciocinio; um passar rapido de successivas imagens, que se não fixam, que se intromettem umas pelas outras, como acontece nas vigilias febris e que nos conservam num estado de absoluta inconsciencia do mundo exterior. Os sons abafados e rythmicos d'um adufo, as vozes plangentes d'um côro de mulheres despertou-o da lethargia. Era a gente que recolhia das eiras processionalmente, gravemente, ao compasso de toadas languorosas, que os arabes trouxeram dos desertos e o alemtejano adoptou e conserva.

Um magote d'alguns homens e mulheres destacou-se do grande grupo e dirigiu-se para o monte.

Chegados que foram ao pé dos frades pararam todos para receber a benção, e quando souberam da grande desgraça, homens e mulheres ajoelharam e rezaram um devoto *Padre Nosso*. Quizeram transportar o cadaver para o convento, mas um resto de odio de homem fez com que fr. João se oppozesse a isso e supplicasse que alli mesmo o enterrassem, quando alvorecesse a manhã, e que o deixassem a elle passar a noute, orando e velando.

Nunca uma noute breve de junho lhe pareceu tão longa!

Depois que a chegada da gente do monte o despertou da somnolencia e prostração em que jazera, sentia-se mal disposto e por vezes começava a desfallecer, tinha vertigens rapidas e necessitava de empregar a pouca energia que lhe restava para não caír em deliquio. Depois lembrou-se que nada tinha comido durante o dia e pelo seu enfraquecido e trastornado espirito passou a idéa de não tornar a comer... para mais depressa acabar com as attribulações d'este mundo. E, durante momentos pensou com delicias no supremo goso de ficar socegado, quieto, estendido, morto na mesma cova que se ia abrir para aquelle que tanto amara na terra. Mas isso seria um crime! E, como se o peccado do pensamento precisasse de expiação começou de rezar, sem descanço, os psalmos penitenciaes.

Alta madrugada, os homens do monte abriram piedosa cova, sob a ramaria escura d'um velho carvalho, e nella depositaram o cadaver. Fr. João trocou os diurnos, deixando o seu sobre o peito do morto e guardando o d'este como reliquia.

Cheia a cova, foi pregada uma cruz no tronco da arvore. Fr. João assistiu a tudo com apparente serenidade; rezou as orações da encommendação e quando os homens se iam a retirar disse-lhes:

— Ahi vos fica o cadaver d'um santo que morreu martyr, se é que ainda póde haver santos no mundo. Elle intercederá por aquelles que lhe deram o abrigo da cova; já que não quiz amaldiçoar os que o expulsaram de sua casa. E, agora, quem me dá um bocado de pão pelo amór de Deus?

Sentia, não a necessidade, mas a obrigação de viver, para cumprir na terra a obrigação que Deus lhe impuzera. E comendo o bocado de borôa que lhe offereceram, depois de ter lançado a benção aos que o cercavam, afastou-se lentamente pela estrada fóra, seguindo direcção opposta áquella em que ficava o seu abandonado convento.

Começou então para elle uma vida nomada, de peregrinação vagabunda como fôra a dos primitivos franciscanos. A's aldeias ainda não tinha chegado o fanatismo do odio ao frade, nem a muitas a noticia da sua expulsão. O frade pedinte não assustava ninguem; homens, mulheres e creanças acercavam-se d'elle, beijavam-lhe o cordão, tomavam-lhe a benção, e seguiam, ou deixavam no andar seu caminho. Se encontrava uma ermida ou capella onde podesse celebrar missa não se eximia a faze-lo; se o queriam ouvir prégar, se lhe pediam para ajudar a bem morrer algum agonizante, não se negava a falar-lhe de Deus e não o abandonava sem ter visto o cadaver baixar á sepultura no chão das capellas.

Foi Abrantes a primeira cidade em que entrou. A gente, que elle cuidava civilizada apupou-o. Pediu esmola, negaram-lh'a. Um subprefeito qualquer intimou-o

a despir o habito, visto que a portaria de 3 de junho prohibira o uso d'elles, e concedera um mez para os frades o trocarem por outras vestes; e a rigorosa auctoridade expunha que já se achavam a 4 de julho. Fr. João lembrou-se que em tal dia a Egreja rezava de Santa Isabel, que tinha vestido o habito de terceiro do seu padre S. Francisco; e lamentou que no throno portuguez não tivesse ficado, com os Braganças, a tradição do seu espirito. Assim que a authoridade o largou fugiu; retomou as azinhagas das aldeias, e como um salteador ameaçado, ou guerrilheiro com a cabeça a preço, passava os dias á sombra d'alguma arvore, para não ser visto, quando transitava nas proximidades de povoação mais importante; e de noute seguia pelos semedeiros asperos e tortuosos do Valle do Zezere, e assim chegou ás encostas da Louzã.

Por toda a parte, até alli, só tinha encontrado vivos, acerrimos, sanguinarios os odios, implacaveis as perseguições. Os prelados ou os seus vigarios geraes andavam azafamados na faina de inquirirem dos actos politicos dos parochos e religiosos para os apontarem á ferocidade de Joaquim Antonio d'Aguiar. Eram elles que organisavam essas longas listas de proscripções, que o governo lhes agradecia e galardoava como outros tantos serviços prestados á corôa e á patria! Por toda a parte encontrava sacrilegios, ruinas e mortes! Nunca pensara que se podessem dar tantos roubos e desacatos nas egrejas; nunca imaginara que a bandeira que se tinha hasteado em nome da *Liberdade* acobertasse tanta tyrannia e oppressão! No seu espirito, quasi intacto das cousas do mundo, tinha lançado uma profunda perturbação a palavra do sub-prefeito d'Abrantes, quando, tendo-lhe imposto brutalmente que despisse o habito, cujo uso jurára conservar durante toda a vida, terminara a arenga dizendo, no meio da plebe que o applaudia, «que o imperador, desembarcando no Mindello, tinha promettido que daria protecção aos inermes, e teria generosidade para com os vencidos». E elle inerme e vencido era tratado como fera damninha!

E, na illusão de que quanto mais subisse mais se afastaria dos homens e aproximaria de Deus, galgou até os espinhaços da serra. Não sabia onde estava. Via mais serras ao longe; e entre elle e ellas as ondas d'um oceano, cujas vagas eram formadas pelas ramarias dos pinhaes, das oliveiras e castanheiros, ao meio das quaes se eriçavam as negras cristas das penhas e dos fragões. Pelos dias de grande calor um como que nevoeiro se levantava da coma das arvores e velava com a mesma tonalidade pardacenta todas as cadeias dos cerros que se iam uns a outros sotopondo. Ao descair da tarde o sol mergulhava nesta penumbra como um globo de fogo e elle abysmava-se na sua contemplação, como na d'um symbolo que lhe mortificasse a alma. E foi-se embrenhando por ahi fora, até que um dia, um domingo, ao amanhecer, caiu extenuado e quasi sem alentos junto á porta da capella da minuscula povoação da Fragoa.

Tinha a barba crescida, os cabellos revoltos, as faces queimadas, os olhos fundos, o pobre habito enxovalhado e roto. Pelos caminhos tinham-lhe ficado desfeitas as sandalias e os pés mortificados e feridos estavam cobertos de cicatrizes e sangue! Um dos da aldeia perguntou-lhe se era frade de missa; e á resposta affirmativa pediu-lhe que celebrasse; por que havia cousa de dois annos que o parocho tinha partido para se ir juntar a uma guerrilha, e nunca mais tornaram a ter missa, nem quem lhes administrasse qualquer sacramento.

Então tangeu o sino, mudo durante tanto tempo, e as suas badaladas echoaram jubilosamente no coração de toda aquella gente, e todos se davam pressa em vestirem o que tinham de mais limpinho e garrido. Estavam felizes. Por certo o bispo havia encontrado um padre que se ia sujeitar á miseria d'aquelle pé d'altar! E com que alegre devoção homens, mulheres e creanças correm a assistir á missa celebrada por esse frade maltrapido, roto, e vagabundo! Que lagrimas correram por todas as faces quando elle, com a uncção de quem

tem soffrido muito, sem nunca ter desesperado da acção da Providencia, se voltou ao evangelho, e evocando o espirito do seu santo mestre, glosou, para os que o ouviam, as ultimas palavras que o egresso, quando moribundo, lhe gravara nalma, tirando-as para seu ensino d'elle das palavras inspiradas da *Imitação.* E o sol entrando pela fresta do frontão, e dourando a poeira do ar, parecia um raio de luz celeste, que trazia a todos os corações o apaziguamento e a esperança de melhores dias. Então quando o sacerdote ergueu a sagrada hostia, resoou em unisono um *Bemdito e louvado seja,* que por certo Deus recebeu com agrado, porque nunca lhe entoaram louvor mais puro, mais espontaneo, nunca sobre a pedra do altar lhe cairam mais sinceras lagrimas!

Acabada a missa propuzeram-lhe que ficasse alli, que elles iriam falar ao bispo. Tres ou quatro dirigiram-se ao arcipreste, que quiz ver frei João. Expoz-lhe este toda a sua vida; e como não houvesse quem se prestasse a ir parochiar naquelle ermo miserrimo, ficou authorizado a faze-lo, até nova ordem. Mas essa ordem nunca chegou, porque a pobreza continuou a ser o apanagio do passal.

O grito d'alma que fr. João exhausto de forças tinha dado, pedindo a Deus que o não abandonasse, foi seguido d'uma prece fervorosa, intensa, profunda de quem se sente ferido na crença que sempre o amparara. Começava a duvidar, não da existencia de Deus, mas da acção da Providencia sobre o mundo; da sua intervenção directa nos actos dos homens; porque d'outra sorte elle não se veria sempre subjugado, vencido pelas iniquidades. Tudo que na vida o rodeava se conjurava para facilitar o caminho dos grandes e felizes da terra, a preço do suor, do trabalho, da vida escrava dos pequenos. Onde estava Deus que não via ou não queria ver esse triumpho constante do crime?

E o pobre egresso, descendo pelos semedeiros do monte para o seu presbyterio, sentia em si a perturbação que na consciencia produzem os germens da primeira descrença, e que iam nelle alterando o antigo e tranquillo funccionamento das suas limitadas faculdades. Succediam-se e atropellavam-se no seu espirito os mais contradictorios principios; e as extraordinarias conclusões que produzia esse tumultuar de cousas nunca até alli pensadas, nem entrevistas, assustavam-o e aterravam-o. Verdade é que a doutrina tradicional, aquella que assimilara com o leite materno,

a que estudara e cultivara no seu convento, modificava, transtornava, impedia até o desenvolvimento logico d'algum d'esses principios melhor e mais fortemente estabelecidos; mas a duvida, o medo, o horror de cair no abysmo da descrença torturavam-lhe o animo, oppri·miam-lhe o coração, tornavam-o mil vezes desgraçado. Succediam-se nelle os sobresaltos da consciencia. Dos esforços de querer penetrar o segredo mysterioso da creação e do Creador, resvalava na rede inextricavel dos mysterios da religião de que era ministro, e, por vezes, nos reflexos fulvos que o sol fazia chispar d'um ou outro veio d'agua deslisando em fio pelas rochas, parecia-lhe ver uma frincha aberta do inferno! Então apressou o passo, afim de se ir refugiar na egreja, em frente do altar, onde, prostrado em continua supplica, esperaria que fosse vencida a tentação.

Neste labutar deprimente passou alguns dias, recolhido a um canto da sua egreja, jejuando e orando, sem se atrever a sair d'aquelle logar d'asylo e conforto. Que feliz elle seria se juncto a si ainda tivesse o seu bom e santo padre-mestre, impedindo-lhe de cair em precipicios com a sua moral tão sã, tão ampla, embora toda impregnada d'um profundo mysticismo! Santo! sim, santo é que elle era, e devia-lhe repugnar esse discipulo que não sabia imita-lo nos trabalhos da vida, segui-lo na caminho da fé, que elle lhe indicara e ensinara, que não tinha coragem para a abnegação de que o seu Patriarcha, imitando a Christo, lhe dera o exemplo.

E se elle fosse em peregrinação á sua sepultura? Se alli, rojando-se no chão, implorasse ás suas cinzas o consolo que na oração não encontrava e que Deus lhe parecia negar? Tal idéa, pensada dia e noute, assumiu a intensidade d'uma verdadeira obcessão invencivel, d'um estado doentio incuravel. Cedeu a ella, e, numa madrugada de maio, tendo vestido sobre a pelle, em vez de camisa, o velho habito franciscano, que sempre conservara pendurado junto do catre onde dormia, e envergando sobre elle a batina, que o escondia

aos olhos do mundo e dos cabos de policia, encetou essa sua peregrinação, como a d'um bispo *ad sacra limina*, para buscar não a confirmação de poderes hierarchicos, mas a da crença, que sentia esvair-se-lhe.

Lembrou-se, ao dar os primeiros passos fóra da aldeia, de refazer a primitiva viagem. Mas sabia acaso os caminhos que tinha transitado quando fugia das grandes povoações, atravessando mattos e pinhaes evitando aqui os soldados em magotes indisciplinados, acolá as authoridades soffregas de maltratarem todos que por vontade ou á força tinham saído dos seus conventos, e mui principalmente os que conservavam os habitos? Metteu-se á estrada direita; pernoitando nas estalagens que encontrava, visto que albergarias e hospicios conventuaes tinham deixado de existir. Ao cabo de dez dias estava a pouco mais d'uma legoa do seu convento, quando o sol nasceu, e no mesmo sitio onde perdera o companheiro. La estava a casa do monte. Mas... a estrada não era a mesma!... faltavam sobreiros!... E o coração apertava-se-lhe á medida que ia avançando. Sim... o sitio era o mesmo... Mas onde estava o carvalho frondoso onde pregara a cruz? Talvez o tempo tivesse destruido esta... um tufão derribado a velha arvore. Mas os ossos do santo saberiam atrai-lo lá da cova onde jaziam. Passa um pastor. Interroga-o, e d'elle sabe que a estrada tinha mudado de rumo, que no local da velha arvore se fizera uma excavação, e que os ossos, se lá existiam ao tempo, foram por certo atirados, com o resto da terra, ao aterro que enchera uma cova um pouco mais adiante.

Nada! Nada lhe restava, pois, na vida. Nada! nem quasi que a crença!

Se lhe não veiu uma blasphemia aos labios, escaldou-lhe o coração; e as lagrimas recusaram-se a mitigar-lhe o ardor dos olhos seccos.

Caminhou mais uma hora, e avistou o campanario do seu antigo convento. O coração batia-lhe como a querer-lhe saltar fora do peito. Foi-se aproximando, querendo demorar o passo, mas estugando-o involun-

tariamente. Parecia-lhe que ouvia o som do unico sino bater as badaladas do meio dia. Turvou-se-lhe a vista; sentia vertigens, e de novo não queria avançar, mas accelerava o passo. Coberto de erva estava o adro. Sem tinta a porta da egreja, velha e fechada. Por cima da verga da janella, que dava luz ao coro, uma polé de ferro com roldana. Nada perguntou. A egreja, a sua egreja, onde recebera o habito e depois professara, estava convertida em palheiro! E provavelmente os claustros, onde outr'ora passara as horas do calor, á sombra das suas modestas e alvas abobadilhas, com o seu jardimzinho de laranjeiras ao meio, essas lages debaixo das quaes repousavam tantos corpos de justos e bons e até sabios estavam por certo convertidos em córtes e estabulos! Não quiz ver, não quiz saber, e como se uma furia o perseguisse, voltou a refazer o caminho feito, na direitura da sua humilde Fragoa.

O tempo foi correndo, passado umas vezes em crises de desespero, que fr. João procurava mitigar subindo para a serra, cançando-se em longas correrias, ou internando-se na egreja e absorvendo-se em praticas d'uma devoção exagerada, mas arida e inquieta. Outras vezes, e essas menos repetidas, — entregue a um suavissimo apaziguamento do cogitar — como que adormecia para a reflexão, para deixar livre todo o desafogo ao sentimento. Na acuidade das crises, quando na missa chegava á consagração, apoderava-se-lhe do corpo um tremor violento, empallidecia-lhe a fronte, o suor banhava-lhe as faces, e era desfigurado, livido, fechando os olhos á luz, que elevava hostia e calix. Assim que era terminado o sacrificio, desparamentava-se á pressa e fugia a perder-se por entre as penedias da serra. Quando, porém, o apaziguamento d'alma o dominava, e como que o ungia, quando se sentia tão crente como no momento em que depositara na cova, á beira da estrada, o cadaver do que fôra seu mestre venerado, ás palavras tremendas que realizam a transubstanciação o rosto illuminava-se-lhe, e como que

absorto, extatico, feliz, com pena terminava a missa, e se deixava depois ficar por largo tempo numa fervorosa acção de graças. Percorria as ruas da aldeia, afagando as creanças, consolando os tristes, suavizando todas as agruras da vida, que se lhe deparavam no caminho, com a uncção da sua palavra.

Foi numa das tormentas de desespero que, certa noute, mal começando a descançar d'uma das terriveis perturbações mentaes, acordou sobresaltado como quem desperta ao som d'um ruido extranho, que perto se fizera ouvir.

Pela janella, de todo aberta, entrava uma lufada de frio mordente. Correu a ella e escutou para fóra. Nem o mais leve rumor ouviu, a não ser o do marulhar do regato, que na sua travessia pela povoação, perturbava a solennidade calma d'uma formosa noute de dezembro. Olhou á roda e os esqueletos esgalgados e negros das arvores sem folhas, envolvidos pela luz fria da lua, projectavam a sua sombra sobre as paredes alvas da egreja. O quadro era sinistro. Sentiu que se lhe arripiavam as carnes, e para fugir á tortura d'aquella visão funebre levantou os olhos ao firmamento. O brilho das estrellas era tal que atravessava a claridade da lua, já no seu quarto minguante, reclinada no azul profundo. Inundado d'ineffavel consolação clamou num impeto enthusiastico: *Cœli ennarrant gloriam Dei!* E deixou-se empolgar pela suave embriaguez da tranquilidade d'alma, na paz e união com o Creador!

Mas, repentinamente, pareceu-lhe ouvir de novo o mesmo ruido que ha pouco o tinha despertado. Quiz ver o que seria. Saiu de casa; empurrou a porta da egreja, que, de costume, apenas ficava cerrada; mas, no momento em que ia a entrar, a lampada do santuario, que bruxuleava sem brilho, despediu o derradeiro clarão e extinguiu-se. Então eriçaram-se-lhe os cabellos, estremeceu-lhe o corpo tomado d'um calafrio geral, zumbiam-lhe os ouvidos, o coração anceava desordenado, a vertigem fazia com que o chão lhe faltasse

debaixo dos pés, e todo o seu ser se sentiu paralysado. Fez um esforço sobre si e enveredou pela porta, que lhe era indicada por um rasto livido da lua, e correu a refugiar-se em casa sem se atrever a olhar para traz. Agarrou no breviario do santo, e, ao acaso da abertura, começou, para se concertar e ter companhia, a ler em voz alta psalmos, responsorios, hymnos e antiphonas, até que a alva despontou, e a sineta o preveniu que tinha de ir celebrar missa.

Mas desde então nunca mais se atreveu a entrar na egreja ás escuras.

Tinha medo!

— De quê?

Que do sacrario, como da sarça ardente do Sinai, saisse a voz tremenda de Deus?

Mas se era essa voz, e se era um tal prodigio que elle suplicava a todos os instantes para socego de sua alma?

Assim pensava, assim desejava; mas o medo invencivel, o terror das cousas santas, a escuridão do templo, a lembrança d'aquelle ruido que elle ouvira com os ouvidos, mas que nunca soubera o que fosse, causavam nelle o mais continuo dos tormentos, a mais cruel das agonias!

Tão rigoroso ia correndo o inverno, inclemente e frio, batido dos ventos de nordeste, que os lobos desciam dos fojos e atreviam-se a correr famintos e aggressivos pelas viellas da aldeia. Presentiam-os os cães, e ladravam enraivecidos, saiam os homens a acossa-los e se alguma das féras caia morta, ferida de bala, nem por isso diminuiam as alcatéas. As noutes eram agouradas por sinistros uivos; e os grandes molossos dos rebanhos traziam nas pelles rasgadas os vestigios das luctas, travadas a unhas e dentes.

As communicações com uma ou outra cabana isolada dos arredores estavam quasi que interrompidas; os pastores recolhiam o gado com o cedo, e ninguem se atrevia a transitar alem da povoação, a não ser de companhia, armado e sol fóra.

Já tinham batido as tres horas d'um rapido dia de inverno, quando, junto de fr. João, que estava sentado á porta, absorto na habitual melancolia, com o breviario esquecido sobre os joelhos, chegou um pequenito, descalço, rotinho, tremendo de frio, e lhe disse: que o pae, que morava lá em cima do outro lado da Portela, estava a morrer.

— E tu vieste sozinho pela serra? E queres que vá sacramentar teu pae? Pois irei; e por onde tu passaste, sem perigo, por que não me aventurarei eu?

A atmosphera carregada, e o ceu d'um cinzento uniforme, o ar parado, tudo annunciava a proxima queda do nevão.

E se este nos surprehende na serra? Se os flocos brancos, accumulando-se uns sobre os outros lhes escondessem os trilhos a seguir, e os levassem a esses alagadiços que o servum traiçoeiramente disfarça? Se os caminhos se tornassem escorregadios, e os lobos, espreitando-os longamente, se atrevessem a assalta-los e a devora-los? A elle pouco se lhe dava; mas aquella creança? E o dever a cumprir; e o agonizante que esperava o conforto da visita do viatico, para cerrar para sempre os olhos com tranquilidade?

Não quiz pensar mais. Vestiu a sobrepeliz e poz a estola. Encerrou uma formula, que tirou da pixede, numa pequena caixa de latão, que pendurou ao pescoço, juntamente com outra que continha os Santos Oleos; envergou um gabão, disse ao pequeno que pegasse numa lanterna, cujo coto de cera accendeu, e pozeram-se ambos a caminho.

.Andando bem, e o frio lhes faria estugar o passo, d'alli a duas horas estariam de volta a casa.

Ennegrecia o céo cada vez mais, e muito ao longe ouviam-se os uivos dos lobos, que faziam arripiar as carnes.

Na descida d'uma das encostas, em que os calháos movediços não deixavam firmar os pés, e aonde o caminho era apenas um estreito carreiro, tendo a um lado o precipicio, e do outro fragoas a prumo, ne-

gras e sem uma fenda que désse presa ao mais rachitico lichen, começaram a dançar no ar os flocos de neve, que dentro em pouco se esfarraparam, succedendo-se uns a outros, precipitando-se e caindo cada vez mais densos e mais numerosos, e na fimbria da penedia appareceu a figura escura d'um lobo, correndo par em passo com o sacerdote e o seu pequeno acolyto.

— Um lobo! murmurou a creança.

— Não te assustes!

— E ainda nos não viu?

— Por que?

— Porque ainda vamos com fala.

— Socega, que Nosso Senhor vae comnosco!

....

Iria?!

....

E o velhinho apertava nas mãos a caixa com a sagrada formula, e em voz sumida clamava:

— Um milagre, Senhor! um milagre; não para mim, que o não mereço, mas para esta creança!

Continuava caindo neve; o ceo escurecia cada vez mais. Os dois caminhavam com os cabellos hirtos, e o lobo com passo certo, cauda descaida, e como que indifferente, seguia-os pelo bordo da ribanceira. Esta ia descendo, emquanto que no caminho trilhado, se suavizava a rampa aspera, e já a pouca distancia se via o ponto onde esta se juntaria com a crista do socalco. Alli por força a fera daria de frente com elles. Mudar de direcção era impossivel; retrogradar inutil. Fôra uma imprudencia metterem-se a tal hora a caminho e desacompanhados. Repentinamente fr. João cobrou novo animo; a fera desapparecera, quem sabe se assustada pelo clarão vermelho que a luz da lanterna projectava nos vidros embaciados pela neve. Quem sabe mesmo se não se teria afastado de todo!

Chegados ao plató, branco em toda a extensão a perder de vista, brancos os cabeços dos rochedos, nada mais se via senão os flancos negros dos fragões rasgando a alvura do immenso lençol.

Fr. João animou a creança:

—Não te disse que Nosso Senhor ia comnosco!

Ambos se apressaram, orientando-se para os grandes penhascos, de formas caprichosas e incoherentes, que fechavam o horizonte, e entre os quaes existia a cabana onde agonizava o pastor.

Algumas centenas de passos mais, e estariam abrigados, e elle padre teria cumprido a sua missão sacerdotal. A tarde ia sendo noute. Ambos faziam esforços para caminharem sobre a neve escorregadia, e era visivel que a pobre creança, transida de medo e frio, estava exhausta de forças. Escorregava a miude, e os olhos congestionados quasi que já não viam; até que, dando um passo em falso na aresta d'uma depressão do terreno, perdeu o equilibrio e resvalando e caindo, levou comsigo a lanterna, cujos vidros se esmigalharam e a luz apagou! Correu o padre a levanta-la, mas não tão depressa que não visse surgir o vulto escuro do lobo, precipitar-se d'um salto sobre a creança, pousar-lhe as garras sobre o tronco e cravar-lhe os dentes no hombro. Então não pensou, não reflectiu, e num impeto de febril enthusiasmo, gritando:—um milagre, Senhor! um milagre! atirou-se sobre o animal e cingiu-lhe o pescoço com as duas mãos; os dedos magros enterraram-se no pello eriçado da fera, que, dando um uivo, largou a presa e pretendeu voltar-se.

—Fóje! diz o velho, fóge!

E o pequenito, conforme pôde, escorrendo-lhe sangue do hombro lacerado, levantou-se e deitou a correr.

A fera fincava as patas em a neve, onde as garras faziam sulcos, sem comtudo se poderem firmar solidamente, e ao mesmo tempo fazia esforços para se voltar; mas os dedos do velho pareciam de aço, e não lh'o consentiam. Num dos esticões do lobo os pés de fr. João resvalaram, e elle caiu, sem comtudo alargar os dedos, fortes, rijos pela crispação d'uma extraordinaria tensão muscular. Estorcia-se o lobo, rolavam os dois por sobre o gelo, mas o velho, voltando as mãos,

como quem faz girar uma gollilha e conservando os braços hirtos, conseguiu pôr um joelho em cima do animal. Então as garras em arremettidas d'um furor convulso feriam o no rosto, rasgavam-lhe as roupas, laceravam-lhe as carnes, mas elle percebia que mais alguns momentos d'estrangulação e a fera deixaria de existir. Escancarava esta as fauces num estertor ululante, saia-lhe a lingua, envidraçavam-se-lhe os olhos, e fr. João apertava, apertava, apertava cada vez mais, até que um estremeção violento do animal, e a distensão dos seus membros lhe annunciaram a morte proxima. Foi, então que, fazendo um derradeiro e energico esforço, fr. João conseguiu pôr-lhe os dois joelhos sobre a barriga.

Quando os homens na aldeia souberam que o seu parocho tinha partido para a serra sem cão, e sem companheiro, e viram que o nevão começava de cair, e que, portanto, a noute se anteciparia, resolveram ir-lhe no encalço, receando um perigo, uma desgraça qualquer.

Adiante seguiam os cães latindo e farejando por todas as fragoas; não cessava de cair a neve, e o dia já mal alumiava, quando os rafeiros estacaram junto d'um vulto negro. Correram os homens, e sobre o corpo estendido do lobo encontraram fr. João curvado, immovel, com as mãos fincadas no pescoço da fera.

— Não sei se está ou não morto; só sei que já não meche. Ajudem-me a tirar d'aqui.

E quando dois dos chegados o tomaram pelos braços, para o porem em pé, sentiu elle que os dedos estavam paralysados, que não lhe obedeciam á vontade, que os não podia desligar do pescoço do animal.

Então, um dos homens, a seu pedido, foi-lhos abrindo um por um, a custo e como quem faz girar um gonzo enferrujado, até que, abertos todos, pôde largar o cadaver do lobo.

— E agora acompanhem-me, ajudem-me a ir levar a extrema consolação ao pobre agonizante, se ainda fôr tempo.

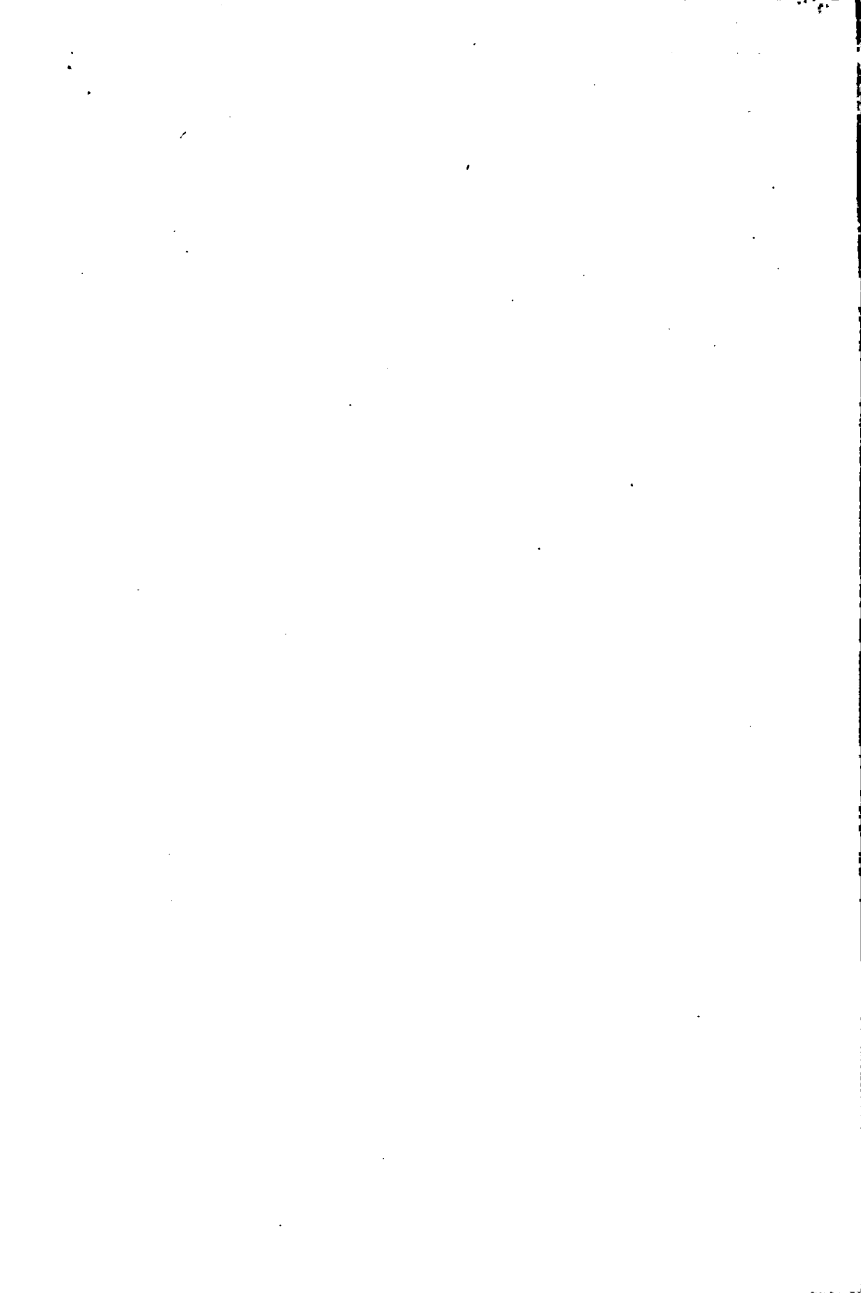
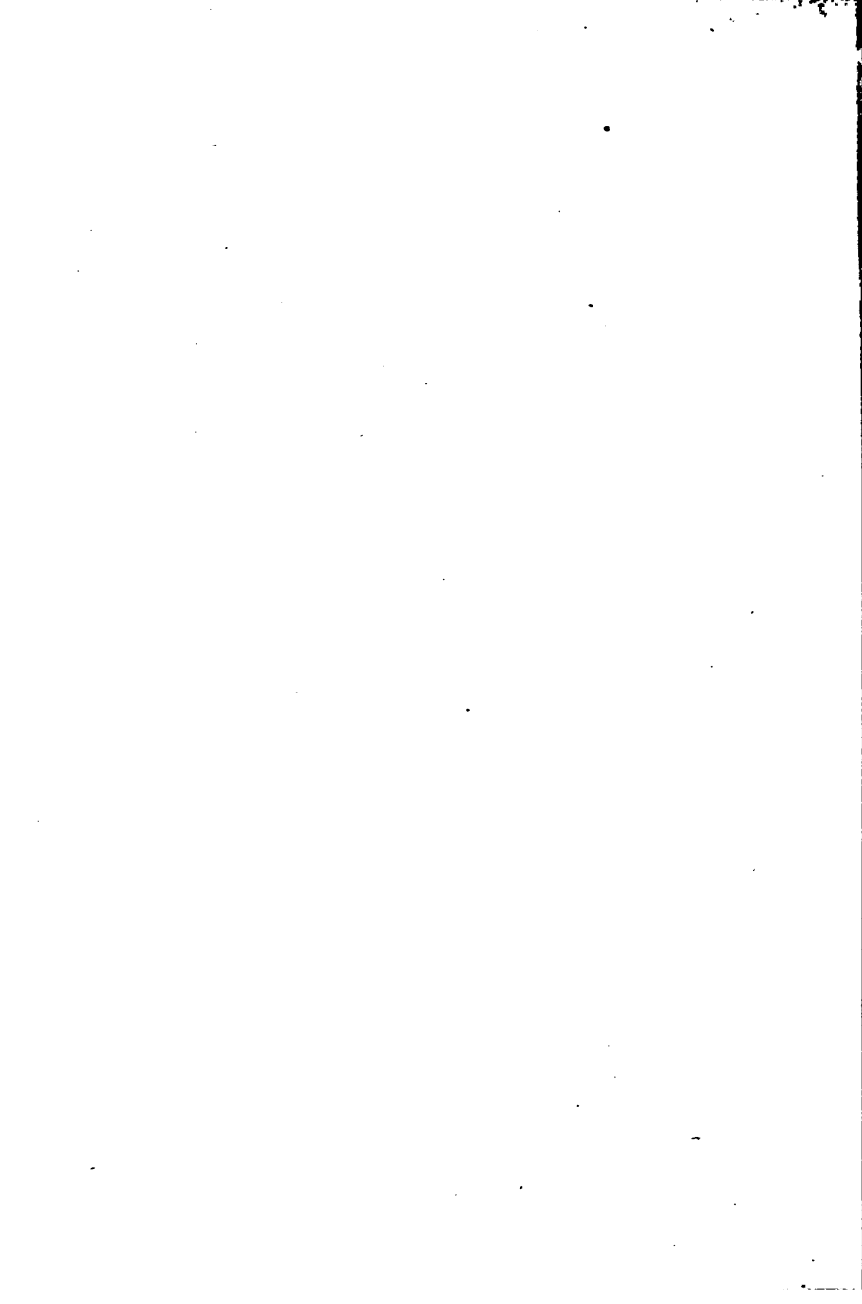
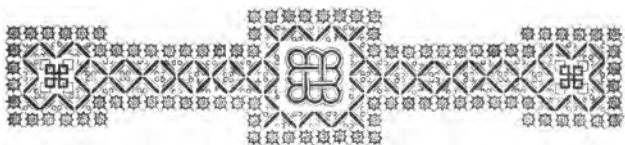
E, procurando compor as roupas rasgadas, roçou na caixinha que trazia ao pescoço com a sagrada formula. Estremeceu, saltaram-lhe as lagrimas aos olhos, e num fervor extatico não se atreveu a tocar naquella nova arca d'alliança, e pensou se elle, velho, fraco, exhausto tinha vencido a fera, é porque do ceo lhe viéra a força, é porque Deus se lhe manifestara nesse milagre, tão largamente supplicado, é por que era Bom, era Justo, era Santo, era sobretudo Misericordioso para com elle!

E quando depois de ter sacramentado o agonizante, lhe cerrou os olhos, invejou-lhe a sorte; por estar já naquelle momento na presença do eterno Creador.

A custo os homens o trouxeram para a aldeia, e o deixaram em casa.

Quando só, envergou o seu velho habito de franciscano, cingiu-se com o cordão seraphico, lançou mão do breviario do santo, foi para a egreja, ajoelhou no supedaneo d'aquelle altar onde tantos annos antes vagabundo e roto tinha celebrado a missa que o vinculou áquella gente e curvado beijou o chão.

Na manhã seguinte encontraram-o sentado d'encontro ao frontal com uma suavissima expressão de jubilo no rosto macerado.

E os que o viam choravam e clamavam: que tinha morrido um *santo*!

TIBAES

Imperio Regis *Martinus* construit ædem
Martini in Sylvis, regia *Sylva* novat.

Durante a noute tinha caido neve abundantemente pelos campos e montes ao redor de Braga. Pelas clareiras que deixavam as nuvens brilhava, por vezes, o sol num rasgão de ceo profundamente azul e limpido. Soprava o vento norte, mordente e aspero, fustigando-nos, a compassados intervallos, com miudos granizos, ou finos chuviscos. Os poetas modernos encontrariam neste estado d'alma das cousas, — porque parece effectivamente provado que *tudo* tem alma, — o quer que fosse de extraordinario, que expressariam numa linguagem ainda mais extraordinaria. Eu, porém, contemplador mudo, se admirava a continua mutação do espectaculo que se desenrolava por cima da minha cabeça, se me enlevava nesse ceo d'onde vinha a luz que a cada minuto, a cada correr de nuvem mudava o colorido da paizagem triste do inverno, aproximando-me agora os planos, para logo m'os afastar, dando num relance brilho ao que rapidamente tornava fosco, aquecendo ou resfriando os tons ao capricho do sol que se patenteava ou escondia, lamentava que aquelle dia de fevereiro não estivesse como muitos outros que o precederam puro, sereno embora frio, para a minha excursão a Tibaes,

uma das mais antigas instituições monasticas da peninsula.

Ainda neste extremo occidental, que o Atlantico banha de norte a sul, não existia sequer o condado de D. Henrique, e já aquelle mosteiro contava a sua existencia por seculos; porque, se dermos credito á erudição dos authores de velhas chronicas, na era de 600, isto é, no anno 562 de Christo, já naquelle cêrro existiam monges.

Allegam elles que tal não é para admirar, porque, segundo affirmam os benedictinos, embora contraditados pelos eremitas de S. Jeronymo, e ainda mais pelos monges augustinianos, ainda S. Bento vivia já os seus monges, espalhando-se pelo mundo tinham chegado a essa cova aspera e selvagem que se chama Lorvão[1]; e, aprendido que foi o caminho da Lusitania, facil se lhes tornou irradiar para todos os pontos, Tibaes sendo um dos primeiros habitados por elles. Outros chronologistas menos ousados, fixam a fundação sem data certa, mas muito antes de 1080. Na meia encosta do monte de S. Gens, para onde me dirijo, os primeiros monges ergueram altar, edificaram cellas e d'alli foram desbravando brenhas e convertendo almas para Christo; de forma que antes de D. Payo Guterres da Sylva,—que pelos annos de 1080, ou ainda antes, começou a ser adiantado em Portugal por D. Affonso VI, avô do nosso primeiro rei—ter redificado ou melhorado o mosteiro já alli existia o casco da fundação, isto é, monges, congregados para o serviço de Deus, mas sem sujeição a esta ou áquella ordem, vivendo proximo do paço de Theodomiro, donde veiu a Tibaes, nas primitivas eras o titulo de *mosteiro palatino*. Nos começos do seculo XI. Foi este mosteiro do padroado de uma D. Velasquida, que o deu á infanta D. Urraca, filha de D. Fernando o *Magno*, tia da infanta D. Tareja, mãe

---

[1] Cf. *As Freiras de Lorvão*, por Lino de Assumpção, Coimbra, 1899, França Amado, editor.

do nosso primeiro rei D. Affonso Henriques, a qual fez depois doação á sé de Tuy de ametade d'elle.

O projecto de ida a pé, pensado na vespera, não o pude levar a effeito, mercê dos constantes aguaceiros, e das suspeitas, depois verificadas, de lamaçaes pela estrada. Portanto, minutos depois do meio dia, tomei assento numa d'essas victorias de coxins batidos e molas duras, acostumadas a conduzir doentes do figado para o Gerez, e parti para o antigo mosteiro.

A estrada, que alli leva, como todas as do Minho é marginada d'arvores esgalgadas, abrindo no alto do tronco compridos braços onde se estendem as videiras. O horizonte é limitado por ondulações graciosas do terreno, revestidas de verde mimoso, por sobre o qual branquejam casaes, ou fumegam os telhados musgosos das aldeias.

Atravessámos *S. Jeronymo*, pequeno arrebalde industrial, onde em baixas e sordidas barracas trabalham tecedeiras em primitivos teares de armação tosca; oleiros torneando grosseiras louças, e tacheiros fabricando, com verguinha de ferro, pregaria de varias bitolas. Aspecto geral de miseria, aggravada pela porcaria. Parece que naquelles antros só entra a dose necessaria d'agua para a comida, e nunca a precisa para desfazer o coscoro que betuma a epiderme dos seus habitantes. E é assim em todo o Minho! Elle é lindo, fresco, pittoresco, cheio de luz, mas a sua gente é bem porquinha, benza-a Deus! Que differença entre a casa minhota negra, escura, de chão terreo, lamacento e esburacado, onde focinham bacoros, e a casa alemtejana, caiada d'alto a baixo por dentro e por fóra, com o seu estradinho esteirado, onde se enfileiram as cadeiras garridamente pintadas, adquiridas em Evora na feira de S. João, os potes bojudos de barro sem o esverdeado da humidade, a louça, os tachos de cobre luzidios como ouro, cuidadosamente arrumados na sanca da ampla chaminé, onde o fogo vae vagarosamente consumindo o grosso tronco de azinho!

E' tempo de podas. Os homens, escuros como os esqueletos das arvores sem folhas, subidos em longas escadas, decepam as vides com grandes podões afiados, que reluzem ao sol em movimento rapidos.

Depois de *S. Jeronymo* encontramos *Parada*, com o mesmo labor industrial e aspecto immundo; os mesmos fojos com privilegio de habitações humanas; as mesmas mulheres de sáia de seriguilha, pé no chão, e farripas emmaranhadas caindo-lhes sobre os olhos, ao escapar do lenço sujo, traçado por baixo do queixo.

No fim de tres quartos d'hora, d'um andar ronceiro de dois cavallos sem folego, ás ordens d'um cocheiro sem pressa, avistei á esquerda, a meio do recosto do monte de S. Gens, sobre um fundo de pinheiros o mosteiro.

Estou roubado!

O edificio que eu ia imaginando ainda medieval, pelo menos, é uma construcção do seculo XVII, esse incançavel demolidor, que tantos primores d'arte destruiu, tantas pedras venerandas quebrou, para as metter nos macissos das novas paredes que edificava.

O cocheiro indica-me o edificio, como se eu o não visse, unicamente para ter ensejo de travar conversa; e enrolando um cigano, deixando ir os rocins á vontade, objecta-me, com o tom de homem que vê as cousas de alto:

— Não sei que prazer haja em vir vêr estas egrejas tão longe, havendo outras tão bonitas em Braga!

— São gostos. Você não iria, até mais longe, para vêr uma parelha?

— Pois sim, mas uma boa parelha vale mais do que todos os conventos deste mundo!

Não esperava tal irreverencia num filho da lusa Roma; sem me lembrar que o livre espirito até já invadiu as cavallariças.

Minutos depois, a victoria parava á entrada d'um carreiro, cortado no saibro vermelho, lavrado de rodadas e barrancos. Por alli subi a pé até á esplanada da charneca, onde mal crescem urzes rasteiras em volta

d'um cruzeiro. Compõe-se este d'uma elevada columna corinthia, com o fuste estriado até o terço, e d'ahi para baixo envolto em folhamentos. Nas faces do embasamento, sustentado por quatro leões, avultam almofadas cartuladas. Sobe-se para a columna por uma ampla escadaria, em cujos degraus se senta uma rapariguita, vigiando um porco, que por alli fossa em plena liberdade, mas sem descobrir trufas, e como se aquella casa religiosa fosse dedicada a Santo Antão. E gallinhas, patos e burros mais além, pastando numa verdadeira tranquilidade monachal. Ao de redor, no horizonte, um cêrco de montanhas, sobrepondo-se em varias linhas, que veem descendo desde os cumes cobertos de neve do Gerez, até ás vertentes, que vão morrer no Cavado.

A egreja, procurando a sua orientação liturgica, volta as costas para Braga, e olha para a serra onde outr'ora floresceu um magnifico e antigo sobral, o qual, segundo reza um papel que um velho monge encontrou no cartorio do mosteiro, e por elle se sabe: «que elrei Miro[1] deu certas propriedades ao mosteiro, e uma matta, ou deveza de arvores, que vieram do Alemtejo e não perdiam a folha.» Grande parte d'este sobral foi destruido por um vendaval que se desencadeou em a noute de S. Sebastião de 1616. As chronicas dizem que a tormenta foi extraordinaria «correndo por algumas partes de Entre-Douro e Minho, parecendo mais impeto e furia do espirito diabolico solto, que força natural do vento.» Effectivamente o furacão devia ter sido violentissimo, para arrancar sobreiros cujo tronco «trez homens com os braços estendidos, os não podiam abranger...»

Conta mais o padre fr. Leão de S. Thomaz, de quem tiro os apontamentos historicos, que me dão certo ar de erudito, e que muito respeitosamente deponho sobre os dois volumes da *Benedictina Lusitana*, «que D. Frei Bartolomeu dos Martyres, de santa memoria,

[1] Theodomiro, que viveu no ultimo quartel do seculo VI.

todas as vezes que ia a Tibaes, subindo ao mais alto da cêrca, aonde está uma ermida do N. P. S. Bento, e donde fica aquella vista mais desabafada, costumava dizer: «*Não chameis, padres, a esta casa Tibaes, chamae-lhe Tibiomnes, porque é bem que todos venham a esta para louvar a Deus, gosando de vista tão aprasivel.*»

Confesso que não percebo o trocadilho do reverendo dominicano, assombro do concilio de Trento, senão imaginando que elle trocava o *b* pelo *v*.

Quando um governo qualquer do systema liberal poz em venda os edificios que os religiosos tinham construido, e deixou que as suas rendas ficassem em mãos d'amigos, ou fossem vendidas ao desbarato para favorecer protegidos, reservou para o culto parochial, na praça de 1865, a egreja de Tibães, uma parte das construcções annexas, e uns pedaços de terra para passal do abbade. Assim escapou a egreja de ser convertida em palheiro ou estrebaria como tantas outras, e lá se conserva de pé, capaz ainda de affrontar muitos seculos e mais governos ainda, se a não derribarem para lhe vender a pedra á carrada.

Nem do primitivo edificio visigotico, nem do que o substituiu no seculo XII, nem sequer do que fr. Antonio de Sá fez construir, no seculo XVI, andando com elle mais para a encosta, cousa alguma existe hoje! A egreja, com a sua frontaria pesada e desgraciosa, indica logo aos menos lidos em assumptos de arte o estylo jesuitico do seculo XVII. Ao centro um portal fundo de arco abatido, coroado por um nicho, no qual *S. Martinho*, sobre uns restos de cavallo, dá a um pobre uns restos de capa. Em outros nichos lateraes *S. Bento*, creio eu, e *Santa Escolastica*. Logo veremos como o esculptor se enganou com S. Martinho, e como os monges consentiram no engano.

Fazendo angulo recto com a frontaria da egreja corre, á direita desta, no sentido leste-oeste, o edificio monastico, cuja portaria aberta e só me convida a entrar. Subo pela ampla escadaria de pedra, demorando-me

no patamar a examinar um enormissimo quadro que reveste a parede d'alto a baixo e que representa a arvore benedictina, com todos os seus erros e pretenções. As más vontades e a bestialidade de graciosos teem deteriorado a tela, que, sem ser boa, é pelo menos documentaria, e podia estar intacta porque não incommoda nem prejudica a ninguem. Mas o indigena encontra sempre no seu fundo animal os impulsos precisos para destruir seja o que fôr, sómente pelo prazer de destruir. E ha quem defenda a abolição dos castigos corporaes! Para certos semoventes ainda não se encontraram outros.

Os claustros estão sós, abandonados; os tectos dos corredores ameaçam proximo desabamento; ha paredes fendidas; soalhos carunchosos; portas descaídas; janellas desniveladas. Na crasta, ao redor da qual ainda brilham quadros de bons azulejos do seculo XVII, apenas vivem algumas japoneiras arboreas. O resto está tudo secco, porque da fonte não corre pinga d'agua. Pois havia-a alli e com abundancia; e tanta era que em todas as suas officinas jorrava á farta, subindo até o mais alto dormitorio «para maior commodidade dos monges.»

O sr. abbade não estava em casa; mas a sua moça promptificou-se a deixar-me visitar a egreja, dirigindo-se immediatamente commigo para o côro, e com tão boa e franca vontade, que mais uma vez lhe digo — obrigado.

Não é este côro uma grande obra d'arte, mas sim documento curioso da sua epocha (1661). Circumdam-o duas ordens de cadeiras, sendo as espaldas da segunda bancada revestidas de altos relevos sobre fundos dourados, representando santos da ordem, dois por cadeira. E' singular o contraste que se nota entre o trabalho das caras d'estas figuras e o da indicação quasi summaria das extremidades, sobre pannejamentos bem lançados. Naquellas ha desenho, certa finura no modelado e na expressão; nas mãos nem desenho nem modelação. Parece que os cinzeis de esculptor, com que foram lavradas as

physionomias, se converteram em grosseiros formões de entalhador. As preguiças dos assentos são ornadas de figuras grotescas. Os esculptores da epocha não comprehendiam que se modelassem cousas sérias para apoio das nadegas benedictinas! Assim taes preguiças representam cabeças de cães, porcos, bois, bezerros, javalis, e todas ellas com expressões mais ou menos trocistas. A grande bacia da varanda do orgam é sustentada por dois horriveis e gigantescos satyros, com pés caprinos e carnações atijoladas, formando alas a duas medonhas e grotescas mascaras. Não é só aqui, onde, na ornamentação da bacia do orgam, se observa este desregramento da imaginação, este empenho em fazer risivel, feio, incoherente. Que idéa guiaria os artistas em exhibições tão contrarias á seriedade do culto, tão perigosas nos tempos que tinham mais accesos os fanatismos inquisitoriaes? Poder-se-iam filiar taes desregramentos nas composições atrevidas e burlescas da Edade-media, ligadas pelas graciosidades não menos atrevidas, embora mais finas e menos symbolicas, dos artistas da Renascença? Se a filiação artistica não é facil de estabelecer, o que se pode deduzir d'estas e outras manifestações é o estado d'espirito do clero, que pouco se importava com a feição decorativa de certos trechos architectonicos. E assim como na Edade-media dava plena liberdade aos canteiros e imaginarios para cinzelarem quantas esculpturas caricatas bem lhes aprouvesse; assim tambem no seculo XVII deixava livre a phantasia dos entalhadores, cuja inspiração nem sempre estava d'accordo com a severidade do meio, comtanto que elles nada atacassem do que era dogma ou materia de culto.

Estudem outros a origem do facto; eu só o indico, como bitola para apreciar quanto é abundante a seiva gracejadora da humanidade, mesmo nas epochas em que o simples riso podia ser punido como impiedade. Certo é, porém, que frades e freiras comprazíam-se em ter na casa de Deus, constantemente á vista dos devotos, as imagens mais hediondas, figurando assumptos

que muitas vezes se approximavam da obscenidade. Desviemos os olhos dos grotescos atlantes, e fixemo-los no crucifixo que se ergue a meio da balaustrada do côro. Não é uma obra prima, mas é esculptura de córte largo, correcta de formas e d'um conjuncto expressivo.

Do côro desço á sacristia, onde ainda existem enormes arcazes d'excellente madeira, com argolas de latão trabalhadas com esmero, em cada uma das grandes gavetas.

Da egreja primitiva, se alguma pedra hoje existe, está ella mettida nas paredes das posteriores edificações, que fr. Antonio de Sá, quarto abbade commanditario, começou no meado do seculo XVI. A actual egreja teve começo em 1628, e seu termo em 1661. Tem boa obra de talha, toda de larga composição e graciosas minudencias; teias de pau santo com ornatos de metal. No altar-mór venera-se uma imagem vestida de conego. Afiança-me a minha guia que aquelle é que é o *verdadeiro S. Martinho*. E tem razão a rapariga. O de sobre a porta é o santo hungaro, bispo de Tours, que deu metade da sua capa a um pobre, que encontrou em pleno inverno tiritando com frio, e o do altar-mór é o S. Martinho Dumiense, fundador do primitivo mosteiro, arcebispo primaz de Braga, que das partes do oriente veiu á Galliza a combater a doutrina de Ariano, e edificou o mosteiro de Dume. Foi aqui onde Miro fez guardar as reliquias do outro S. Martinho, as quaes fizera vir de Tours, e cuja chegada a Hespanha coincidiu com a vinda de Martinho.

A historia da vinda d'estas reliquias é largamente contada por Gregorio de Tours, nas seguintes linhas, traduzidas por D. Fr. Caetano Brandão, ou por sua ordem, no corpo da publicação das obras de Martinho Dumiense. Eil-as:

«Tinha, por permissão divina, chegado aos ouvidos do rei suevo e ariano Charravico a fama dos milagres obrados por intercessão de S. Martinho de Tours, ao

mesmo tempo que um seu filho se achava gravemente enfermo. Ameaçado pois o rei da morte do filho, e desconfiado da sua propria crença, pergunta aos seus: De que religião foi esse Martinho de quem tantas virtudes contam? Foi bispo catholico, lhe respondem, e emquanto viveu prégou com zelo, ao povo que governou, que Deus Filho devia ser adorado como Padre e o Espirito Santo, sendo da mesma substancia, e omnipotencia; e agora lá do ceu, onde habita, não cessa de favorecer com continuos beneficios o seu povo. Se o que dizeis é verdade, exclama o rei, ponham-se já a caminho os meus amigos fieis, levem dadivas ao seu tumulo, e se alcançarem a cura do meu filho, eu me instruirei, e crerei na fé catholica, essa que elle creu. Faz logo pesar o filho a prata e ouro, e manda o peso como offerta ao venerando logar do sepulcro. Chegam os enviados, offerecem, oram no tumulo do santo pelo enfermo; mas obsta ainda a infidelidade arreigada no coração do pae, e não merece recobrar a saude. Tornados á patria os mensageiros, contam ao rei os muitos prodigios, que viram ante o tumulo do santo; mas porque razão teu filho não sarou, dizem elles, não o sabemos. Deus, porém, o faz saber interiormente ao rei. Capacita-se que seu filho não será são, emquanto elle não crer que Christo é igual ao Padre; faz edificar uma egreja de admiravel obra em honra de S. Martinho, e vendo a acabada, diz do coração: Se eu chegar a beijar as reliquias do varão santo, tudo quanto os bispos prégarem crerei. Envia outra vez mensageiros com avultados presentes: chegam ao santuario; pedem reliquias, e sendo-lhes offerecidas na fórma que se costumava, pedem que lhes seja permittido collocarem alli elles mesmos o que traziam, para depois o receberem como do santo; e pesando uma capa de seda a depositam sobre o sepulcro do santo dizendo: Se formos acceites do Patrono que buscamos, o que aqui deixamos amanhã pesará mais e será abençoada a nossa fé. Fazem vigilia aquella noute, e vindo o dia tornam a pesar o deposito, e com manifesta maravilha sobe a

balança que continha o peso, até onde podia subir. Tomam contentes o milagroso deposito, e o começam logo a conduzir em triumpho. Outro milagre, que as reliquias ahi obram nos presos da cidade, dobra aos mensageiros o contentamento, e a segurança da protecção do santo. Entre acclamações e acções de graças embarcam os sagrados penhores, e com curta e prospera viagem aportam á Galliza.» [1]

Na litteratura medieval o S. Martinho Dumiense é mais conhecido pelo nome de Martim de Braga. Da sua vida, antes de aportar á Lusitania, só se sabe que nasceu na Panonia, mas ignora-se não só em qual das cidades, mas até se foi na Panonia superior ou inferior, regiões estas que comprehendiam o que depois foi a Carnia, Croacia, a marca de Windisch, Corinthia, Styria, uma parte da Austria, mais de metade da Hungria e parte da Servia. Saindo de terras da Panonia foi ao oriente e lá apprendeu grego e se preparou para a sua missão evangelizadora. Os seus escriptos tiveram grande acção naquella epocha [2] e ainda hoje podem ser lidos pelos que se dedicam a estudos historicos de usos, moral e religião dos povos da Lusitania. Pela leitura da sua carta, missiva ou encyclica contra os *Rusticos*, verifica-se como então eram fundas as raizes do paganismo na peninsula, e que quantidade de superstições pagãs ainda alli existiam no seculo VI da nossa era. E não existirão muitas d'ellas hoje, vinte seculos andados depois da vinda de Christo?

Treguas ás considerações, e continuemos na visita,

---

[1] (*De miracl. S. Martini* — Lib. I, cap. II. — *S. Gregorio de Tours*).

[2] Em portuguez ha uma boa edição das suas obras, publicadas com o titulo de: *Vida e opusculos de S. Martinho Bracarense, impressos pela primeira vez neste reino por cuidado* do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Fr. Caetano Brandão — Lisboa, 1803. O dr. C. P. Caspari, professor de theologia na universidade de Christiania, publicou em 1883 uma outra edição, que passa, na opinião dos verdadeiros eruditos, por uma das mais cuidadas e minuciosamente desenvolvidas na parte biographica.

mesmo porque a minha guia começa a mostrar uma mal disfarçada pressa; tanto lhe está pesando na consciencia o jantar abbacial que deixou ao lume, e que precisa ser vigiado.

E' curiosa a esculptura, que se venera num dos altares, representando uma freira sugando com amor a chaga que sangra no peito d'um crucifixo. Agora paramos em frente a um pilar, entre duas capellas.

— Repare no São Bentinho dos Milagres, me diz a moça.

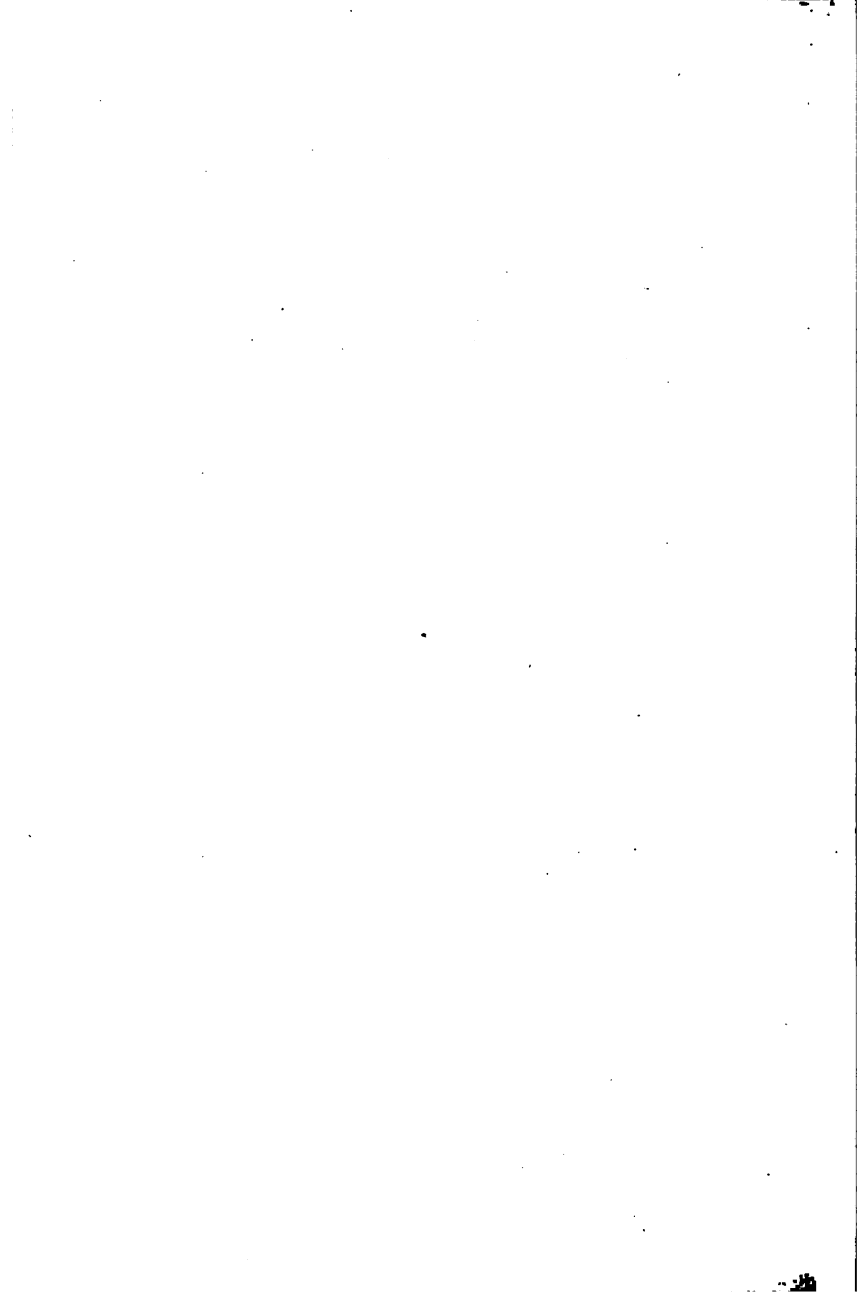
— E são muitos?

— Ai, credo! santo nome de Deus; e tantos que nem já se sabe o conto!

E narrando-me alguns dos muitos milagres do S. Bentinho, foi-me acompanhando, mesurando as imagens da sua devoção, por cuja frente passava, interrompendo a narrativa para dedicar ao santo mais privilegiado uma *Ave-Maria*, terminada com uma larga cruz de beijo na unha.

De todas as capellas, a mais curiosa é por certo a de Santa Escholastica, com o seu grande retabulo de talha de madeira, encaixilhando varios quadros. Um d'estes, de pintura amaneirada e cheia de arrebiques, representa uma mesa a que se sentam dois palacianos trajando á moda do seculo XVII, e a um lado a *Magdalena* chorando seu passado aos pés do *Salvador*, cercado de cinco mulheres que parecem damas... do tempo de Luiz XIV. No lado da epistola, noutro painel, uma *Virgem* com o *Menino* ao collo, com o penteado ornado de plumas e alfinetes, no pescoço collar de perolas e brincos nas orelhas, de desenho gracil e colorido sem vigor, quadro em tudo perfeitamente igual a um outro que existe no convento de Jesus em Aveiro, onde passa por ser o retrato de *Santa Joanna*, princeza de Portugal, tendo nos braços seu sobrinho, filho d'el-rei D. João II.

Um estudo curioso seria a verificação de qual dos dois é o original, ou se não serão, tanto um como outro, copia d'um terceiro, e o que este significaria.

E' problema não facil de resolver, a não ser por um exame muito minucioso, que me não foi possivel, tanto mais que não ia preparado para elle, e que necessita, sem duvida, de aproximação das duas telas, uma encaixilhada no grande retabulo de Tibaes, a outra emmoldurada em quadro volante da capella interior do convento de Aveiro. Na mesma capella ha um *S. Miguel*, com a cara do *Diabo* esburacada pela piedade christã dos devotos. Pobre *Diabo*... e pobres diabos!

A reconstituição da historia particular de cada uma das casas religiosas, de que tão farto foi o nosso paiz, torna-se hoje quasi impossivel para a generalidade d'ellas, pela absoluta falta de documentos, que a incuria dos governos deixou perder.

Quando se extinguiram as ordens religiosas, as livrarias e os cartorios ficaram quasi todos ao abandono; e as respectivas repartições de fazenda apenas tomaram conta, quando tomaram, de livros de foros, prasos, titulos de propriedades e padrões de juros. Os documentos que continham a vida intima das communidades, que esclareciam um sem numero de factos locaes foram inutilizados, vendidos a peso, deixados roubar dos cartorios abertos. Rarissimos foram os que chegaram ao Archivo da Torre do Tombo.

A missão de Alexandre Herculano ainda conseguiu recolher bom numero de preciosos documentos, dispersos pelos cartorios dos conventos e mosteiros de freiras. Mas quantos se não perderam com a extincção dos frades; quantos ainda depois da colheita realizada pelos companheiros de Herculano, não sairam dos cartorios para poder de particulares? Durante muito tempo,

para os nossos homens publicos não foram considerados como documentos de *valor*, senão os que confirmavam direito sobre propriedades. Quanto aos de caracter meramente historico raro caso se fazia d'elles.

Ajunte-se á incuria do presente as depredações do passado, e da somma veremos que incalculaveis perdas ha a lastimar [1].

Já em 1798 João Pedro Ribeiro se queixava das «barbaridades, direi melhor bestealidades» que se tinham commettido em muitos cartorios; e, assim, ennumerava algumas:

«Tal conego cartorario de um cabido vendeu arrobas de pergaminhos a bate-folhas; existindo ainda naquelle cartorio o libello contra elle dado pelo seu cabido. O fabriqueiro de outra sé deu o mesmo fim a codices de padres, biblias, missaes, etc, no principio d'este seculo. O cartorario de outra sé, pelo mesmo tempo, apartou todos os documentos de letra gotica, e sentenciando-a por illegivel, e inuteis os documentos, os levou para casa, e fez queimar no seu quintal. Outro separou todos os sellos dos documentos para os conservar juntos em uma gaveta. No principio tambem d'este seculo costumavam as religiosas de um mosteiro tirar pergaminhos do seu cartorio, para retalharem as obras que precisavam. Com o mesmo desaccordo, se acham cortadas á tezoura varias folhas, e parte de outras do Livro dos Obitos de uma cathe-

---

[1] Convém, para honra da congregação benedictina, dizer que um dos capitulos das *Constituições geraes* se refere ás bibliothecas; e manda que em cada mosteiro haja uma *curiosé instituatur, et curiosus conservetur* Nellas os livros deviam estar bem guardados, bem escolhidos, dispostos com ordem, inventariados, respondendo a um indice por ordem alphabetica. Os que as frequentassem deviam de guardar silencio, e havia regras de vigilancia e conservação sanccionadas por penas que iam até á *excommunicationis ipso facto incurrendæ*. A bibliotheca era considerada entre os bens, como o mais precioso, e nunca se poderia alienar nem no todo nem em parte, senão em casos permittidos pelo direito. Dos livros duplicados era consentida a troca com outros.

dral, e do Livro de Doações de um mosteiro de religiosos. Em outro mosteiro ha tradição de se terem concertado, com pergaminhos do seu cartorio, os fumeiros dos orgãos.»

As religiosas do mosteiro de Tuyas, que D. Manuel fez encorporar no de S. Bento da Ave Maria do Porto, desaffogaram a raiva de se verem constrangidas a abandonarem a sua antiga casa, lançando fogo ao cartorio.

A monte e a granel dentro de caixas existiam os de varias collegiadas.

João Pedro Ribeiro, já citado, chama ao cartorio da baliagem de Leça *O cartorio da confusão.*

Admira-se este auctor de que o foral original de uma villa do reino fosse propriedade particular. O que lhe aconteceria se vivesse hoje e os visse annunciados nos ferro-velhos; e, em leilão, papeis e documentos de propriedade do Estado, como foram os vendidos pela casa Pombal, pelas familias Linhares, Castello Melhor, conde da Cunha e tantas outras!!

Mais ainda: «N'este seculo (XVIII), conta João Pedro Ribeiro, o procurador de uma corporação lacerou algumas folhas de um livro em um cartorio publico, no qual em boa fé foi admittido, por conterem documento que prejudicava o interesse da sua corporação. Outro lacerou duas folhas d'um livro, respeitavel como aquelle pela sua antiguidade, por motivo, que bem se conjectura ser de mero capricho, e vaidade de corporação.»

E quando se não queriam comprometter os que damnificavam os livros, até se attribuia aos raios, o que era obra da mão do homem.

As freiras da Conceição de Beja entretiveram-se a cortar as folhas e margens d'um exemplar da *Vita Christi*, em pergaminho, provavelmente para fazerem caixinhas!

Assim Tibaes, um dos mais antigos e honrados mosteiros de Portugal, e aquelle que era cabeça da ordem e moradia do D. Abbade geral de S. Bento, e em cujo couto tinha os titulos de *capitão-mór, coudel mór,*

alcayde-mór, *repartidor das armas* e *ouvidor* [1], apenas legou para os archivos do Estado seis pergaminhos!! O que d'elle possamos saber temos que ir procura-lo em livros impressos, aqui e alli, e particularmente na *Benedictina Lusitana*.

---

[1] A estas dignidades correspondiam os seguintes direitos: como senhor do couto — que tinha em circuito mais de duas legoas ficando o mosteiro ao centro — elegia dois homens bons para juizes ordinarios no civel e no crime, com apellação naquelle juizo para o D. Abbade, como ouvidor, e no crime para a corôa; como *capitão-mór* escolhia o commandante das milicias do couto; como *alcaide-mór* apresentava e punha meirinho; como *coudel-mór* procurava que não faltassem cavallos para a guerra, embora muitos affirmem que no Minho a *coudel* correspondiam as funcções de monteiro; como *repartidor das armas* era elle quem as repartia, como fez Fernão de Pina, em 1509, que não consentiu que o corregedor lhe entrasse no couto para o fazer, e as repartiu elle da seguinte maneira, por noventa e tres homens: aos que tinham vinte mil réis lançou *cabacete*; aos de desoito besta; aos de dez lança.

Desde a sua entrada em Portugal, até o reinado de D. Sebastião, os benedictinos não estiveram instituidos em congregação, sob a authoridade d'um geral, como acontecia com as outras ordens religiosas. Cada mosteiro vivia de per si, observando as linhas geraes da regra de S. Bento, mas sem dependencia nem ligações uns com os outros. Cada casa era governada por um abbade perpetuo, que administrava tanto no temporal como no espiritual; e em Tibaes, diz a *Benedictina*, «foram desaseis ou desasete, que governaram aquella casa por espaço de quatrocentos e tres annos, no fim dos quaes entraram os abbades commanditarios [1],

---

[1] Fr. Manoel dos Santos, na *Alcobaça illustrada* (inedita), explica assim o que quer dizer *commanditario*. «A primeira vez que se ouviu na egreja catholica este nome *commanditario* foi em tempo de S. Gregorio Magno: quer dizer, segundo a mesma voz soa, *aquelle ecclesiastico regular ou secular a quem se encommenda o governo de alguma egreja até se prover de proprietario pastor.*» Este provisorio converteu-se em perpetuo, de fórma que uma mesma pessoa podia gosar muitos beneficios juntos, com o seguinte subterfugio. Soava mal em direito que houvesse de ter um clerigo mais d'um beneficio curado; porém, a esta repugnancia dos sagrados canones se deu uma facil saída com a introducção ou intrusão dos commanditarios: porque a primeira egreja ou mosteiro que se possuia era como beneficio proprio, e além d'este dote se permittiam outros muitos a titulo de encommenda.»

Il est avec le ciel des accomodements !

total destruição dos mosteiros no espiritual e temporal d'elles como a experiencia bem mostrou».

Do tempo d'estes, o que encontro mais notavel foi a lucta iniciada pelo decimo primeiro dos abbades, D. Martim Anez, contra os padroeiros, lucta que resumirei em breves linhas.

Se o clero, e muito especialmente as ordens religiosas tinham privilegios especialissimos, que não fruia outra qualquer classe social, em compensação os fidalgos sugavam lhes nosbens tanto quanto podiam, e quando não havia direito escripto ou consuetudinario que a isso os authorizasse empregavam o da força, e ensinavam com seis ou sete seculos de antecedencia, o que deviam depois fazer os governos liberaes. Assim, pois, com o correr dos annos o *padroeiro* convertia-se num insaciavel explorador, augmentando a exploração de forma extraordinaria, visto que os direitos de dote, hospedagem e tantos outros succediam na linhagem do padroeiro. Imagine-se o que taes direitos não seriam já na terceira ou quarta geração, quando até os bastardos se apresentavam a exigir comedorias, forragens, hospedagem e dotes para filhos e filhas! A cousa subiu de ponto que D. Affonso III se viu obrigado a providenciar, no sentido de pôr cobro ás demasias dos grandes, pela provisão de março de 1261. Esta lei, que póde ser consultada na integra e em cada uma das suas variantes conhecidas no 1.º volume da publicação academica *Portugaliae Monumenta Historica* [1] contem prohibições que dão a conhecer até onde tinha chegado a rapinagem dos *padroeiros*. A lei determina que o infanção não possa ir hospedar-se nos mosteiros senão com um cavalleiro e cinco bestas; e o cavalleiro que fôr com elle não leve mais que tres bestas «e assim

---

[1] Sobre o assumpto póde consultar-se a *Historia de Portugal* de A. Herculano, e a *Historia da Administração Publica de Portugal nos seculos* XII *a* XV do Sr. Gama Barros.

sejam outo; e não leve mais de dose homens e um donzel que ande no cavallo do infanção.»

Diz mais: «E não seja o infanção senão aquelle que fôr filho de infanção e sua mulher lidima; bem como que nunca no mesmo mosteiro poisem dois irmãos, dois parentes, dois amigos ao mesmo tempo.»

Manda: que se os fidalgos forem fazer visita ao rei, arcebispo ou bispo a qualquer mosteiro, que lá não comam; mas se noutra occasião ahi forem e os frades lhes não quizerem dar de comer, elles, então, que deitem mão ao que de direito tinha de lhes ser dado voluntariamente.

Por outras prohibições se vê claramente que os *padroeiros* iam ás herdades, e ahi se apoderavam de lenha, palha, vinho, cereaes, e tudo quanto por lá havia e precisavam, demorando-se nos saques; que mesmo em vida dos paes os filhos, tanto legitimos como de barregã, exigiam o que bem lhes parecia; o que provocou a lei: «que nenhum não seja ousado de metter mão em abbade, nem em clerigos de egreja, nem em seus homens, nem lhes roubem bestas, nem gados, nem haveres.»

Os mosteiros serviam de celleiros aos nobres; e não só aos que tinham direito de padroeiros, mas aos que pretendiam te lo, e que empregavam a força para obrigarem a satisfazerem-lhes as exigencias.

Ao *rico-homem* era permittido passar durante tres mezes do anno no mosteiro que tivesse tresentos casaes; mas no que tivesse menos de cincoenta só se lhes consentia passar uma vez por anno e «temperadamente». O *cavalleiro*, bem como o *infanção*, foram prohibidos de exigir hospedagem por mais de tres mezes, em cada anno. Nesta lei vem a disposição de que quem for convidado pelo rei a ir comer com elle, vá sozinho e não leve companhia. E' esta talvez a mais invariavel de todas as leis monarchicas em todas as dynastias, e que ainda hoje se observa com o maximo rigor.

Ao meirinho mandava o rei que fizesse restituir aos mosteiros tudo quanto os fidalgos lhes tivessem roubado

ou subtraido; e por esse acto isentava de padroeiro particular todas as casas religiosas da ordem de Cister, constituindo-se a corôa em padroeira privilegiada.

Termina esta provisão com um mandamento, que é um traço caracteristico dos costumes de então: «Manda nosso senhor el-rei com conselho e consentimento do arcebispo e do bispo e dos outros prelados e dos ricos-homens e dos outros cavalleiros e dos outros religiosos e dos outros homens bons do reino que não comam no dia da carne senão duas carnes, e uma carne seja adubada de duas guisas [1] e em aquelle dia que a comerem não comam pescado nem comam carne de veado se a pilharem [2] ou lh'a derem em casa; mais não na comprem nem façam comprar. E semivelmente [3] no dia do pescado comam de trez pescados ou de dois, e um seja adubado de duas guisas, e com este pescado comam truitas e bogas ou solho, irze [4], de marisco tres no dia da carne ou do pescado se o tiverem.»

Voltando aos *padroeiros* de Tibaes, vê se que não eram melhores nem peores do que os do geral do paiz, e que o monarcha teve que intervir para que os monges não ficassem reduzidos a mendicantes.

Pelos annos de 1312, a 22 de setembro, recebeu D. Diniz queixa em Lisboa, feita por aquelles monges de quanto eram vexados pelos ricos-homens e outros poderosos, que a titulo de padroeiros entendiam que deviam viver no mosteiro á barba longa, comendo, bebendo e poisando quantas vezes bem lhes aprouvesse por anno; que tanto os ricos homens como as ricas-donas e cavalleiros exigiam que lhes fornecessem dotes para as filhas, da maior importancia do que direito. O mosteiro ia-se reduzindo á miseria com os taes padroeiros. Ao rei pedia justiça.

Se o caso se desse hoje, o governo nomeava uma

---

[1] Maneiras.
[2] Furtarem.
[3] Igualmente.
[4] Eiroz

commissão, em que figurassem conselheiros conhecidos, e encarregava-a de estudar o assumpto. Passados annos a commissão era louvada e dissolvida, verificando-se então que os monges tinham perecido de fome, roubados pelos padroeiros. Nos tempos d'outr'ora a justiça do rei foi mais prompta e efficaz. Encarregou um meirinho, que inquirisse da verdade e o habilitasse a resolver como devia.

Tomado o juramento ao abbade, prior e mais monges, soube que a renda annual do mosteiro, em dinheiro, era de cento e setenta maravedis, e que entre pão e vinho recolhia commummente sessenta moios. «E que no que tocava ás pensões e pessoas a que pagava achou, assim reza fr. Leão, que eram quarenta e tantas familias, dos que se chamavam padroeiros e herdeiros naturaes do mosteiro. Entre os quaes os ricos-homens e ricas-donas eram os seguintes: João Rodrigues de Briteiros com seus filhos e netos; D. Mendo com seus filhos e netos; D. João Affonso, filho bastardo d'el-rei D. Diniz; os filhos e netos de D. Pedro Ponce e de Dona Sancha Gil; Fernão Pires de Barbosa; João Rodrigues de Sousa; os filhos e netos de D. Lourenço Soajem ou Soares de Valadares: senhores todos mui principaes do reino, e de que ha muita memoria em nossas historias.»

«Achou mais que os padroeiros infanções eram todos da linhagem dos Sequeiras, dos Carreirãos, dos de Azevedo, dos Ribeiros, dos Navaes, dos Vasconcellos, dos Teixeiras, dos de Porto Carreiro, dos Gatos, dos Pimenteis, dos da Silva, dos de Freitas, dos de Reensudi, os de Mello, os de Pereiro, os de Ayrão, os Coroneis, os de Giella, os de Arães, os Barretos e os de Paiva.»

«Achou finalmente que os padroeiros postos em foro de cavalleiros eram os da linhagem dos Viegas, dos Vazquinhos, dos Villarinhos, os de Magalhães, os de Vãobom (agora Babos) os Poucinhas, os Velozos, os Silvestres, os Aveiro e Chamiços. Todos os d'estas gerações eram naturaes herdeiros do mosteiro, d'elles

por si e d'elles por casamento, sendo em numero de duzentos». Cada um d'elles costumava levar dez maravedis de *cavallaria*, e outro tanto de *casamento*; sendo, como se sabe a *cavallaria* certa pensão a que os *naturaes*, isto é os herdeiros dos padroeiros, imaginavam ter direito, para armarem os filhos cavalleiros; e o *casamento* a ajuda de custo para dote das filhas.

O meirinho, estudado o assumpto, reduziu os encargos a metade.

Vinte annos depois realizou-se nova reducção nos subsidios e onus, de forma que os *lidimos* ou de *revora*, isto é os bastardos e os por incapazes ficaram excluidos da esportula. Assim os ricos-homens viram-se reduzidos a receberem todos os annos, pelo S. Miguel, trinta soldos, o infanção quinze, o cavalleiro nove, bem como o escudeiro guizado, e cinco o não guizado, e aos outros escudeiros, donas e donzellas a terça parte do que seu pae e mãe levavam [1].

O governo da ordem de S. Bento foi sempre confiado a um abbade perpetuo, de eleição dos monges de cada mosteiro; mas com os reis da segunda dy-

[1] Para maior clareza da citação convém lembrar o que era cada uma das qualidades indicadas. *Rico homem* correspondia a grande do reino. Davam lhes os reis como insignia uma bandeira e uma caldeira, como signal que tinham licença para levantar soldados e meios com que os manter e sustentar. Sobre o que correspondia á designação de *infanções* ha certa controversia; uns affirmam que eram os filhos dos infantes, outros os filhos mais novos dos ricos-homens, e ainda outros que fossem os capitães de infantaria. Viterbo opina «que eram *moços fidalgos* d'aquelle tempo, ou para melhor dizer *escudeiros fidalgos* que ainda traziam o escudo em branco e se não tinham distinguido por acções heroicas, que lhes houvessem grangeado o grau de cavallaria, ou o serem armados *cavalleiros*. Por seu lado o padre Bergança diz: que eram nobres inferiores aos de primeira nobreza e como que regedores dos logares ou guardas dos castellos. *Cavalleiros guizados* os que estavam montados e equipados para a guerra, e *escudeiros* os que serviam aos ricos homens. Reduzindo o dinheiro de então ao da moeda corrente em meados do seculo XVII, temos que um *soldo* valia 2 réis, uma *libra* 40 réis, um *maravedi* 54.

nastia acabou esse uso. A corôa começou de nomear individuos alheios ás ordens, e até seculares para abbades commanditarios, concentrando em si mais esse poder, apagando os vestigios de alheias soberanias, justificando a usurpação com a necessidade de pagar serviços de conquista e dilatação da fé nos dominios ultramarinos, que ia adquirindo por conquista ou descobrimento. Quando terminou o seculo XV, estavam todos os mosteiros benedictinos, ao tempo existentes, sujeitos a commanditarios que d'elles viviam, gosavam das rendas, arruinavam as propriedades, relaxavam o serviço do culto, tirando dos mosteiros tudo quanto lhes era possivel tirar, não só em seu proveito, como em proveito de parentes e amigos, «de modo, diz um chronista, que mais é o que tiraram aos mosteiros, do que o que lhes ficou.»

O primeiro abbade commanditario de Tibaes foi o famoso D. Jorge da Costa, mais conhecido pelo *cardeal de Alpedrinha*. Typo singular este cardeal; feição historica ainda por fixar em toda a sua verdadeira luz; e que se me afigura um habil, um esperto, conhecedor de todos os caminhos e viellas por onde se transita na vida, para d'esta tirar o maximo proveito; auxiliando as lettras em que era versado, e os talentos que eram multiplos, com as tretas em que ninguem lhe ganhava. Se a historia conseguir verificar e legitimar, de vez, a severidade dos seus juizos ácerca do papa Alexandre VI, o *Borgia*, é justo tirar d'ahi illacções sobre o caracter dos seus amigos intimos, e D. Jorge foi um d'elles. Não é debalde que o povo formulou o veracissimo rifão: «Dize-me com quem lidas...» Ha ainda outro facto que depõe contra elle, é a instinctiva antipathia que lhe votava D. João II [1].

---

[1] D. Jorge da Costa, que nasceu em Alpedrinha em 1406, foi capellão e confessor de D. Affonso V; mestre, capellão e confessor da irmã d'este a infanta D. Catharina. Foi do conselho d'el-rei; arcipreste da collegiada de Santarem, deão de Lisboa, de Braga,

Tão bom portuguez, que nem os ossos quiz legar á patria, á qual por certo não pôde chamar ingrata. Toda a sua munifencia foi para a Italia, onde julgou que melhor e mais universalmente seria conhecido o seu nome, e celebrada a sua fama!

Quando, por morte do ultimo abbade perpetuo em 1489, vagou a abbadia de Tibaes, D. Jorge deitou lhe immediatamente a garra de abutre, que sempre teve saida sobre todos os beneficios ecclesiasticos de Portugal. Quizeram os monges, como era seu direito e seu dever, proceder á eleição do seu novo abbade, mas um tal Nuno Lobeira, como procurador do cardeal, embargou a eleição, e assenhoreou-se dos bens do mosteiro, que logrou por dois annos, até que D. Jorge, renunciou a abbadia em Fernão de Pina, chronista do reino, filho do notavel Ruy, por occasião em que aquelle fôra a Roma, como secretario do embaixador D. Pedro de Noronha. Por sua morte legou a commenda a seu filho.

Este terceiro commanditario por pouco tempo gosou o beneficio. Ao quarto anno depois de estar de posse d'elle, em 1530, morreu d'uma apoplexia, que o atacou quando em Coimbra acompanhava a procissão do *Corpo de Deus*.

---

da Guarda, do Porto, de Lamego, de Vizeu, de Silves, e de Burgos com seu chantrado; abbade da ordem de S. Bento em Tibaes, Rendufe, Torre, S. Romão, Adaufe, Gundar e Pombeiro. Entre os conegos regrantes teve os priorados de Grijó, Vanho, S. Jorge, Roriz, Caramos, Junqueira, Landim, Oliveira, Macellos, e Longovares; e na ordem de S. Bernardo as abbadias de Alcobaça, Tarouca, Bouro, Ceiça, Fiães, e S. Pedro das Aguias. Foi mais dom prior-mór de Guimarães, bispo de Ceuta, Silves, Porto, Vizeu e Evora, e arcebispo de Braga e Lisboa. Cardeal do titulo dos santos martyres Marcellino e Pedro. Padroeiro da egreja de S. Thiago de Torres Vedras. Protector da universidade de Coimbra. Beneficiado de Santa-Maria *Trans-Tiberim*, em Roma, senhor d'uma abbadia em Veneza e d'outra em Navarra.

Alem de tudo isto, que lhe rendia grossos cabedaes, D. Manuel, em 2 de março de 1498, passou-lhe carta de segurança de vinte mil cruzados.

Logrou Tibaes a felicidade de ter como seu quarto abbade commanditario a D. Antonio de Sá, a quem já me referi, o qual alem de ser reformador nas grandes obras d'augmento e melhorias da egreja e do mosteiro, o quiz ser tambem no espiritual, procurando restituir a vida monastica ao rigor e disciplina do instituto. Para este fim mandou vir de Monserrate a fr. João Chanones [1], que tendo sido vigario do bispo de Mirepoix, no Languedoc, se retirara para aquelle mosteiro na Catalunha, e alli foi director espiritual de santo Ignacio de Loyolla, a quem ouviu durante tres dias de confissão geral, falada e escripta, e communicou os *Exercicios espirituaes* de Garcia de Cisneros, que eram muito praticados no mosteiro. Parece que o patriarcha dos jesuitas ficou toda a vida grato aos benedictinos; porque foi num mosteiro da ordem de S. Bento, em Paris, onde em 1534 instituiu a sua *Companhia;* solennizou os seus votos, a 19 d'abril de 1541, em Roma, no mosteiro benedictino de S. Paulo, e escreveu as suas constituições no Monte Cassino, cabeça da ordem de S. Bento, onde se demorou quasi dois mezes.

Fr. João, que á sua chegada a Portugal fôra mestre de noviços em Alcobaça, teve de D. João III a abbadia de Ceiça, que abandonou para voltar ao socego e tranquilidade contemplativa de Monserrate.

O quinto abbade commanditario foi o bispo de S. Thomé, D. Bernardo da Cruz, dominicano, que mandou construir a ermida de S. Bento, na cêrca, e fazer uma capella a Nossa Senhora do Rosario na egreja velha.

Em 1566 e 1567 o papa S. Pio V, correspondendo aos desejos de D. Sebastião e do cardeal D. Henrique, enviou-lhes duas bullas para que reformassem os mosteiros benedictinos de Portugal, reunindo-os em congregação, á qual D. Henrique nomearia um geral, que exerceria o cargo durante dez annos; sendo os que se

---

[1] Este nome encontra-se escripto tambem: *Clanones* e *Chavães.*

lhe seguissem eleitos por triennios[1]. Escolheu o cardeal para este cargo o Dr. Pedro de Chaves, castelhano (sempre foi muito amigo de Castella este cardeal) que já estivera em Portugal como reformador do mosteiro de Santo Thirso. Tomou posse da prelazia em 1569, e logo convocou todos os abbades para Tibaes, em dois capitulos, sendo o primeiro a 10 de setembro de 1570 e o segundo a 3 de fevereiro de 1575; entrando para a congregação quatorze mosteiros, e ordenando-se a fundação do de S. Bento, em Lisboa. A sua construcção começou em 1571, cantando-se a primeira missa no Natal de 1573[2].

Foi no governo do segundo abbade triennal, fr. Placido de Villasboas que se fundou a provincia benedictina do Brasil.

No generalato do terceiro abbade triennal, fr. Balthazar de Braga, deu-se um caso curioso que não sei se hei de levar á conta de patriotismo, se ao espirito de independencia monastica. Estava elle no primeiro

---

[1] Em virtude d'esta reforma o mosteiro de Tibaes ficou sendo cabeça da ordem, e o abbade geral seu abbade particular. Quando o capitulo geral por acaso se reunisse em Lisboa, o mosteiro de Tibaes occuparia o primeiro logar. A ordem de procedencia era: no coro da direita: mosteiros de *S Bento* de Lisboa, *S. Bento* do Porto, *Santa Maria* do Pombeiro, *S. André* de Rendufe, *S. Salvador* do Paço de Souza, *S. João* da Pendorada, *S. Salvador* de Ganfei, *Santa Maria* do Carvoeiro, *S .João* d'Arnoia, *Santa Maria* de Miranda. No coro da esquerda: collegio de *S. Bento* de Coimbra, mosteiros de *Santo Thyrso* de Riba d'Ave, *S. Miguel* de Refoyos, *Salvador* de Travanca, *S. Bento* de Santarem, *S. Romão* de Neiva, *S. Miguel* de Bostelho, *Salvador* de Palme, *S Martinho* do Couto, *S. João* de Cabanas. Os outros mosteiros que de novo se instituissem tomariam logar pela ordem da antiguidade. Na mesma reforma se determinou que o mosteiro que tivesse menos de trese monges seria annexado a outro com as suas rendas. *Cf. Constitutiones monachorum nigrorum ordinis S. P. Benedicti Regnorum Portugalliæ*

[2] Compare-se esta maneira de trabalhar e de dirigir trabalhos com a actual obra da camara dos deputados, que parece eternisar se, e que com certeza já está mais cara do que o que custou o mosteiro.

anno do seu triennio, 1557, quando chegaram dois visitadores apostolicos, os monjes castelhanos fr. Alvaro de Salazon, e fr. Sebastião de Villeslado. Convinha a D. Philippe, então rei de Portugal, ter gente sua no generalato da ordem, e para isso fez com que o padre fr. Sebastião se demorasse aqui até nova eleição; e o cardeal Alberto, legado á *latere*, insinuou que devia ser este o eleito. Os monges reagiram, e tiveram a coragem de perseverarem tres mezes em capitulo, sem que nenhum se ausentasse, emquanto outros religiosos foram a Madrid expor a justiça da sua causa, e o direito que tinham de fazerem livremente as suas eleições. Alcançaram o que desejavam, e a ordem de S. Bento livrou-se de ser castelhana.

Os abbades geraes vão passando sem deixar vestigio que mereça a pena narrar-se; é preciso chegar ao oitavo d'elles, fr. Pedro de Basto, para encontrar um que seja, notavel por muito boas partes de virtude e singeleza, sendo em toda a sua vida frisante exemplo da santa observancia da regra. Foi tido como santo, e outros o são por muito menos. Uma das suas mais virtuosas acções, apontadas pela chronica, é que tendo ido de Tibaes a Lisboa, com a camisa d'estamenha vestida, aqui pediu uma emprestada a um noviço, emquanto a outra se lavava, e com esta lavada voltou para o Minho! Outros tem havido, comtudo, mais acrisolados no culto da porcaria; que o diga o beato José Labre.

Um dia «sendo frei Pedro abbade do mosteiro de Rendufe, indo ás graças á egreja, depois de jantar, mandou que os servidores e todos os mais, que naquelle tempo ficam comendo á segunda mesa, se levantassem e fossem a ellas com o mais convento, e ao refeitoreiro que fechasse a porta do refeitorio. E indo já pelo claustro cantando todos o psalmo *Misere mei Deus*, como é costume, eis que cae o tecto do dito refeitorio todo em peso abaixo, sem fazer mal ou damno a cousa alguma vivente.»

Quando, em 1640, foi preciso pegar em armas para

consolidar a independencia e autonomia nacionaes, os monges de Tibaes não hesitaram em se collocar ao lado de D. João IV; e o seu abbade geral, na qualidade de capitão-mór do seu couto, nomeou por capitão dos 93 soldados de milicia que arrolou a Bernardo Aranha. Foi contra esta nomeação a camara do couto; mas decidiu em favor dos monges o fronteiro-mór, D. Gastão Coutinho, para quem elles recorreram.

Na *Gazeta de Lisboa*, de 14 d'agosto de 1732, encontra-se a seguinte noticia:

«Por carta escripta de Tibaes, no dia 31 de julho, se recebeu a noticia de que uma grande trovoada, que naquelle sitio houve, na tarde de 29 do mesmo mez, caíram dois raios, um na cêrca do dito mosteiro, outro na sua vizinhança; que o primeiro deu em um canto de um tanque de um grande viveiro de peixes que alli teem os religiosos, e consumindo um gato de ferro que segurava a união de duas pedras, entrou no tanque e o furou, e correu todo em roda, e subindo pelas quatro pyramides que o guarnecem, as despojou das parreiras com que se cobriam, tirando-lhes folha por folha, e entrando depois em uma ermida ou capella do glorioso patriarcha S. Bento, que ha na mesma cêrca, curiosa e ricamente adornada, onde se achava de joelhos o religioso administrador das obras com outras pessoas de trabalho, que alli se tinham recolhido, fugindo á tempestade, rompeu a abobada, levantou toda a cornija, que guarnece o frontespicio, deixando lhe inclinado para uma banda a cruz do remate, furou a capella em sete partes, comeu o ouro do retabulo, e o da cornija interior, e estando nella tanta gente, só queimou ao religioso um bocadinho da tunica, deixando-lhe sobre o joelho uma nodoa da grandeza d'um tostão, e fez dar com um tijolo nas costas d'um homem que caiu no chão, ou com a força do tiro ou com o susto. O segundo deu sobre uma oliveira, que fica por detraz da egreja, e a fez em pedaços, e saltando estes mui longe, e havendo na-

quelle campo em pequena distancia gente, que andava sachando milho, e o gado do convento, a ninguem offendeu, o que os religiosos attribuiram a milagre do seu glorioso patriarcha, e assim passaram logo em communidade ao côro a cantar o *Te-Deum.*»

Tibaes possuiu uma galeria de quadros, que em 1820 foram legados áquelle mosteiro[1] por José Teixeira Rebello, mas d'onde desappareceram em 1833. Da dadiva existe o seguinte documento, já publicado por Camillo Castello Branco.

E' uma carta autographa que o geral dos benedictinos escreveu aos abbades dos outros mosteiros.

«Muito reverendos padres dons abbades.

Gratia Dei cum omnibus.

«Foi Deus servido levar da vida presente para a eterna a José Teixeira Barreto, que foi leigo da nossa congregação, o qual nos seus ultimos dias nos tinha pedido instantemente o tornassemos a admittir na religião: attendendo pois ás circumstancias em que pedia esta graça, ao que a nossa regra recommenda, e ao que a nossa mesma lei determina, benignamente annuimos ás supplicas, e houvemos por bem de permittir-lhe que renovasse a sua profissão; mas, por uma circumstancia que occorreu, não pôde satisfazer estes seus justos e ultimos desejos, e morreu sem ter entrado em a nossa congregação. Comtudo, como elle num testamento que fez deixou á congregação uma selecta, abundante e rica collecção de pinturas, dizendo que a deixava agradecido á respeitavel congregação de S. Bento, e pedindo a todos os religiosos que em recompensa da sua lembrança rogassem a Deus pela sua alma: julgamos do nosso dever participar isto mesmo a vossas paternidades, para que o communiquem ás suas communidades, e todos roguem a Deus pelo seu descanço,

---

[1] Cf. Camillo Castello Branco, *Mosaico e Sylva de curiosidades historicas*, etc., Porto, 1868.

encommendando-o nos seus sacrificios como um bemfeitor da nossa ordem. Aqui em Tibaes lhe mandaram fazer um officio solenne, como se faz pelos nossos religiosos quando morrem. VV. PP. farão o que a sua caridade e piedade lhes ditarem. Tibaes, 12 de novembro de 1810. (a) O geral, Fr. Manuel Ignacio das Dores.

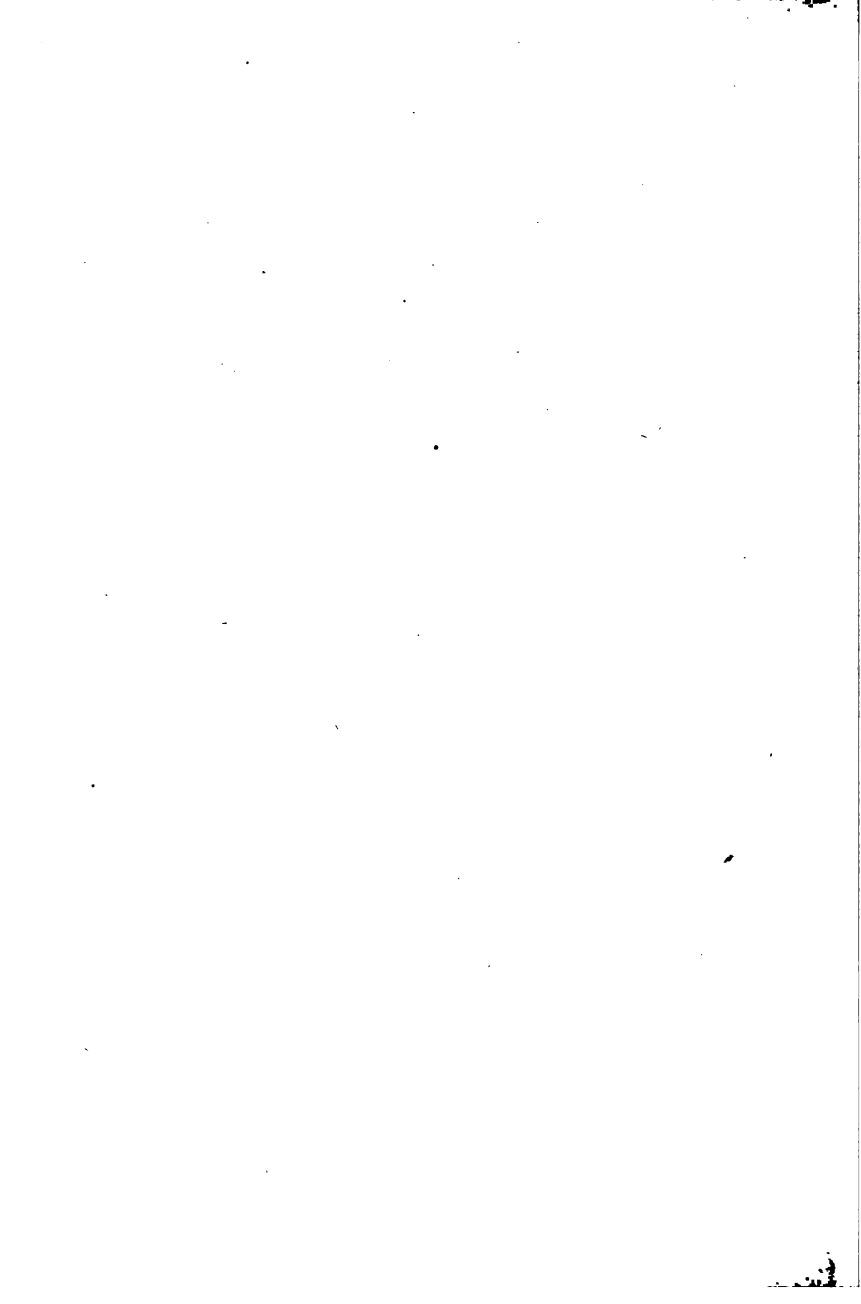
Será a algum d'estes quadros que se refere o conde de Carnevon, que visitou Portugal em 1827, e que em 1836 publicou a relação das suas viagens[1]? Diz elle: «Depois de chegar a Braga fui visitar o convento de Tibaes, edificio espaçoso construido no meio de um encantador jardim. A verdura era maravilhosamente rica; as roseiras na plenitude da sua flôr, e todo o campo, observado das janellas do convento, assemelhava-se a extensos jardins de recreio. Este mosteiro encerra alguns quadros de consideravel merecimento. Diz-se que dois são trabalho de Rubens, e pouca duvida lhe ponho de que um, pelo menos, seja original. Ha tambem um de Raphael, e alguns outros chamados italianos, os quaes podem, segundo creio, ser attribuidos indubitavelmente á escola de Bolonha. Ha ainda dois paineis representando D. Ignez de Castro, que parecem antigos.»

E assim se foi tudo o que tinham os frades de bom, sem que nem a consolação nos reste de conhecer os nomes dos... *novos possuidores!*

Eis quanto me parece que se sabe do mosteiro que foi cabeça da ordem «não por mais rica (que sua renda é limitada) se não por mais antiga, e por ficar quasi no meio dos mais mosteiros de Entre-Douro e Minho.»

---

[1] *Portugal and Gallicia, with a review of the social and political State, of the Basques Provinces, and a few remarks on recent events in Spain.* London. John Murray, 1836 — 8.º — 1 vol.

O Milagre de Fr. Cyrillo

AINDA havia frades.

Os franciscanos de Santa Maria da Serra viviam de esmolas, em observancia da regra do seu santo fundador. O convento, humilde de apparencia, alvejava na meia encosta d'um monte abrupto, eriçado de penedia negra. Nas poucas geiras de terra que lhes pertenciam os frades mal podiam cultivar hortaliça, algum milho de sequeiro, e arrecadavam poucos almudes de vinho verde, amargo producto das vinhas d'enforcado, que se enroscavam pelos choupos e carvalheiras da acanhada cêrca.

O resto da subsistencia era obtido pelos leigos pedintes, que percorriam as povoações de cinco leguas ao derredor, enchendo o alforge a troco de promessas de futuras recompensas na bemaventurança eterna. Acudiam tambem alli as offertas de farinha, gallinhas, ovos, gorduras, alguns presuntos, cestos de fructas e tudo mais que a fé nos santos ou o medo do inferno podia arrancar á dispensa ou ao celleiro do lavrador devoto.

Não se passaria de fórma variada a fazer inveja a Lucullo, quando jantava em casa, mas, graças a Deus e ao santo patriarcha, não se morria de fome no convento.

Num anno, porém, logo ahi depois dos primeiros franceses, escasseou no reino a colheita do azeite, e as

esmolas do precioso oleo diminuiram, e tanto que os frades, vendo dia a dia minguar o liquido nas talhas, e sem esperanças de renovação, começaram de poupar, de poupar muito, o mais possivel, prescindindo até de temperarem as couves e o bacalhau, para que as lampadas, que dia e noite ardiam na sua egreja em frente de nichos e altares, não tivessem de extinguir-se, como acontecera ás das virgens loucas.

Apesar, porém, de toda a sua prudencia, o nivel do azeite ia abaixando de maneira assustadora, e até já se pensava no convento em fazer preces *ad petendum oleum*, ou pelo menos, para que a futura colheita promettesse ser boa; mas isso de pouco serviria, porque se estava em julho e o resultado das preces, por mais milagroso que fosse, só se conheceria nos fins de novembro. Urgia, pois, tomar uma resolução energica e prompta. O padre guardião escreveu ao custodio contando-lhe as afflicções em que vivia, a abstinencia forçada da açorda ao almoço, o uso ensosso do peixe comido sem tempero e o proprio bacalhau secco e resecco. O prelado respondeu-lhe: que do mesmo mal se queixava elle, e portanto que poupasse!

Poupar! Era bom de aconselhar. Mas poupar como? Chamada a communidade a capitulo, e entoado o *Veni Sancte Spiritus*, exposta a questão, ninguem se atreveu a indicar qual a capella por que se havia de começar. Nenhum dos seraphicos franciscanos se queria comprometter com o santo ou santa que ficasse ás escuras, porque, ao que parece, os bemaventurados, que o são porque foram muito boas pessoas neste mundo, assim que se apanham na celestial gloria deitam as mãozinhas de fóra, e quem lhes fizer partida cá nesta vida póde ter a certeza de que a pagará lá na outra. Foi no meio d'estas indecisões que soou a voz quasi apagada de fr. Cyrillo, pedindo que o ouvissem.

Causou surpresa geral que aquelle irmão quizesse falar, e numa occasião d'aquellas. Todos se lembravam de que se elle, quando esteve de procurador do convento, não tivesse sido tão mãos largas com os po-

bres, não se teria chegado á miseria que em tal momento se lamentava. Mas a hora não era para criticas do passado, e convinha ouvir todas as opiniões, mesmo as dos que menos habilitados pelos seus precedentes parecessem para da-las.

Deve notar-se que assim que fr. Cyrillo largara, ou lhe fizeram largar o cargo de procurador, se recolhera á vida contemplativa e penitencial, absorvido constantemente em mysticas praticas com o seu seraphico patriarcha, dormindo pouco e rezando muito. Uns respeitaram aquella santa transição e farejavam nelle um futuro ornamento dos altares da ordem; outros, mais incredulos, — porque tambem os ha no claustro — torciam a venta e resmungavam.

Com grande copia de exemplos tirados das vidas dos santos e da evangelização de Christo, provou elle que a fé é quem nos salva e não o pau da barca, e que querendo *Aquelle*, que converteu em vinho a agua nas bodas de Caná, podia fazer subir o azeite nas talhas; terminando por dizer que, se o permittissem, elle tomaria sob sua guarda a depauperada reserva. E com tal fé falou, tão sincera, e ao mesmo tempo enthusiastica, parecia a sua crença, que os frades, embora se lembrassem ainda da recente procuradoria, não quizeram molesta-lo e concederam-lhe a administração — que no fim de contas ninguem queria — do azeite das lampadas, muito resolvidos, os incredulos, a vigiarem a portaria por causa do sestro das esmolas.

Cyrillo fez transportar uma imagem do seu santo padroeiro para junto dos grossos potes de barro, enterrados no chão até ao bojo, e de dia e de noite alli se conservava jejuando, rezando e distribuindo as medidas d'azeite precisas para o serviço divino e culinario.

Dias passados, o padre guardião foi visita-lo, e o frade, destapando as talhas, mostrou-as trasbordando de azeite.

«Deus, disse elle, ouvindo as supplicas do seu servo, converteu a penuria em abundancia.

O milagre constou logo.

Os repiques festivos dos sinos retiniram pelas quebradas da serra, as multidões correram á egreja, entoou-se um *Te-Deum* solenne, e para cumulo de satisfação o jantar do dia da festa, para que foram convidados lavradores, morgados, amigos e bemfeitores do convento, foi todo obrigado a peixe... com azeite!

O custodio, assim que soube do espantoso prodigio, instou com o guardião que lhe mandasse fr. Cyrillo, para lhe obter das santas orações algumas pipas de azeite, reservando-se para pedir vinho quando já não precisasse do trabalho do lagar.

Fr. Cyrillo pegou no seu bordão nodôso, e sem outra companhia mais do que o seu breviario, lá se foi a pé, rezando e abençoando os povos que vinham ao seu caminho rojar-se-lhe na frente, tendo por suprema ventura poderem tocar na fimbria do seu burel. Por pouco que o não deixaram em pello e reduzido a postas para adquirirem reliquias! Ora o azeite, que durante a assistencia de fr. Cyrillo se conservara sempre á mesma altura, mal elle partiu, começou a minguar, até que um dia, quando o celleireiro, que ia encher as almotolias, metteu a colher na talha, viu com espanto que ella vinha cheia... d'agua, e que de azeite apenas se mostravam largas olhas ondeando...

Julgando-se victima d'uma cilada do mafarrico, correu a prevenir a communidade, que se cuidou assim castigada por ter deixado partir o *santo*; e já todos começavam a sentir o cheiro do enxofre das chammas do inferno, quando o leigo, que servira a fr. Cyrillo, exclamou:

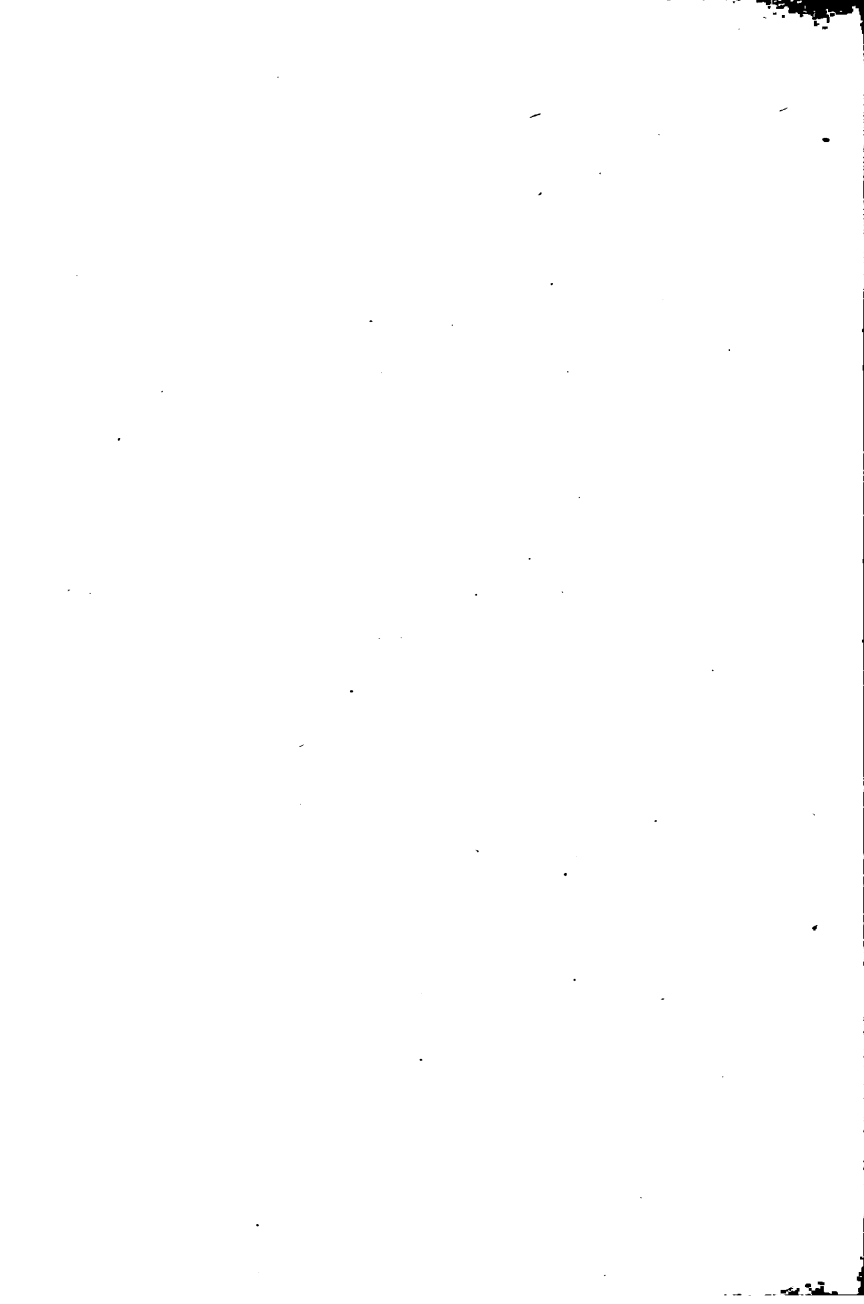
— «Eu bem dizia a sua reverencia que era a agua que elle deitava nas talhas que as enchia; mas elle teimava que o nosso santo patriarcha a convertia em azeite!»

....

....

E assim como no convento se acabou o azeite, assim acabou tambem a fé nos milagres!

Uma Ruina Benedictina

CASTRO DE AVELLÃS

Perdida no meio das ondulações do solo aspero e escalvado do plató em que assentam terras de Bragança, no fundo de estreito valle, atravessado por um riozinho que o torna fresco e conserva verdejante, e cujas agoas, descendo de cêrro em cêrro, depois de se terem misturado com as do Sabor, acabam, a longas legoas da origem, por engrossarem as do Douro, esconde-se meia duzia de pequenos casebres d'apparencia mesquinha e sombria, que constituem a povoação de Castro d'Avellãs.

Se pouco espaço a exigua aldeola occupa agora na historia do paiz, grandes foram as preoccupações que suscitou na gente archeologica, que quiz encontrar naquelle chão schistoso com reflexos metalicos, vestigios da moradia permanente dos romanos, e até argumentos para affirmar que a primitiva Brigancia foi alli, ou por alli algures, fundada mil e noventa e seis annos antes de Christo, por um rei chamado Brigo IV, que lhe deu o nome.

A velha historia lendaria conta que a Jubalda, Jubelo ou Jubeles, succedeu seu filho Brigo, que reinou entre 31 a 53 annos, fundou a cidade de Bragança, e que d'esta cidade, 318 annos antes de Christo, saiu

Iberno, capitaneando montanhezes da localidade, e com elles foi povoar certa terra, a que poz nome de Ibernia e que hoje se chama a Irlanda.

O certo, certo, é que no comoro alem rio, chamado *Torre Velha*, se encontram fundamentos d'um antigo templo romano; e nas surribas, que adjacentemente se estão lavrando para plantio de vinha, o arado vae d'encontro ás alvenarias de velhos alicerces — *liçârces* dizem lá — de destruidas edificações, e entre pedras argamassadas apparecem aqui mós de moinhos, — essas pequenas e caseiras mós dos romanos — lá fustes grosseiros de derribadas columnas e por mais d'uma vez fragmentos de capiteis.

Outr'ora encontraram-se lapides que figuram já em publicações especiaes lidas e discutidas, tanto no que se refere á sua authenticidade e origem, como á interpretação dos disticos. Uma d'ellas, que durante muitos annos esteve collocada na egreja, junto da pia da agoa benta, para alli provavelmente conduzida quando no seculo XVII se fez a reconstrucção do edificio, tem dado assumpto para renhidas discussões.

Dedicada ao deus AERNO [1] é esta palavra considerada pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos como nome d'algum dos muitos deuses da Lusitania, que de si não deixaram mais memoria no mundo; querem outros que o seja ao *Deus Eterno*; veem terceiros, intercalam-lhe um simples V, e fica logo consagrada ao tenebroso e não menos terrivel deus do AVERNO.

---

[1] A inscripção é assim disposta:

DEO
AERNO :
ORDO
ZOELAR.
EX VOTO.

Ha suspeitas de que falta ou foi raspada uma lettra no fim da segunda linha.

Escolha o leitor, que tem por onde; e, se se deixar ir ao impulso do seu palpite, fique certo que, em grande numero de casos, é elle o oriente de muitos sabios; quando o não é o simples desejo de contradictar outro sabio. Que trabalhos de imaginação, que prodigios de phantasia, que torcidellas violentas ao mais rijo marmore elles, sabios, não dão ás lettras que os seculos tem ou não gastado, para que se ajustem e satisfaçam a uma theoria preconcebida! O deus AERNO é um exemplo frisante d'esse prurido que leva a ler tudo... menos o que claramente está á vista.

Alem, d'um palacete de apparencia solarenga, cuja frontaria está nobilitada pelo brazão dos Carvalhos — a estrella entre quartos de lua, tendo por timbre um cysne, que mais parece pato, estrellado no peito — nenhuma outra edificação avulta no Castro, entre as pequenas casas de schisto amarellado, senão, num dos flancos quasi á beira do rio, a egreja, que outr'ora foi uma florescente abbadia benedictina.

Merecia a pena estudar a fundo a força d'expansão que teve em todo o occidente esta ordem monastica, e verificar por que modo e com que factores ella satisfez certas exigencias sociaes, para conseguir tão assombroso desenvolvimento! Qualquer que seja o exagero dos seus chronistas,—que contam por dezenas de mil os doutores, que professaram na sua religião, por centenas os reis e principes que renunciaram ás suas coroas para se fazerem benedictinos, por milhões o numero de monges considerados como santos, a ponto do geral se ver obrigado a pedir ao papa que não canonizasse mais benedictino algum, «para que pela multidão não fossem menos estimaveis», — ainda, dando grande desconto, fica materia para maravilha. Baste que aponte o desdobramento da ordem em Portugal. Na provincia do Alemtejo teve ella onze mosteiros; na Extremadura sete; na Beira vinte e seis; em Traz os-montes cinco; e entre Douro e Minho cento e onze! Dos seus bens deu rendimentos para um sem numero de instituições

religiosas. Ao arcebispo de Braga as rendas do mosteiro de S. Vitouro; á sé de Miranda as rendas e pratas de Castro d'Avellãs. As rendas do dom prior-mór de Guimarães e sua collegiada pertenceram a um mosteiro benedictino. Os bens dos jeronymos de Belem foram tirados em grande parte dos dos mosteiros do Pombeiro e de Refoyos de Basto. Os jesuitas obtiveram os mosteiros de Pedroso, Carquere, Sanfins, e rendas do de Paço de Souza. As dos mosteiros de Cete e de Vacariça foram para os eremitas de Santo Agostinho. Os dominicanos tiveram as rendas do de S. Salvador de Vianna; e comtudo ainda em meados do seculo passado (XVIII), a congregação de S. Bento tinha vinte e tres mosteiros de monges em Portugal, oito no Brasil, e treze de mulheres. Tal expansão, taes riquezas e tanta resistencia á dissolução representam forças prodigiosas que ainda serão estudadas sem tendencias doutrinaes, e convinha até que o fossem.

Da egreja de Castro d'Avellãs diz o chronista da ordem «que era maior que a de qualquer sé», e o povo conta ainda hoje que foi edificada por S. Fructuoso, para que, retrogradando-lhe a origem, lhe dê foros de maior nobreza. D. Rodrigo da Cunha, porém, na sua *Historia ecclesiastica dos arcebispos de Braga, e dos santos varões illustres que floresceram neste arcebispado*, procurou destruir à velha tradição, que, apesar das seguintes linhas que passo a transcrever, teve vitalidade para chegar até agora na memoria dos castrenses. Escreveu o erudito arcebispo: «E' bem verdade que por algum tempo andamos na suspeita se poderia ser (fundação de S. Fructuoso) o de Castro d'Avellãs, na comarca de Traz-os-Montes, pouca distancia da cidade de Bragança, para a parte do occidente, porque em papeis antigos achamos ser alli grandemente venerado S. Martinho, bispo de Turon, em França, por razão de uma grande reliquia sua, que no mosteiro se conservava, d'onde se poderia chamar o mosteiro de Turon. Mas fazendo depois maior diligencia sobre a

sua fundação achamos cair no anno 667, alguns annos adeante do em que falleceu S. Fructuoso...»

A grande antiguidade do mosteiro é indiscutivel. A elle anda ligada uma historia bastante typica, que prende com a origem da familia dos Barganções, e que na sua brutal singelleza se pode ler no *Livro das Linhagens* attribuido ao conde de Barcellos, na segunda parte do chamado *Livro Velho*, que começa e diz assim:

«Amigos se vos plaze vos contaremos as linhagens dos bons homens filho-dalgo do reino de Portugal dos que devem a armar e crear e que andaram a la guerra a filhar o reino de Portugal. E elles, meus amigos, foram partidos em cinco partes. A primeira parte foi el Uffo Belfages, donde veem directamente os Sousãos. A segunda parte D. Alam, que foi clerigo filho-dalgo, e filhou a filha d'el-rei de Armenia quando foi em oração a Santiago e foi seu hospede em S. Salvador de Crasto de Avellãs, e filhou-a com seu linhagem, e enviou as companhas suas para sa terra, e ficou elle com ella, e fege nella dous filhos, donde vieram as linhagens dos Barganções, e depois vos diremos como houveram nome, e quaes sairam delles[1].»

Tanto na historia como na tradição ha rastos da crueldade dos monges com os povos, crueldades que não lhes eram peculiares, mas sim communs em todos os senhores feudaes, e que constituiam direitos consuetudinarios contra os quaes por muitos e longos annos luctou o poder central.

Um d'esses direitos, que mais vexatorios se tornou, era o chamado *maninhadégo*. Se na sua primitiva representou um tributo — que devia hoje existir — sobre as terras maninhas e incultas, foi com o andar dos tempos convertido pelos monges benedictinos de Castro d'Avellãs no direito de «herdar o mosteiro a terça parte de todos os bens dos que sendo casados, chega-

[1] Os Livros de Linhagens — Script. V. 1 — Pag. 175.

vam a morrer sem filhos, posto que d'àntes os tivessem, se ao tempo da morte dos paes eram fallecidos [1].»

Ora os povos vizinhos do mosteiro estavam isentos do vexatorio tributo. O foral bragantino, dado em 1187, expressamente o declara. Não longe de Bragança, conta Viterbo «havia uma grande povoação, chamada Bragadinha, cujos moradores levados d'um reciproco e implacavel odio com inaudito furor se mataram todos em um só dia, ficando apenas umá mulher que se pôde esconder. D. Diniz promoveu a restauração d'aquelle povo em 1286, e chamou-o Villa Franca, deu-lhe foral, no qual determinava: «que todo o homem ou mulher, que for maninho, possa vender o seu á sua morte, a quem muito quizer.»

Esta situação fazia clamar os povos sujeitos ao mosteiro, e em 1452 o duque de Bragança escreveu á camara de Bragança, e aos seus termos e concelhos «que mais não guardassem o depravado costume que o mosteiro de Castro d'Avellãs tinha introduzido de levar a terça parte dos bens de qualquer defunto, contra a Ordenação do Reino e toda a boa razão, que ordena: fiquem as duas partes aos filhos do defunto, e que o terço disponha livremente a beneficio da sua alma.» Outro sim mandava: «que não sejam evitados, nem penhorados, os que o abbade d'aquelle mosteiro (como vigario geral do arcebispado) excommungar por esta causa.»

E os monges riram, ou caso não fizeram das concessões do duque, e continuaram opprimindo os povos, tanto que a um homem, que tivera filhos, mas fallecera sem elles, e do qual ficara herdeiro, levaram o odioso tributo.

Então o principe julga, sentenceia e decide pelo seu desembargador «que o abbade lhe não tome a terça dos seus bens; visto que o tal defunto não foi mani-

---

[1] Cfr. Viterbo—Elucid. Palavra *Maninhadégo*, onde largamente vem tratado o assumpto.

nho, pois teve filhos em algum tempo». E para estabelecer definitivamente a legislação *ad hoc* obrigou os a estarem pelo seguinte aresto: «Mando, defiro e declaro que todos e quaesquer freguezes das egrejas annexas ao dito mosteiro, que sem testamento fallecerem, seus herdeiros distribuam seus bens como quizerem, e por bem tiverem, segundo a disposição do direito commum: e morrendo com testamento, inteiramente se cumpra. E se bens ou moveis, ou dinheiros por sua alma deixar sem outra declaração, seus herdeiros ou testamenteiros possam livremente gastar as duas partes no que virem que é utilidade dos ditos finados. A terça parte, porém (attendendo a que o mosteiro por si e seus capellães lhes dá a *cura*, ensina e administra os sacramentos, e tem com elles outros trabalhos) a devem despender em missas (que é *obraçom* e sacrificio mais prezado, louvado, acceito a Deus pelas almas de todos, excellente sobre os outros todos) as quaes mandarão dizer na egreja onde jouver o finado; e serão ditas pelos capellães da dita egreja e monges do mosteiro, se quizerem vir (sendo primeiro avisados) no dia da sepultura, nove dias, mez e anno.»

E' de crer que os monges reagissem e continuassem nos abusos; e tantos elles foram, que o duque tem de mandar que paguem as cousas e mantimentos que tomavam, o que prova que elles e os seus officiaes eram verdadeiras aves de rapina. Isto dava-se por 1454, e um seculo depois, quasi anno por anno, Paulo III, pela sua bulla *Pro excellenti* [1] de 1545 extingue o mosteiro, e incorpora as suas rendas na mesa capitular de Miranda, por viverem os monges fóra do seu instituto com grande escandalo dos povos, passarem vida des-

---

[1] Esta bulla existe no real Archivo da Torre do Tombo, m. 24-9 e tem a data de 11 das calendas de Junho (22 de maio) de 1545. O trecho que se refere aos benedictinos de Castro d'Avellãs é assim redigido:... *Monachi jam diu a regularibus dicti Ordinis Institutos declinarunt, ac cum magna offensione, et indignatione circumvicinorum populorum, inhoneste, et dissolute vivunt; ita ut nulla, quod reformari debeant, spes supersit.*

honesta e dissoluta, e não serem capazes de reforma nem de emenda.

Parte d'esta degradação foi devida aos abbades commanditarios, que tinham os mosteiros por doação regia, e os consideravam apenas como fonte de receita.

Esperaram os monges que lhes fosse lida a bulla para abandonarem o mosteiro? Pinho Leal, ignoro com que fundamento, diz que não, e que mandaram procurador a Roma para sobrestar na sua execução.

O que parece averiguado é ter D. Manuel ainda feito mercês ao mosteiro, e, segundo o testemunho d'um padre velho, que viveu alli proximo em 1640, quando era criança e foi crismado, ainda lá viviam uns trinta monges.

Da majestade de que elles se davam ares pode inferir-se pelo que conta o seu chronista: «que em certo dia do anno se assentava o abbade de Castro d'Avellãs em uma cadeira com sua mitra e baculo e todos seus vassalos e caseiros lhe vinham beijar a mão, reconhecendo-o por senhorio.»

De tão alto, devia ser dolorosa a queda, e da magoa duradoura encontro no mesmo chronista este desabafo ironico, referindo-se aos conegos de Miranda: «Pagam ao glorioso patriarcha S. Bento o dar-lhes de comer tão honradamente, com lhe cantarem todos os dias uma commemoração depois de matinas, e outra depois de vesperas, o que outros não fazem, comendo muito e muito de S. Bento.»

Quanto á applicação das rendas diz: «... não duvido que fosse mui bem feita, pois foi por ordem da Sé Apostolica á petição d'um rei poderoso como era el-rei D. João III. O que se pode sentir é não ficar sequer ao patriarcha S. Bento o casco do mosteiro, ainda que não fora com tanto recheio de ouro e prata, como todas as suas rendas montavam.»

Quando, porém, estas cousas aconteceram já a egreja tinha soffrido modificações, tendo lhe o commanditario D. Diogo Pinheiro — que foi bispo do Funchal — mandado renovar o portal. A nomeação de Diogo Pi-

nheiro para bispo é de 1514. Foi elle um dos advogados de D. Fernando, duque de Bragança, decapitado em 1483, por crime de alta traição; e se não teve a fortuna de alcançar a absolvição do seu cliente, teve a coragem franca de escrever um manifesto em que mostrava a innocencia do duque, e protestava energicamente contra as irregularidades do processo, no qual não foram admittidas testemunhas de defesa, segundo alguns querem deprehender de Ruy Pina, quando diz, referindo-se ás testemunhas que depozeram: «cujos testemunhos parece que faziam ao libello provas inteiras, nem havia a elle contraditas, *nem lh'as receberam*».

Este mesmo portal desappareceu; a nave baixa do lado da epistola caiu, ficando de pé parte da do lado opposto, aproveitada para sacristia e outras dependencias. As paredes das tres absides são alliviadas e decoradas, tanto interior como exteriormente, por duas ordens sobrepostas de arcadas fingidas, sobre as quaes correm frisos de topos de grossos tijolos, com uma das arestas recolhida e a outra facejando com a linha da parede.

Passemos agora á historia «de como eu abri uma porta que já estava aberta».

A' entrada da egreja, á esquerda, meio mettido num arco escavado na grossura da parede, e que evidentemente não foi construido com o fim para que o aproveitaram, está o sarcophago de granito do conde *Ariães*, morto em 1262, (era de 1300). Na entrada do adro, sobre duas baixas hombreiras, que formam a porta do recinto fechado por um muro de pequena altura, ostentam-se dois felinos, um já sem cabeça, agachados e como que vergando a um grande peso. Estes animaes teem, como o deus *Aerno*, soffrido varias classificações. Uns lhes chamaram leopardos, outros panthera e ainda outros, commigo, leões. E não só o nome das feras tem variado, como tambem o seu primitivo destino e edade, havendo até archeologos que, em memorias recheadas d'erudição, as attribuem aos tempos visigoticos!! Eu, porém, encontrei-lhes o des-

tino pondo-lhes em cima o caixão que está na egreja, ao que me convidavam os seus dorsos planos e com rebaixos apropriados. Verifiquei depois que não tinha encontrado novidade alguma na minha conjectura, quando li na *Benedictina Lusitana*: «Tem dentro (na egreja) um tumulo levantado sobre leões, que segundo dizem os naturaes é do conde de *Ariães*, terra junto ao mosteiro». A porta, pois... estava aberta!

Fr. Leão, o auctor da *Benedictina*, curou por informações. Não precisava que os naturaes lhe affiançassem o que poderia ter lido em grandes lettras do seculo XIII. Mas o que elle nos não diz foi onde existiu primitivamente o tumulo; e aqui, se o leitor me permitte, aventuro uma conjectura que me parece muito plausivel.

No tempo em que o conde morreu ainda as demonstrações publicas de humildade christã não permittiam que se enterrasse gente na casa de Deus, reservada ao seu culto e ao das reliquias dos seus santos. Ainda os que morriam diziam em seu testamento: «E peço-lhes por mercê, que *me cheguem* á egreja o mais que poderem», segundo se lê num documento de Vairão de 1289, citado por Viterbo e corrigido na interpretação por J. P. Ribeiro. Portanto o tumulo não estava na egreja, onde lhe deu entrada o seculo XVII; mas sim numa especie de pequeno portico ogival, que ainda hoje existe, parecendo ser a base d'uma torre, e que outr'ora estaria *chegado* á egreja, mas sem ter communicação com ella.

Neste pequeno portico, — composto de dois arcos de ponto subido, fazendo angulo recto com duas paredes cheias, e coberto d'abobada, formada por arcos que se cruzam em ogivas,—ha uma singularidade, e é que num dos cantos, onde se encontram as paredes e d'onde sae um dos arcos, a imposta está segura por grosseira mão lavrada em pedra, saindo do grosso da alvenaria. Será um symbolo? uma tradição? ou simples phantasia do alveneo?

Era natural que a curiosidade me incitasse a investigar quem teria sido esse conde de Ariães, com quem

os benedictinos tiveram tão grande consideração, ou com quem elle teve larguezas extraordinarias; porque nem d'outra maneira se explica a sua sepultura na galilé do mosteiro. Baldados fôram todos os meus esforços. Nem paginas de chronicas, nem de documentos me disseram cousa alguma. Apenas na tradição oral encontrei um mal extincto echo de sanguinolenta historia que passa, na opinião d'aquella gente que m'a contou, como tendo relação com o conde.

Era este tão grande caçador como amigo de feras. Nos pateos interiores do seu castello havia jaulas com ursos, lobos e outros animaes ferozes, que juntavam os seus uivos e rugidos ao ladrar das matilhas e aos berros dos falcões e outras aves da caça d'altenaria. D'entre as suas feras as mais predilectas eram os leões, de que estava sempre bem fornecido, e que elle propria regalava com a carne palpitante das rezes que abatia por sua mão.

Num dia, em que madrugou para ir correr o javali, recommendou á condessa que o esperasse para o jantar. Subiu o sol ao zenith e o conde não apparecia, nem sequer se ouvia o som das trompas nem o latido dos cães. Anciosa, a condessa estendia os olhos para a serra e nada via. Começa a tarde, o conde não chega. Ora como por mais vezes adregava ficar elle nas choças dos pastores, e apertando com ella a fome, jantou. Tinha findado a comida quando lhe começaram a chegar aos ouvidos os alaridos ruidosos da vinda dos caçadores. Mandou deitar lenha e matto secco na lareira da chaminé, preparar a mesa, e ao entrar o conde na sala grande da torre de menagem, acercou-se d'elle e disse-lhe que tinha jantado, mas que o melhor bocado lhe ficara reservado.

— Não pudestes esperar por mim? Muito bem. Mais esperaram por certo os meus leões pela carniça, que não encontrei nem na serra nem no matto. Mas como foram mais pacientes do que vós, não perderam por isso, porque vão ter iguaria senhoril. E logo, sem nada querer ouvir, ordenou que lançassem a condessa aos

leões. E emquanto as feras a devoravam, ia elle, com tranquilidade e appetite, comendo a parte do jantar que lhe tinha sido guardada.

Outra tradição local, sem fundamento, é a que conta terem visto velhos d'então, que o disseram aos velhos de hoje, os frades sentados á beira do rio socegadamente pescando á linha; quando é certo, que já em 1640, um padre que alli residia, como acima disse, ficou admirado e contente por ver passar certo monge de S. Bento, a quem hospedou e agasalhou, como convinha a um dos representantes dos antigos senhores da casa.

A primitiva egreja, ou pelo menos os vetustissimos restos que ainda hoje existem, já liturgicamente orientados pela linha leste oeste, era construida de tijolo; e, segundo o estylo romão, adoptou em planta a distribuição da antiga basilica christã, dividida em tres naves, tendo a do centro approximadamente o dobro da largura de qualquer das lateraes Um dos caracteristicos da sua antiguidade parece-nos ser indicado pela ausencia de cruzeiro. Cada uma das naves ia terminar na respectiva abside independente, cobertas as tres por abobada de concha; emquanto que os corpos rectos já são fechados por arcos mestres de ponto subido, entre os quaes se formaram ligeiras abobadilhas, que deixam antever que está proximo a despontar o arco ogivo. Eram as naves divididas por grossos pilares rectangulares, muito proximos uns dos outros, e, provavelmente, unidos por arcos de circulo, cujos tympanos, cheios até certa altura, estabeleciam uma linha de cornija ou de imposta, d'onde nascia a abobada, servindo os pilares de pés direitos aos arcos mestres a que acabo de me referir. Não acho pois muito arriscado suppôr que o que ainda existe da velha, mas não primitiva egreja, seja obra do seculo x ou, quando muito, dos primeiros annos da monarchia, nos quaes Affonso Henriques tantos dons fez áquelles e a muitos outros monges benedictinos.

Os Bons Homens de Villar

OS BENEDICTINOS

Uma larga estrada, desenvolvendo se em curvas amplas e inclinações faceis, por entre pinheiros hirtos entalados nas penedias, conduz de Barcellos ao antigo mosteiro de Villar. Cabeços negros de granito coroados de musgo surdem de entre o matto rasteiro, que exhala um perfume accentuadamente acre á hora do calor. Avisto, á esquerda, a serra d'Oliveira, envolvida numa nevoaça escura, que é, como lá dizem *a neve que subiu ao ar*. Onde o chão é mais mimoso verdejam cearas e hortas. Ao longo das carvalheiras crescem vides que nellas se enroscam para se irem pendurar nos troncos altos; e, semelhando gigantes com esguios capotes de palha, elevam-se, nas proximidades das cabanas baixas, as medas de milho secco ainda em maçaroca.

A meio caminho encontra-se a minuscula povoação de Gamil, com a sua pequena egreja servindo de guarda avançada ao cemiterio, que protege com a sua som-

bra. D'um e outro lado da porta duas camellias feitas arvores. Typo sereno, intimo da egreja d'aldeia, vigiando piedosamente sobre os mortos que descançam á sua beira. No chão do eterno repouso junto de cada coval, que em toda a sua extensão é indicado por um monticulo de terra em fórma de tumba, a caldeirinha ou simples tijella de barro com agua benta, hyssope ou ramo de murta com que os que ficaram aspergem as campas dos que partiram, emquanto por alma lhes rezam um devoto *Padre-Nosso.*

E naquelle meio tranquillo e mudo, perfumado pelas flôres que vão haurir côr, força e vida aos cadaveres em decomposição, ao abrigo da sombra projectada pela egreja, por certo não haverá *espirito forte* que se não lembre dos seus mortos, e por elles não sinta correr uma lagrima, aspergindo a primeira campa anonyma que se lhe estenda aos pés.

Mais além, continuando no caminho, deixa-se a estrada real e toma-se, á esquerda, por um atalho estreito, que sombriamente desce por entre pinhaes até o largo do cruzeiro, primeiro indicio monumental dos dominios da antiga abbadia. D'alli segue-se pelo carreirinho azinhagado á direita, subindo sempre até á pequena planura, sem horizonte, fresca e humida em que assenta o edificio. Na frente abre-se, como quem nos convida a entrar, um grande pateo monumental, flanqueando a egreja, que ainda conserva o seu velho portico romão, a sua torre medieva e a entrada central deturpada pelos frades do seculo XVII.

Aos nossos ouvidos vem um ruido manso, tenue, quasi imperceptivel mas caracteristico, que nos denuncia a presença proxima d'um rio. E' o Cavado que perto corre e refresca todo o valle que nelle vae morrer.

A fundação d'este mosteiro, primitivamente de monges negros, anda perdida no acervo das lendas monasticas dos primitivos tempos da entrada na Lusitania, ahi por fins do seculo VI, da instituição de S. Bento, o

patriarcha dos monges, durante a vida de S. Martinho Dumiense[1].

Mas, sem irmos ao arrepio dos annos, na corrente das incertezas, podemos dar como certa a sua fundação, ou a sua restauração, seis seculos depois. Sabemos mais que a essa fundação anda ligada uma lenda tragica, d'essas que tão amiudadas vezes se desenrolavam na Edade Media, onde a justiça individual era prompta, sanguinaria, e as represalias duradouras, crueis.

Segundo bem assente tradição, o fundador ou res-

---

[1] No tempo em que havia frades, por mais d'uma vez se travou por escripto, tanto nas chronicas das differentes ordens, como em publicações especiaes, algumas d'ellas no tom de verdadeiros pamphletos, a questão de qual de todas foi a primeira ordem monastica que entrou em Portugal. Opinam os benedictinos que foi a sua; negam os eremitas de S. Jeronymo, com o fundamento que apresentam os monges, isto é, a entrada em Hespanha de S. Martinho Dumiense, que aquelles fazem filho de S. Bento, e estes de S. Jeronymo. Infelizmente o que historicamente se sabe d'este santo, antes de ter vindo ás Hespanhas, reduz-se a pouco, e esse pouco é que: embarcando nas partes do oriente viera desembarcar na Galliza, (como já atraz ficou dito, pag. 53). E como nas partes do oriente não era conhecido naquelle tempo o instituto benedictino, temeridade é, e não pequena affirmar que tal instituto era o de S. Bento. A esta objecção respondem os monges, que S. Martinho aportára em França e que ahi recebera o instituto de Santo Amaro; não vendo que se fundam para isso num erro do texto de Trithemio que escreveu, referindo-se a S. Martinho: «... *veniens è partibus Orientis in Galliam* ...» quando, segundo argumentos tirados da sequencia do texto, devia ter escripto *Gallæciam*. «E por que Santo Agostinho todas as vezes que se referia aos seus monges lhes chamava: *servos de Deus* e sendo o appellido dos monges do mosteiro de Dume: *Dumio Familia Servorum*, bem se deixa ver, conclue Manuel Joaquim de Freitas, respondendo a uma carta do D. Abbade geral fr. Manuel da Rocha, que os monges do mosteiro de Dume eram monges augustianos, e consequentemente que este foi o instituto que professou e introduziu no tal mostetro S Martinho abbade e bispo de Dume.» Jorge Cardoso é d'opinião que S. Martinho podia muito bem ter recebido a regra de S. Bento em Lorvão, dada pelo abbade Licencio; mas a isto responde o mesmo Freitas: que tal regra não foi professada em Lorvão senão em meados do seculo XI.

taurador do mosteiro do Salvador de Villar foi na segunda metade do anno mil D. Godinho, ou D. Guido de Viegas, rico-homem que contrahiu casamento com uma tal D. Maria Soares,[1] com quem depois recusou fazer vida matrimonial. São desconhecidos os motivos que D. Guido tivera para desprezar D. Maria, e só se sabe que D. Payo Guterres, padroeiro do mosteiro de Tibaes, o matou para vingar a affronta soffrida pela despresada dama. Parecia que as cousas deviam ficar por alli: morte por affronta; mas não eram os homens d'então educados para não conservarem em seus corações um largo espaço para a vingança. Decorridos alguns annos, não muitos, D. Troicosendo Guedes, devoto fundador de Paço do Conde, e primo do assassi-

[1] D'ella diz o *Nobiliario* do conde de Barcellos. «É a sobredita D. Maria Soares filha de D. Soeiro Mendes, foi casada com D. Godinho Viegas, que fege Villar de Frades: e casou com ella por fuir o omezio, cá um irmão de D. Godinho Viegas matou a mulher de D. Soeiro Mendes, e era a madre desta com que elle casara; e fege nella Pay Godins. E este D. Godinho Viegas leixou esta mulher e matou o por ende D. Pay Guterres, o que fez Tibaes; e este Pay Guterres cegou por ende D. Truito Gozendes, que era primo com irmão de D. Godinho Viegas, o não quiz matar, porque D. Pay Guterres era adeantado d'elrei, mas cegou-o de ambos os olhos. E este D. Pay Guterres, pero era leigo, foi abbade em todo o tempo da sua vida de Tibaes.»

Não se admire o leitor d'estas e d'outras proezas de egual jaez. Nas eras primitivas da monarchia a generalidade dos homens e mulheres era impellida pela brutalidade dos sentidos, sem que a mais leve sombra de pudor viesse por qualquer fórma amenizar as suggestões da sensualidade.

Quem ler o *Livro das Linhagens*, acima citado, nelle encontrará não só em cada pagina, mas quasi que em cada linha, os mais torpissimos incestos; os roubos violentos de mulheres; a mancebia como meio usual e corrente de formar familia; a barregã de um passando a mulher de outro; os filhos matando as mães, porque os *baralhavam* com as amantes; emfim tudo quanto hoje nem por phantasia se concebe numa sociedade de grosseiros instinctos, e de depravadas aberrações. Os fundadores das grandes casas nobres de Portugal pouco menos foram do que selvagens lubricos, em cujas almas não existia o mais tenue indicio de sentimento moral. Os proprios reis pagavam a hospedagem que lhes davam seduzindo as mulheres dos hospedeiros.

nado, perseguiu D. Payo, houve-o ás mãos e mandou-lhe arrancar os olhos, sem nenhuma outra sorte de processo.

Felizmente para as consciencias d'estes fundadores de mosteiros era grande, naquellas epocas, a crença de que uma absolvição restituia a pureza d'alma; e monges, bispos, legados e papas facilmente a concediam por preços ao alcance de todas as bolsas, quando peccados ou crimes não tinham offendido directamente direitos, ambições ou prerogativas de quem tinha em mão o cofre das graças.

Exemplos não faltam. Citarei um dos mais caracteristicos.

Gil Martins de Careixas, cavalleiro, deixou por seu testamento, feito em 1288, «quinhentos maravedis por alma daquelles que eu matei, mandei matar e fui matar e aconselhei a matar, e ajudei a matar, para cantar missas de sobre altar[1].» E para inteira paz de sua consciencia, este cavalleiro, que conjugou em vida o verbo matar com quantos auxiliares e tempos ha na lingua portuguesa, mandava que um homem fosse por elle em romaria ao convento de Rocca Amador, em França, visto que em vida pouco lhe foi o tempo para aviar gente para o outro mundo.

Com os villões, porém, mudava o caso de figura. A morte, o estupro e o roubo pagavam-se cá neste mundo com a vida, multas e indemnizações para a familia da victima e para o fisco, salvo nos casos em que privilegios foraes estabeleciam legislação especial. No foral de Folgosa, por exemplo, dado em 1168 por D. Sancho I, determina-se que: «se algum extranho fizesse damno na villa, povoação ou herdade e alguns dos moradores o matasse, açoutasse ou espancasse, nada mais pagava de coima do que uma gallinha. No de Bra-

[1] Como na Edade Media se faziam varias solennidades religiosas com o nome de *missas*, quando se tratava da verdadeira missa designava-se com o nome de: *missa de sacrificio*, de *sobre-altar*, *calada*, *cantada*, etc., etc. Veja-se Eluc. de Viterbo.

gança, de 1187: «se o morador da vossa villa matar outro, que não for na vossa villa, não peite por elle nem migalha; e se matar o de fóra da villa peite por elle tresentos soldos.» E no da Lourinhã, de 1218, o privilegio chegou a tal crueldade que: «o matador, se se poder prender, seja sepultado vivo e o morto lançado em cima delle[1].»

É conveniente notar que a commutação das penas era uma fonte de receita para os encarregados da justiça, que obrigavam as familias dos criminosos a doações forçadas. Tal é o caso muito conhecido de Bona, que *doou* a Monio Viegas e a sua mulher uma herdade que tinha em Gestaçó, para que lhe soltasse com vida seu filho, que estava condemnado á morte por aquelle D. Monio, senhor da terra, por ter commettido varios crimes. Deste facto pode aproximar-se o de Affonso Sparandiz, meirinho do conde D. Henrique na cidade do Porto, que deixou de arrancar os olhos a um rapaz que lhe furtára umas ovelhas, dèpois de receber d'elle uma certa multa e varios presentes dos monges de Paço de Sousa, que se interessaram pelo criminoso. Se estava no fundo do direito criminal da epocha a indemnização do crime por meio de dinheiro, é bom notar que a crueldade das sentenças, ao arbitrio dos senhores, preparava d'antemão a importancia da quantia e o valor dos presentes.

Com a justiça divina, neste mundo, as cousas corriam mais brandamente, e a instituição d'uma capella punha tudo em ordem, para qualquer poder adormecer em paz, no somno eterno. Facil era uma tal instituição. A doação d'uma geira de terra, d'uma

---

[1] Para evitar o apparato d'uma erudição facil não sobrecarrego estas paginas com as indicações das fontes d'onde dimanam as citações, salvo em certos casos mais particulares. Geralmente estes e outros factos pedem verificar-se no *Portugaliæ Monumenta Historica*, na *Monarchia Lusitana*, na *Historia da administração publica de Portugal nos seculos XII a XV por H. da Gama Barros*, *Historia de Portugal de Alexandre Herculano*, *Benedictina Lusitana*, etc., etc., etc.

bouça, olival ou casa que rendesse o preciso para comprar azeite para uma lampada, satisfazer a tenção d'uma missa, pagar os gastos d'um officio de defuntos de tres ou nove lições, constituia uma *capella*. E como tudo isto era relativamente barato, não havia que hesitar ante a morte d'um marido que não faz caso da mulher, nem dos olhos d'um paladino que nos assassinou um primo.

Mas se nas consciencias grosseiras dos instituidores havia o secreto pensamento de peitarem o Supremo Juiz com dadivas e presentes egoistas, os testamenteiros trataram quanto nelles coube de lograrem os mortos; e por ultimo, com a extincção das ordens religiosas, o logro foi completo. Mosteiros e conventos, cabidos e hospitaes procuraram, por varias e repetidas vezes, fazer revisão dos contractos para reduzirem os suffragios. Reuniam-se para esse fim os capitulos geraes e decretavam essas reducções, que os breves pontificios depois approvavam. Foi para isto que se inventou a missa de *sete cabeças*, assim chamada porque se começava tantas vezes e se continuava até á consagração, quantas eram as intenções por que tinha de ser applicada, seguindo depois até o fim uma unica vez. Aos *Bons Homens de Villar* repugnou tal fórma de suffragio, então de uso commum, e por isso muitas almas tiveram que se demorar mais alguns annos no purgatorio, até que fossem approvadas as commutações que por cá se negociavam.

Antecipando, direi já que em Villar, no ultimo quartel do seculo XVII, as missas solennes eram cotadas em 400 réis, as rezadas em 120 réis, um officio de nove licções era avaliado em 1:200 réis, e o de um nocturno em 600 réis. Nessa epocha, e naquella região, a carne de vacca orçava por 18 réis o arratel; um carneiro custava 360 réis; o alqueire de trigo era vendido entre 200 a 250 réis, e o azeite entre 1:200 e 1:900 réis o almude.

O espaço de terreno que os primitivos benedictinos

possuiam para cultivar e d'elle tirarem o sustento era exiguo. Numa pequena facha, ao redor do mosteiro, colhiam alguns cereaes e os legumes indispensaveis para a communidade. O resto da terra pelas arribas, e talvez até o rio, era occupado pelos pinhaes espessos e ermos.

Por elles fóra se perdiam os monges em contemplação sós comsigo e com Deus, alheios ao que se passava no resto do mundo, entregando-se muitos d'elles, por largos espaços de tempo, á vida eremitica.

E' um echo dessa vida que veiu até nós na lenda que anda ligada ao pinhal, no sitio chamado *Padrão dos pinheiros da Franqueira*, onde um santo abbade, absorvido na oração, permaneceu setenta annos sem dar accordo de si.

O caso assim o conta a chronica, que eu copio para lhe não tirar o sabor:

«Sendo ainda as reliquias do ardor da caridade antiga dos santos monges em alguns, *foi um abbade desta casa de Villar de Frades, sendo da ordem de S. Bento*, o qual vivendo em muita caridade e amor de Deus e dos proximos havia seus monges, com que vivia em muita paz e repouso da alma; este era assim dado ás vigilias e espirituaes meditações, que alem das communs orações se dava em algumas horas e tempos a pensar em cousas da outra vida: e haveiu assim um dia que acabando suas horas, segundo seu bom costume, elle saiu de casa considerando em as cousas da outra vida, e nos prazeres da gloria; e segundo o vulgar dicto elle foi á cèrca da casa, onde óra são os pinheiros que se dizem do Padrão da Franqueira, (que agora tudo é cêrco da casa) alli estava um grande pinheiro onde o santo homem costumava ser em sua oração e meditação; pois alli estando elle em seus santos penseiros subitamente em a arvore appareceu uma ave, a qual se diz *melrôa*. Esta cantando, o santo homem foi assim arrebatado e embebido em a doçura de seus cantares, que foi posto em extasis. E cessando todos os sentidos corporaes de seu uso, todo

o supposto foi manteudo *por setenta annos continuados* em a doçura da alma, que d'aquelles celestiaes cantares gostava pelos orgãos d'aquella ave soantes; e assim foi por a virtude de Nosso Senhor, que elle nunca foi em aquelle tempo visto ou tocado de alguem; posto que muitas vezes a elle fossem, nem outro sim elle os sentisse, sendo toda a sua virtude intenta no cantar d'aquella ave.»

«E não sabendo os monges que cuidar d'elle, porque sabiam sua santa vida, não presumiam mal; mas cuidavam que elle se fosse a algum logar apartado; e assim esperando por algum tempo, e não podendo d'elle haver alguma noticia, vendo que nem podiam nem deviam estar sem pastor ordenaram outro abbade. Durou *isto assim por setenta annos continuos;* os quaes acabados quiz revelar o Senhor á sua Egreja a graça e dulcidão de sua gloria; e cessando aquella ave os seus angelicos cantos, e desapparecendo, o santo homem quedou mui consolado; e assim como se em aquella hora viera áquelle logar sem haver conhecimento da longura do tempo, começou mover-se para casa, e achava muitas cousas mudadas de como as leixara, e porém era maravilhado; e entrando em casa achava alguns monges que não conhecia, nem elles a elle, e, falando-lhe elles como a um homem que não conheciam, demandavam lhe quem éra, e falando assim finalmente de uma parte e da outra vieram em conhecimento do feito *que conheciam por fama e escripto que d'elle achavam:* e sendo mui maravilhados demandavam-no de sua tardança ou onde andara: e o santo homem d'isto tudo era mui espantado e affirmava que aquella manhã saira de casa. Assim que falando uns e outros vieram em conhecimento do feito, e louvaram a Deus dando gloria á sua virtude. E desde ahi fazendo os monges com seu abbade falamento, acordaram que tornassem o santo homem em seu grau. Mas elle dando a entender que a sua vida pouca era sobre a terra, humildosamente se excusou, e lhes amoestou que com toda a paz e temor de Deus estivessem como

estavam, e se exforçassem em a observancia de sua regra e a elle leixassem seus dias comprir em paz e repouso; e assim foi feito, que elle após poucos dias comprido do dulçôr do Senhor dormiu em paz; cujo corpo foi enterrado em a crasta desta casa em um moimento de pedra [1].»

Desde então começou a obrar prodigiosos milagres que attestavam a santidade da sua vida. E quando o mosteiro caiu em ruinas, e a egreja se converteu em abrigo de animaes, se acaso acontecia passar algum

---

[1] Esta lenda encontra se sob varias formas e com outras personagens em differentes casas religiosas. E' de formação antiquissima e tem sido transmittida, não como conto popular, mas sempre com uma feição mais ou menos litteraria, e não me admirarei se outro, mais sabido nestas cousas do que o author d'estas linhas, a encontre nas velhas tradições das religiões da India, d'onde me parece ser, tanto mais que della se podem approximar muitas lendas das cousas extraordinarias realizadas pelos fakirs.

Nos annaes cistercienses do padre Manrique, conta-se este facto, referido ao anno de 1167, como tendo accontecido com o monge Ero, abbade do mosteiro d'Armentaria na Galliza. Meditando, um dia, sobre estas palavras: *mil annos, Senhor, são para a vossa vista, como o dia d'hontem que já passou,* pensava com admiração como tal podia ser. Emquanto se achava absorvido, eis que um passaro de linda plumagem começou a voar ao redor d'elle, cantando deliciosamente. O abbade dominado pela seducção daquelle canto, e pelo brilho das pennas do cantor, foi-o seguindo insensivelmente. O passaro voou para fóra da egreja, passou ao claustro, e foi empoleirar se numa arvore da floresta proxima do mosteiro. O pobre monge nunca cessou de o seguir. O passaro saltava de ramo em ramo, ora approximando-se ora afastando-se do inebriado servo do Deus, e assim cantando e saltitando esteve trezentos annos. O abbade durante este tempo não sentiu nem fome, nem sede, não comeu nem bebeu, tão absorvido estava. Quando o passaro levantou voo, que elle não pôde seguir e tendo-o perdido de vista, voltou ao mosteiro, julgando que fossem tres horas da madrugada; hora em que costumavam acabar as matinas. Mas qual não foi a sua surpreza, quando viu que todos attentando naquella face extranha não o conheciam, e elle a todos desconhecia; e com espanto vieram por fim a saber, que havia já tres seculos que tinha saido do mosteiro! Os mesmos annaes não dão muita fé a esta lenda; tanto mais que no livro d'onde a transcreveram, se trata d'um sacristão e não d'um abbade, como se um sacristão não podesse ser santo!

d'elles por sobre a sepultura do santo, pisando-lhe a campa, era sabido que logo quebrava uma perna!

Vinte annos depois que os conegos azues tomaram conta do mosteiro, o mestre João, então bispo de Lamego, fez trasladar os santos ossos para a egreja, embrulhando-os no seu proprio roquete. Com as modificações que o templo soffreu, de todo se obliterou a memoria do sitio onde hoje repousam estes e outros restos mortaes, que foram trasladados pela mesma occasião, e entre elles os de Joanne, *o Pobre*, cuja historia se conta em poucas linhas.

Era este Joanne um mysanthropo, que vivia nas selvas, recolhido na oração, alimentando se de bocados de borôa, que alcançava por esmola, não indo aos povoados senão para prégar, admoestar e censurar vicios e ruindades. Na propria egreja de Villar não se acanhava de levantar a voz, no meio do silencio geral, «e dizia cousas que pareciam ideadas em um entendimento illustrado, accesas em um coração ardente, saidas de um espirito fogoso e incendido no amor de Deus e do proximo».

Por vezes as asperas censuras que fazia dos peccados publicos custavam-lhe brutaes sovas, que soffria resignado, mas não arrependido. No tempo das lavras, ou no das colheitas, ia para os campos ajudar os lavradores pobres nos seus trabalhos, e apenas acceitava como salario um pedaço de pão. Plantou uma vinha, e dava aos pobres o fructo que d'ella colhia. Pousava n'uma ermida onde recolheu um companheiro, que, passados tempos, o expulsou d'ella á paulada. Resignado afastou-se, e foi levantar outra, com a invocação de S. Silvestre. D. Affonso, 1.º duque de Bragança, consultava-o e ouvia-o, bem como D. Fernando da Guerra, arcebispo de Braga. D. Constança de Noronha, segunda mulher do duque, como Joanne se recusava a entrar em Barcellos, ia conversar com elle a uma ermida sertaneja, onde passavam longas horas em mystico convivio. Quando morreu, em 12 de janeiro de 1436, o seu cadaver foi conduzido processionalmente pelos co-

negos de Villar, com cerimonial de santo, e enterrado no claustro, d'onde os seus ossos foram trasladados para o cruzeiro.

Comquanto o Evangelho affirme que: «nem só de pão vive o homem» os benedictinos de Villar foram desapparecendo á falta d'elle; e entre 1340 e 1384 extinguem-se completamente.

Então o bispo de Braga nomeou um abbade para parochiar a egreja, o qual foi vivendo «como lavrador pobre, dos fructos que lhe respondia uma pouca de terra que semeava.» Quando os conegos de S. João Evangelista alli chegaram, para substituirem o ultimo abbade que tinha fallecido, «os dormitorios e officinas estavam no chão, sendo então acervo o que fôra edificio: a cêrca e horta estavam convertidas em matto, e, finalmente, a egreja, destinada para o culto divino, servia de abrigo ao gado, sem haver alli outra cousa boa mais do que o sitio».

OS CONEGOS AZUES

A origem dos conegos de S. João Evangelista, que eram conhecidos pelo nome de *azues*, da côr da murça que vestiam, representa mais um d'esses protestos isolados, que o proprio clero tentava contra a má vida e maus usos da generalidade dos ecclesiasticos. Taes protestos, e por differentes formas, foram a pouco e pouco avultando a ponto de, engrossados pelos odios e despeitos pessoaes d'esse pouco digno e menos sympathico Lúthero, irromperem no movimento da *Reforma* do seculo XVI. Nesse momento as reclamações já não atacavam somente a moralidade clerical, mas sim a essencia do proprio catholicismo. Dos primeiros movimentos saíram os santos, dos ultimos os heresiarchas. Intolerantes os primeiros sacrificaram socego e vida ao seu ideal, e igualmente intolerantes os segundos sacrificaram ás suas opiniões o socego e a vida... dos outros.

Estamos no seculo XV. Por todo o paiz se levantam

brados contrarios aos costumes dissolutos e vida criminosa do clero secular, confiado na impunidade quasi absoluta, ou na benignidade das penas que, por excepção, lhe impunha o seu fôro especial.

Não se reuniam côrtes, a partir do seculo XIV, nas quaes os procuradores dos povos não solicitassem do poder regio providencias contra os judeus e contra os padres. O mal, porém, alastrava dia a dia. Um dos remedios reclamados era: que os corregedores podessem compellir as justiças a perseguirem os cleros devassos e criminosos de ordens sacras que andavam homiziados. Nas côrtes de Santarem, em 1340, chegaram os procuradores dos concelhos a accusarem os clerigos não só de serem fautores de maleficios, mas tambem de authores dos roubos, homicidios, ferimentos e falsidades, crimes estes commettidos com a cumplicidade de judeus e mouros.

No seculo XV o mal tinha attingido uma gravidade assustadora. Ao regimen ferreo de D. Pedro, inspirado num ideal de suprema justiça, reprimindo os desregramentos dos clerigos, succedeu a relaxação do reinado de D. Fernando, que permittiu o trasbordamento das bestealidades contidas pelas execuções summarias de seu pae. Depois vieram as guerras, as invasões, a divisão do paiz em parcialidades, e quando o alto bom senso de D. João I quiz reorganizar o reino viu que tinha tudo a fazer. Alguns espiritos bons pretenderam realizar na ordem clerical o que elle procurava realizar na politica, e entre aquelles, quatro sacerdotes de vida exemplar, que viviam em Lisboa, metteram hombros á obra. A historia conservou-lhes os nomes; foram elles: o padre mestre João, cathedratico de medecina na Universidade de Lisboa, Martins Lourenço, doutor em theologia, D. Affonso Nogueira, formado *in utroque jure* pela Universidade de Bolonha, e Lourenço Annes, prior de S. Julião, todos os quaes pelo exemplo individual eram um protesto vivo contra a indisciplina criminosa da maioria.

Da communhão, pois, de sentimentos, e da identi-

dade de vistas destes quatro homens, foi que nasceu a congregação que, dois ou tres annos depois, havia de ser conhecida pelo nome de *Bons Homens de Villar*, designação esta cuja origem mais adeante procurarei esclarecer.

Não é meu intento escrever a vida d'estes *bons homens*, que o leitor pode ler com certo desenvolvimento na chronica que delles escreveu fr. Francisco de Santa Maria, com o titulo de: *O Ceu aberto na Terra;* mas para se comprehenderem alguns factos symptomaticos das futuras luctas dos *Homens de Villar* é conveniente fazer a largos traços um esboço da vida do

MESTRE JOÃO

Como todos os filhos, que longamente se fizeram desejados, e que só veem ao mundo quando já se não esperam, assim João foi o enlevo querido, cuidadoso e inquieto de seus paes Estevam Rodrigues Maceyra e D. Mecia Ponce, ambos de alta linhagem e grande prosapia. Creado e educado com muita religião, frequentando os frades dominicos de Bemfica, para onde seus paes foram morar, desejou vestir o habito de S. Domingos, resolução que estes contrariaram por desejarem casal-o e assim prepetuarem casa e nome.

Mas era teimoso João, e, ao mesmo tempo, devoto sincero. Acompanhava os frades no coro e em todos os actos religiosos, como se frade fôra; e tanto lhe appetecia a vida conventual, que quando seus paes vieram morar para Lisboa, para o desviar do claustro, elle fugiu e foi-se homiziar no convento.

Notada a ausencia de João, e suspeitando os paes qual o logar do homizio, para alli se dirigiu Estevam Maceyra, accompanhado de familiares armados, e disposto a conquistar o filho pelas armas, arrasando para isso o convento, se tanto fosse necessario. Perante tão bellica attitude os dominicanos entregaram João, evitando assim os extremos violentos, e até um dos frades, fr. João de Moura, o animou a sair, diri-

gindo-lhe as seguintes propheticas palavras: «*Ide, filho, e tende muita consolação, e sabei que o Senhor não é servido de que sejaes frade da nossa ordem; por que vos tem escolhido para fundador de outra, neste reino.*»

Voltando a Lisboa, entregou-se ao estudo. Depois de ter cursado logica e philosophia matriculou-se em medicina, e por tal fórma se applicou que recebeu o capello de doutor, foi nomeado lente da universidade, phisico-mór do paço, e da sua arte escreveu livros e tratados [1]. Mas, ao mesmo tempo que com raro afinco profundava a sciencia de curar os corpos doentes, não se esquecia de pensar na alma e entregava-se á outra sciencia que cuida de Deus, e da religião, sem nunca abandonar os exercicios religiosos, em que era constante e austero.

Na sua qualidade de medico curou de gravissima enfermidade ao infante D. Fernando, que depois, por occasião das primeiras invâsões africanas, e em consequencia das necessidades da politica, morreu captivo em Marrocos. Foram tambem seus doentes D. Fernando Guerra, arcebispo de Braga, e D. Vasco Martins, pouco depois de curado, eleito para a mitra do Porto.

Mas nunca os seus trabalhos clinicos por tal fórma o absorveram, que perdesse a idéa de ainda um dia vestir o habito de S. Domingos, trocando a medicina pela theologia. Para que tal idéa não se esvaísse, para que o fervor fosse continuo, passava o melhor tempo,

---

[1] Barbosa Machado cita delle: *Livro de Medicina*, cujo original se perdeu, e de qual, em tempos, existiu uma copia em Villar de Frades. Publicou : *Estatutos dos Conegos Seculares*, impresso em 1540, e *Regra e definições da ordem de Christo*. Acêrca da parte que elle tomou na reforma da Ordem de Christo e da polemica que tal intervenção suscitou entre alcobacenses e loios, pode lerse a chronica já citada de Fr. Francisco de Santa Maria: *O Ceu aberto na Terra*, e a *Justa Defensa*... pelo chronista mór d'Alcobaça, Fr. Manuel dos Santos.

de que podia dispor, de conversa com o emparedado da Graça [1].

Sobre este ponto ha certa divergencia entre a chronica escripta e publicada pelo padre Francisco de Santa Maria, e o *Memorial de Villar de Frades* [2]. Diz a chronica que os entretenimentos com o *emparedado* foram já no tempo em que elle era medico da côrte de D. Duarte, e o *Memorial* affirma que o foram quando ainda estudante. Eis as formaes palavras do *Memorial:* «E andando no estudo, saindo das escolas, se ia elle e outros da sua edade passear junto do mosteiro de Nossa Senhora da Graça, onde junto da porta da egreja vivia *um enfermo entrevado*, que era de fóra do reino, chamado Vicente, ao qual este nosso padre João visitava, e delle recebia e ouvia muita doutrina espiritual e do despreso do mundo, e se mettia escondido dos companheiros na egreja de Nossa Senhora da Graça e fazia sua oração, pedindo-lhe afincadamente lhe allumiasse o coração e caminho de seu serviço, indo mais a miude visitar o seu bom mestre Vicente, entrevado, com cuja doutrina se afervorava mais.»

E' neste ponto que o *Memorial* colloca a fuga para Bemfica, a ida do pae, e a reentrada de João nos estudos.

Querendo os paes casa-lo, elle, clandestinamente se ordenou de sacerdote, embora continuasse no exercicio da medicina. Reabramos o *Memorial*: «A esse tempo andava em Lisboa um mancebo chamado Martim Lourenço, esmoler do infante D. Fernando, o qual por especial graça que tinha resplandecia por prégação, pela qual era mui ouvido e estimado. Com este falou o

---

[1] Não consegui encontrar esclarecimento algum sobre quem fosse este penitente, cuja existencia parece não dever pôr-se em duvida.

[2] É este *Memorial* um manuscripto precioso, attendendo a ter-se perdido a *Chronica* escripta em 1468 pelo padre Paulo Portalegre. Está catalogado no Real Archivo da Torre do Tombo: *Conventos diversos*—23—B. 44. 25.

padre mestre João manifestando-lhe o seu coração e desejo e achou-o conforme ao seu; falou mais com um João Annes e com Affonso Nogueira, que a este tempo era mancebo de grandes esperanças e morgado de S. Lourenço de Lisboa, que é um dos grandes morgados do reino, e assim com outro mancebo chamado Rodrigo Amado exhortando-os que deixassem o mundo e se juntaram em casa de Lourenço Ennes, que a esse tempo era cura ou prior de S. Gião de Lisboa, pessoa de grande virtude. E assim juntos falavam com elle tomando-o por medico de suas almas, e com isto se animou muito mais o nosso padre mestre João. Durou este ajuntamento muitos dias, sem acharem modo com que estes seus desejos viessem a effeito. Martim Lourenço, de quem dependia muito o negocio, pessoa de grande doutrina, era de todo dado á prégação, e de nenhuma outra cousa curava. Vendo o nosso padre João que isto se ia muito espaçando, determinou de pôr-se a si em salvo e de tornar a entrar em Bemfica, mosteiro dos padres dominicos. Deu conta desta determinação ao sacerdote Lourenço Ennes em S. Gião, o qual ouvindo-o começou a bradar e chorar dizendo: Que é isto, mestre João? não nos desampareis, não vêdes vós que o mundo é cheio de religiosos, sómente o nosso estado de clerigos perece, o qual deu nascimento a todos, e ânda fraco e cheio de fraqueza. E ajuntava: aviventai-o com a graça do Senhor, que pois o Senhor vos tocou o coração Elle vos abrirá o caminho com que as cousas venham a bom fim; e se offereceu a segui-lo com João Annes, ambos sacerdotes. E com esta exhortação se passou o padre mestre João alem do Tejo, junto de Setubal a um oratorio chamado Mendoliva, e neste oratorio disse a primeira missa, onde estando foi requerido do prior, que então era de Nossa Senhora dos Olivaes, que se viesse para elle com seus companheiros, e que assim fariam vida apostolica; e veiu, onde logo se lhe ajuntaram Martim Lourenço e João Annes sacerdote, Affonso Nogueira, Rodrigo Amado, João Rodrigues, todos mancebos de grande entendimento e

virtude e logo o nosso padre João começou a tratar em vida apostolica, e se mantinham de esmolas, onde estiveram por espaço de dois annos em muita paz, edificação e prégação.»

O leitor ha de perdoar-me algumas das longas transcripções feitas na convicção de que lhe devem agradar, e que, como eu, sentirá um verdadeiro prazer em escutar esses échos da voz dos nossos antepassados. Leve-se-me pois a intenção á conta de peccados mais graves.

Reatando o fio da narrativa, observarei que á naturalidade com que Balthasar Sodré, o author do *Memorial*, conta a vida do padre João se contrapõe o retorcido e empolado de forma de Fr. Francisco de Santa Maria. E' que este tem a constante preocupação do sobrenatural, que dá ao padre fundador dos Loios a phisionomia d'um visionario, com momentos de extasis, nos quaes lhe soam aos ouvidos vozes extranhas, taes como a do: *E' tempo!* que o resolveu a tomar o habito de S. Domingos.

O prior dos Olivaes, que primeiramente os acolhera com mostras de estima e consideração, vendo que para os hospedes convergiam todas as attenções, que eram elles os confessores, os prégadores, os conselheiros preferidos expulsou os da egreja e prohibiu-lhes que alli voltassem.

Aconteceu que estando em Lisboa o arcebispo de Braga, D. Fernando, a quem mestre João livrara da morte, quando lhe dera cuidados medicos, e conhecendo a afflicção dos reformadores, resolveu-se a protege-los dizendo: «Mestre João se vos quizerdes ir comigo a Braga vos daremos casa, que a temos assaz.» Acceitado o offerecimento, partiram todos, menos João Ennes que voltou para o oratorio de Mendoliva «onde viveu e acabou santamente.»

Chegados ao Porto, o bispo D. Vasco instou com elles para que alli ficassem, e mandou-os aposentar na egreja da Senhora de Campanhã. Lá os ia visitar, com elles passava dias, e para elles se desviou a cor-

rente da devoção, o que não foi do agrado do respectivo prior. E como os despeitos causados pela quebra da influencia e do predominio são dos que lavram mais fundamento no espirito, mesmo quando se trata das cousas de Deus, tão depressa D. Vasco foi transferido da mitra do Porto para a de Evora, e tendo os padres recusado segui-lo, o prior tratou de os expulsar, obrigando-os a abandonarem a egreja.

A pequena congregação desanimada, entristecida por tantos successivos revezes dissolveu-se, e apenas João com outro companheiro resolveram mudar de terra e de fortuna, partindo ambos para Braga. O arcebispo bem os recebeu, e mandou-lhes que fossem viver para o mosteiro de Adaufe; mas o abbade recusou-se a recebe-los. Então, o proprio animo de João vergou. Deus barrava-lhe o caminho da perfeição que elle tinha sonhado, só lhe restava retirar-se para Pernes, e alli administrar a parochia que seu pae lhe alcançara, assim que elle se ordenou de missa. Entretanto, porém, vagou a abbadia de Villar, e o arcebispo «escreveu logo ao padre João que a viesse vêr, e se lhe contentasse lha daria. Veiu o nosso padre ve-la e a achou de todo desbaratada. Vendo o nosso padre isto, e que a renda não era para dar sustentação, quanto mais para tornar a reedificar, e que nem egreja tinha, nem casa que servisse de recolhimento,» resolveu não a acceitar, embora o sitio lhe parecesse adquado para a contemplação, e tratou de sair de Braga á procura de melhor.

Foi então que o mestre Vasco Rodrigues, amigo particular do arcebispo, vendo o empenho que elle tinha em servir a João, cedeu em favor d'este a egreja de S. Bento da Varzea de que era cura, a troco d'uma compensação annual de cem corôas [1] que o prelado logo satisfez.

---

[1] Moeda d'ouro, que uns affirmam ser extrangeira, e que Viterbo diz ter sido lavrada no tempo de D. Duarte e que até o reinado de D. Manuel valeu 216 réis.

Empossado o mestre João, chamou a si os seus companheiros, prestou obediencia ao prelado e juramento de sempre reconhecer a jurisdição e padroados diocesanos.

Veremos depois como o caracter altivo e independente do mestre — que tanto assim se mostrou no proseguimento da sua vocação contra a vontade e desejos paternos — trará, pela falta de cumprimento da palavra dada, trinta annos de demandas e desgostos á sua congregação, e quasi que uma guerra civil; uma d'essas luctas feudaes que accendiam implacaveis odios, e alimentavam represalias sanguinolentas. É ainda a independencia do seu espirito que lhe indica que não deve tolerar na sua congregação os votos perpetuos, causa maxima, com as riquezas, do relaxamento da vida religiosa; porque os conegos de S. João Evangelista tinham plena liberdade de abandonar a congregação quando bem lhes aprouvesse. Este respeito da liberdade individual produzia melhores resultados do que a imposição perpetua de se pertencer á ordem em que se tinha entrado, quasi geralmente em creança, quando as vistas não estão orientadas, o caracter ainda vacilante e o temperamento enganado por mil circumstancias exteriores, que os habeis sabiam aproveitar. Desde o momento em que havia a liberdade de saída, todos primavam em se accommodarem ás exigencias da instituição para não pareceram que tinham sido expulsos [1]. E taes exigencias nada tinham de sua-

[1] E' justo dizer-se que, para animar o espirito de perseverança, que geralmente fallecia quando no claustro se impunha uma observancia rigorosa dos institutos, se tinha formado na tradicção verbal, e correu depois escripta nas chronicas, uma serie de lendas de terriveis castigos soffridos por aquelles, que, por qualquer motivo, ou mesmo sem elle, abandonavam o habito e a murça azues. Taes castigos eram de molde a desvanecer velleidades de fuga ou de abandono.

Contemos alguns d'elles:

O irmão José da Madre de Deus, natural do Porto, parece que era dotado de genio brigão e temperamento exaltado. Um dia travou-se de razões com outro irmão, e passando das palavras ás

ves. As primeiras das condicções era ser maior de dezoito annos e ter geração limpa. Antes de tomar o habito o noviço vivia durante algum tempo no convento para onde era mandado, afim de que os conegos lhe podessem estudar o temperamento, o caracter, a intelligencia e as disposições. Findo o praso imposto, a admissão ficava sujeita aos resultados d'uma eleição por escrutinio secreto de bolas brancas e pretas. Se a

---

obras rachou-lhe a cabeça. Correra sangue, grave seria o castigo. Receando-o abandonou o convento, fugiu para Lisboa, e fez-se soldado. Mas o castigo do ceu perseguia o, por que adoecendo recolheu-se a uma estalagem ás Portas do Mar, onde num ataque de febre violenta, se levantou da cama e da janella se precipitou á rua. Quando lhe accudiram só encontraram um cadaver esmigalhado, que a Misericordia levou a enterrar «no esquife dos *pretos*,» o que parece era a maior das degradações para um morto.

Se João da Madre Deus era viclento, Belchior da Graça era amoroso e terno. Para manter relações com certa mulher saiu do convento. Uma noite, estando em casa d'ella «lhe deram um tiro, por cima do telhado, e ficou logo morto.»

O seguinte facto é mais sério e mostra os usos clericaes de então. O padre Francisco de Santa Maria assim o conta nas seguintes palavras. «O padre Antonio do Evangelista, natural de Evora, largou a murça azul pela preta de chantre da sé de Faro, que renunciou nelle o conego, que o era; e como este vivesse muito, contra o desejo do successor, determinou o tal tirar lhe a vida, e com effeito lhe deu algumas facadas; soube se o caso; deram com elle no Aljube, e elle dentro em poucos dias deu, (como se póde, não sem grande fundamento temer) com a sua propria alma no inferno, porque se enforcou por suas mãos.»

Um outro padre do convento de Santo Eloy, em dia de jejum quiz ir jantar com a familia. Não lh'o permittiu o reitor. Elle, porém, despresando o santo preceito da obediencia declarou que «havia de ir de habito ou de baeta.—Pois ireis de baeta, lhe retorquiu o prelado, porque a nossa congregação não quer gente forçada!» Ou porque se envergonhasse de sair de dia sem o habito, ou por outro qualquer motivo, o caso é que saiu do convento já noute fechada; mas ao passar pelas portas d' Alfama um homem casado que alli rondava, esperando outro que o atraiçoava, o matou com um tiro, vingando a Deus julgando vingar a sua honra.»

Para os *Bons Homens* e seus chronistas não lhes servia a crença de que «Deus castiga sem pau nem pedra» precisavam armar a sua divina justiça, de febres typhoides, navalhas e trabucos!

votação era favoravel vestiam-lhe um habito pardo, em memoria do que primitivamente fôra usado na congregação, davam-lhe a murça azul, e começava para o postulante uma nova vida. Tinha que ir indispensavelmente ao coro, varrer as casas, ajudar aos officios diurnos, tocar os sinos, dormir na cozinha, assistir aos doentes, ser criado dos velhos, e peor do que tudo, soffrer, sem saber por que capricho extranho, os mais vigorosos castigos, taes como: ser fustigado com disciplinas, comer no chão, beijar os pés aos conegos, e tudo sem uma queixa, uma reluctancia, um gesto de descontentamento.

Então, se as notações, que no correr do anno se faziam todos os trimestres, lhe eram favoraveis acceitavam-o á profissão dos tres votos de *castidade*, *pobreza* e *obediencia*. Quatro annos depois de ter vestido o habito era admittido a ordens sacras; ao sexto ao sacerdocio, e depois de completados que fossem onze é que tinha voto em capitulo. Era pois a homens de aproximadamente quarenta annos a quem cumpria a direcção do instituto, o que era uma garantia de conservação e seriedade.

A vida claustral era assim dividida em cada dia: Á uma hora da noute tocava a matinas. Da Paschoa até setembro entoava-se *prima* ás cinco da manhã, a *terça* ás outo. Ás dez servia-se o jantar, á uma da tarde rezava-se *nóa*, ás tres *vesperas*, ás cinco *complectas*. Ás seis corria o sino para a ceia, e ás outo recolhia-se a communidade. No inverno havia uma pequena differença nas horas de *prima* que era ás seis da manhã; a *terça* passava para as nove, o jantar era servido ás onze, rezava-se *nóa* ao meio dia, *vesperas* ás duas, *complectas* ás quatro, ás cinco a ceia, e o toque de dormir ás sete.

Antes que os conegos se recolhessem procedia-se da maneira seguinte á cerimonia conhecida na congregação pelo nome de *benção*. Á ultima badalada do sino os conegos ajoelhavam ás portas das suas cellas, e alli, nessa posição humilde esperavam que o reitor passasse

e os fosse aspergindo com agoa benta. Só então é que se recolhiam, e no convento reinava um profundo silencio, até que o tanger do sino, um pouco antes da uma hora da madrugada, os chamava ao coro para em communidade rezarem matinas.

Nas camas não tinham lençoes, e apenas uma manta para se cobrirem. Era-lhes prohibido o uso de camisas de linho, sendo de estamenha as que vestiam. Disciplinavam-se e jejuavam amiudadas vezes, sendo o jejum da semana santa a pão e agoa. Guardavam rigoroso silencio e eram obrigados, os sacerdotes, a celebrarem missa quotidiana. Nada possuiam de proprio, alem d'uma certa e pequena quantia em dinheiro, visto que eram obrigados a depositar na arca da communidade tudo quanto adquiriam. Se a algum que morria se lhe encontrava na cella dinheiro a mais do que o que lhe era concedido pelas instituições, negava-se-lhe a sepultura junto de seus irmãos; «porque se zela tanto esta culpa que até depois de morta se castiga.»

«Para todas as culpas ha castigos, diz o Padre Francisco de Santa Maria, e alguns muito mais rigorosos do que se usam em outras ordens. Por cinco casos lançamos fora sem admoestação, e da primeira vez, a saber: peccado carnal, furto, conspirar contra o prelado, ou contra algum dos outros conegos, dizer mal em materia grave, contra a congregação, ou conegos d'ella, impor algum d'estes crimes e não o provâr. Lançaçamos tambem fora por qualquer dos outros crimes graves, mas precedendo primeiro tres admoestações, se depois d'ellas ha reincidencia. O que é expulsado, ou se vae da congregação sem licença, nunca mais o tornamos a admittir; mas se algum pede licença por causa justa, como a pobreza de paes ou desamparo de irmãs, se ao depois mostrar que procedeu bem no tempo que esteve fora, e não houver fama em contrario, pode ser outra vez admittido por capitulo geral.»

OS BONS HOMENS

ATTRIBUEM as chronicas esta antonomasia de *bons homens*, dada aos conegos azues, ás suas virtudes e merecimentos junto dos povos. Não o negarei; mas parece-me não ser anti-historico duvidar de tal origem, se, ligando uma serie de indicios, antes a encontrarmos numas taes ou quaes suspeitas de heresia. Aproximemos os factos.

Quando o mestre João, passados os tempos da fundação, foi nomeado bispo de Lamego e visitou a sua diocese, foi encontrar o mosteiro de Recião num torpissimo e miseravel estado. A communidade estava reduzida a tres mulheres. E que mulheres! A chronica, e não eu, que as descreva: Eram tres «não em habito, trajo, estado, nem vida de freiras, nem de religiosas, mas de seculares sem regra, e cerimonias d'ella a saber: uma Clara Fernandes, que nunca soube ler, nem rezar, nem trouxe habito, cogulla, nem véo preto, nem fizera em algum tempo profissão; a qual pelo senhor da terra (o Conde de Marialva, que era seu pae) e contra sua vontade foi posta em o dito mosteiro em nome

de abbadessa, antes que ella fosse monja, nem tomasse habito, nem fizesse profissão; mas assim como entrou assim viveu, sempre em habito e actos de vida secular, dormindo carnalmente com quem lhe aprazia notoriamente e especialmente com Alvaro d'Alvellos, de quem tinha filhos, e que usava com elle tão parceiramente, como se fôra sua mulher; e outra Maria Rodrigues, que não menos o fazia com quem lhe aprazia, especialmente com o abbade de Melcões, de quem assim tinha filhos e filhas, e tem hoje em dia; e uma velha, irmã de Alvaro Gil, abbade que foi de Barcos, á qual as ditas Clara Fernandes e Maria Rodrigues em trajo de homens, uma noute, com uma calça de areia deram tantas calçadas, de que, segundo fama morreu.» [1] Mestre João expulsou-as, e deu o mosteiro aos seus conegos de Villar de Frades. Emquanto elle assistiu em Lamego, estiveram elles na posse tranquilla da doação, mas transferido que foi o doador para Vizeu, e que para substitui-lo em Lamego foi nomeado D. João da Costa mudaram as cousas, e o novo bispo houve por bem proteger Clara Fernandes, obtendo em seu favor uma carta regia na qual se lê: «Havendo o bispo D. João da Costa dito que D. João de Chaves,

[1] A vida de Clara correu tempestuosa. Emquanto D. João enviava Maria Rodrigues para o mosteiro benedictino de Jacente, Clara era repellida de todos os mosteiros da sua ordem, e de todas os outros onde tinha chegado noticia da sua vida desregrada. O bispo viu-se obrigado a estabelecer-lhe uma pensão, mas no caso de viver com recato e honestidade. Prometteu ella que sim; mas poucos dias andados «tornou a usar do seu costume, e dormir com quem lhe aprazia, e especialmente com um guardião de S. Francisco da dita cidade (Lamego) que chamavam fr. Rodrigo Tourinho.» Não lhe agradando o frade, de quem teve um filho, foi-se á procura de aventuras e em Santarem casou-se. Mas pouco se demorou nesta terra, que em breve abandonou e ao marido, partindo para Lisboa onde tornou a casar, vivendo ainda o marido de Santarem. Não gostou este da acção; demandou-a ém juizo, e obteve sentença que lhe deu, como compensação do desgosto, os bens patrimoniaes da bigama. Abandonou o segundo marido e voltou a Recião a querer tomar posse do mosteiro, o que não conseguiu, apesar da protecção que obteve em seu favor.

seu antecessor, sem forma alguma de direito, lançara fora do seu mosteiro as religiosas de Recião, o que fôra causa de estas abusarem de seus corpos e causarem gravissimas desordens e escandalos, elle, para dar cumprimento ás ordens do legado *á latere* D. Alvaro, bispo de Silves, fizera restituir ao dito mosteiro a sua abbadessa Clara Fernandes, etc., etc.» Ora este despacho fôra alcançado em virtude do requerimento em que Clara allegava: «Sendo eu monja professa do dito mosteiro, e depois canonicamente instituida por abbadessa d'elle, e regendo e governando por muitos annos e tempos como abbadessa: o bispo João, que ora é de Vizeu, me lançou violentamente fora d'elle e pondo ahi clerigos *beguinos* de Villar de Frades. E eu como mulher pobre e desacorrida, e não tendo como requerer meu feito, nem ousando contra o poderio do dito senhor, nem dos ditos clerigos, antes com vergonha, mingua e desamparo me fui por esse mundo, etc., etc.»

Clara Fernandes, ou quem por ella requereu, escreveu a palavra *beguinos* propositalmente, com o fim de desacreditar os conegos, que já então eram conhecidos por *bons homens*.

Quem estudar as denominações que tiveram os differentes ramos da heresia dos albigenses, encontrará que um d'elles se chamou *bons homens*, «que não era uma seita particular, mas uma classe de perfeitos investidos da proeminencia e do poder religioso. Os *imperfeitos* ou simples crentes tinham o privilegio de dar livre expansão a todas as suas paixões; os *perfeitos* absolviam-os dos crimes, que não lhes pesavam, pela imposição das mãos, independentemente de arrependimento.

«... O *bom homem* era obrigado a apparencias de rigorismo, embora se desforrasse em segredo. O seu *decorum* hypocrita servia para fascinar os que não seduzia pela licença e fazia acreditar nas suas invectivas contra o clero.»

Taes eram os *bons homens*, ou os *beguinos*, que primitivamente formaram varias associações leigas, nas quaes a norma de vida era o Evangelho, que sugge-

riram as *ordens terceiras*, e que por fim se vieram a transformar em seitas mais ou menos scismaticas ou claramente hereticas, que dos *espirituaes*, *fraticellos* e outros, descambaram até os *adamistas*, todas as quaes censuravam o viver desregrado do clero, condemnavam a hierarchia e pretendiam a reforma de bispos e frades. Posto isto, não viria do exterior exageradamente devoto dos conegos azues, da tradição, aliás recentissima, da tentativa de reforma clerical projectada pelos fundadores, do abandono das existentes ordens monasticas ou mendicantes, da ausencia de votos perpetuos, a alcunha de *beguinos* que Clara Fernandes lhes dá, e a de *bons homens* com que os designavam os povos? Por certo que quando se escrever a historia das ordens religiosas em Portugal este problema, se não ficar resolvido, ha de, pelo menos, ser posto e estudado.

Viterbo escreveu: «Em Portugal tambem lograram por bastante tempo os *beguinos* e *beguinas* a estima dos povos. Os eremitas da serra d'Ossa e os loyos, tambem foram chamados com este nome, que equivalia ao de *bom homem* [1], porém a maldade, que se descobriu nos *beguinos* fóra de Hespanha tornou mui suspeitosos os de Portugal e ficou sendo nome d'oprobrio...» Mas como os erros dos *beguinos* foram condemnados no concilio geral de Vienna em 1311, é para admirar que em 1425 ainda não tivesse chegado a Portugal a noticia da condemnação!

[1] Os *minimos* de S. Francisco de Paula, em França, tambem tiveram esta antonomasia.

RECALCITRANTES E INGRATOS

Cinco annos de fundada tinha a casa de Villar, quando, em 1429, se ajustou o casamento da infanta D. Isabel, filha de D. João I, com Filippe o *Bom*, duque de Borgonha, sendo o infante D. Fernando escolhido para acompanhar sua irmã a Flandres. Para tal fim, desde logo, se aprestou uma luzida armada, e para ella foram designados e embarcaram como confessores ou conselheiros, o esmoler do infante Martim Lourenço, e o padre João.

Mestre João levava em mente a idéa de aproveitar a viagem para ir a Roma «tratar de cousas da sua nova religião.»

Convem saber que quando o padre João partiu para Braga, Antonio Nogueira voltou para Lisboa a fim de «pôr em ordem suas grandes rendas e patrimonio do morgado de S. Lourenço; mas não esteve ahi muito, e se foi a Bolonha estudar, e d'ahi foi vêr e visitar os nossos padres da Italia, e de lá trouxe o habito e capa azul, que té então era pardo, e trouxe as constituições dos nossos padres.» [1]

---

[1] Estes padres eram os conegos de S. Jorge em Alga, de Veneza, congregação fundada em 1400 por Antonio Cornario e Gabriel Condelmario, que depois foi o papa Eugenio IV.

É, portanto, licito suppor que o mestre João solicitou acompanhar a princeza, servindo-se do seu antigo valimento na côrte, para obter a confirmação da sua ordem em Portugal.

Depois de dois mezes de demora em Flandres, seguiram os dois padres para Roma, onde tomaram por seu protector a Gabriel Condelmario. Acontece que este enférma gravemente, e que a provada sciencia de mestre João o livra da morte. Nem tanto era preciso para que a sua intervenção junto do papa, que então era Martinho V, lhe alcançasse a bulla de confirmação, a renuncia de Villar de Frades que cedeu á congregação, e por fim muitas bençãos, graças e isenções, com que se partiram de Italia.

Esquecido do voto de obediencia que tinha jurado ao arcebispo de Braga, voltando a Portugal já na qualidade de fundador independente, soube em caminho que o papa morrera, e logo determinou voltar a Roma para alcançar do novo pontifice a confirmação das concessões do defunto. Em seu logar encontrou o seu protector e cliente com o nome de Eugenio IV. Este, não só confirmou tudo quanto o seu antecessor concedera, mas até nomeou o seu medico salvador bispo de Lamego. Os honorarios não podiam ser mais honrosos e avultados.

Chegado que foi a Portugal, João declara a sua congregação independente do prelado diocesano. A irritação, digamos justa, d'este é grande, e intima aos congregados que não só se retirem da casa de Villar, como que abandonem as egrejas que a esta haviam sido annexadas. Ordena sequestro ás rendas, lança-lhes as maximas interdicções e obriga-os consequentemente quasi que a viverem só de esmolas. Por morte do arcebispo, que era D. Fernando, o seu successor continuou a lucta, até que em 1477, a 2 d'abril, se chegou a um accordo, de que se lavrou escriptura publica na cidade do Porto.

No correr da demanda, tiveram os *bons homens* por si a casa de Bragança, e muito em especial o infante D. Affonso.

O seguinte episodio d'essa lucta é um traço fundo e caracteristico dos usos violentos da epocha.

O então arcebispo de Braga, D. Fernando, neto pela mãe de João Fernandes Andeiro, e pelo pae do infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, vendo que os *bons homens* não se decidiam a sair de Villar a bem, ordenou que fossem expulsos pela força, e mandou gente armada contra elles. Em vista de tão imminente perigo, os conegos recorreram a D. Affonso, primeiro duque de Bragança, que então se achava em Barcellos, e, naquelle momento seriamente indeciso. Fôra o caso que no mesmo dia e successivamente recebera cartas de D. Affonso V. Na primeira, entregue por mão dos conegos, lhe recommendava o monarcha que protegesse estes, e na outra que désse razão e força ao arcebispo! Confessemos que a indecisão era legitima. É para notar que elle estimava de coração os conegos, a ponto de não encontrar qualquer d'elles sem ajoelhar e pedir-lhe a benção. Mal disposto com a duplicidade regia, disse esta phrase, que ficou memorada nas chronicas: «*Se Deus ha de fazer misericordia comigo por alguma cousa em que haja muito trabalho por seu amor, por este mosteiro de Villar ha de ser!*» Mas convinha fazer essa cousa e impedir que as forças do arcebispo avançassem; para o conseguir, resolveu-se logo a escrever a este, dizendo-lhe que no caso em litigio esperasse a decisão e sentença de Roma, e «que offendia a Deus e ao mundo em maltratar aquelles padres; pois sabia, e lhe constava o quanto elles se desvellavam em beneficio dos proximos e no serviço de Deus. Que uns taes visinhos antes deviam ser desejados do que excluidos. Finalmente lhe protestava que se não mudasse de conselho e persistisse na resolução de vir sobre a casa de Villar, que o havia de achar nella em pessoa, exposto a perder a vida, se necessario fosse, em defeza dos seus *bons homens*.»

O arcebispo fingiu ceder, recuou, mas como o felino para avançar com mais impetuosidade; e pouco tempo

depois saiu de Braga com gente armada para ir expulsar os conegos. Soube-o o duque. Nas veias ferveu-lhe todo o sangue do mestre d'Aviz contra um Andeiro, e logo lhe enviou por escripto terrivel ameaça, tão violenta como feroz, assim concebida: «Que se logo não voltava para Braga, lhe empenhava sua palavra, que lhe havia de pôr na cabeça, em logar de mitra, um capacete de ferro, ardendo em fogo, visto elle se fazer soldado sendo arcebispo.» E, acto continuo, «mandou ao povo da sua villa de Barcellos, que não consentisse fazer cousa alguma contra esta casa, e por espaço de oito dias estiveram nesta casa com grandes despezas e gastos á sua custa, dando todo o necessario aos padres, pondo presidio de seus vassalos, com as armas ao redor d'este mosteiro. E durou isto té que se fez composição...»

E, acrescenta o *Memorial:*

«Por estas obras de tanto amor e affeição que nos tinha este senhor, ordenaram os padres que se lhe dicesse para sempre um anniversario de tres lições, aos seis dias de novembro em cada um anno.»

Um outro facto, que mostra a que ponto os *bons homens* levavam a independencia até se aproximarem da ingratidão, foi o que aconteceu com o arcebispo D. Diogo de Souza, o grande e magnifico reedificador de Braga.

Era elle amicissimo dos conegos azues, e, «á sua custa e das multas da Relação, mandou reconstruir a capella-mór, diz o *Memorial*, e levava ordem e tenção de ser toda a egreja de abobada, como se vê dos pilares que estão na egreja; fez as vidraças da capella-mór, e do côro, e determinava de se enterrar aqui, segundo ouvi a Antonio Gonçalves, que o cabido o tirára d'isso... Vinha aos sabados fazer a feria, e quando não vinha mandava e se tornava ao outro dia. E seus parentes vendo o amor que nos tinha, e as mercês que nos fazia faziam o mesmo, como foi D. Tereja, que fez a capella primeira do cruzeiro, e D. Leonor de Lemos que tem a capella da outra banda, as quaes deixaram muita da sua fazenda a esta casa.»

Desejava o benemerito prelado que as suas armas attestassem a reconstrucção da egreja, e para isso ordenou que fossem collocadas no fecho do arco cruzeiro. Quando julgou a obra completa foi alli, e qual não foi o seu espanto quando em vez do seu brazão viu «as armas nossas da aguia postas no cruzeiro e houvera d'isto tristeza». Os frades deram-se como quites para com elle ordenando que: «haja parte na missa dos bemfeitores e o mesmo em nossas orações, e sacrificios, jejuns e disciplinas». Pouco fartos e generosos, os *bons homens.*

Com D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, tambem os os conegos de Villar tiveram demanda, filha ainda do exagerado espirito de independencia.

Voltando o arcebispo do concilio de Trento, onde deixou, como é sabido, memoria indelevel da sua passagem, ordenou, segundo os canons do mesmo concilio, que todos os conventos e mosteiros concorressem com uma certa quota para o custeio do seminario diocesano. Quasi todas as religiões entraram em accordo, mas Villar oppoz-se e negou-se a pagar. Correu o processo e foram condemnados em vinte mil réis, «que não pagaram». Assim estiveram dez annos, luctando por meio de chicana, até que tendo D. Fr. Bartholomeu renunciado o arcebispado, e succedendo-lhe D. João Affonso de Menezes, conseguiram que este lhes desse quitação do que deviam, que nessa epocha já montava a mais de mil cruzados, e com a condicção de que para o futuro pagariam vinte cruzados annualmente.

Por este beneficio deram-lhe tambem uma parte na missa dos bemfeitores, e nos jejuns e sacrificios, de que parece eram tão avaros como... de cruzados.

A aguia do patrono imprimiu-lhes caracter.

O QUE RESTA DE VILLAR

O portão escancarado do pateo manifesta o grande ar d'este, com a sua arcada ao fundo e á elegante fonte ao meio, jorrando agua com abundancia. Este pateo, que os conegos não tiveram tempo ou meios de acabar, reedificando a ala da direita, está convertido em dependencia d'uma exploração agricola, que alli amontoa lenha, carros, fenos, pipas, dornas e as alfaias de que precisa o lavrador. Ao movimento periodico, tranquillo, e cheio de compostura dos conegos, succederam-se as idas e vindas dos trabalhadores, ao silencio claustral os descantes argentinos das raparigas que se occupam na debulha ou veem da monda, e ao *pax vobis* do porteiro o ladrar ameaçador de grandes cães de guarda. A sineta que coroa a fachada principal ainda toca para o trabalho; mas jaz muda para a oração. Não vão sem esmola os mendigos que batem á porta do *morgado*, cantando lamuriento *Padre Nosso,* accompanhado de longas supplicas de felicidade eterna para os vivos e mortos do «rico bem-

feitor», mas desappareceram essas diarias romarias de necessitados recebendo o caldo, a boroa, o ensino, os remedios para o corpo e consolações para a alma. O menos que alli se repartia quotidianamente eram quatro alqueires de pão; e como as freguezias proximas eram miseraveis, em anno de mingoa, a distribuição diaria chegava a ser de dez alqueires, sem que os governos tivessem de se preoccupar com a importação de trigos extrangeiros. Verdade é que, segundo rezam as chronicas, nos annos crueis para os pobres, por mais que os conegos lhes dessem, nunca os cereaes diminuiam nos celleiros. Agora acontece cousa parecida com certos lavradores do Alemtejo, que recolhendo cem ou duzentos moios, vendem quinhentos ou seiscentos, milagre verificado, contanto que haja celeiros... junto da raia hespanhola.

Uma vez, certo reitor propoz á maioria dos foreiros absolve-los do pagamento do foro comtanto que elles se obrigassem a não ir á esmola á portaria do convento. Feitas as contas com a minucia e mesquinharia innata do minhoto, os foreiros rejeitaram a offerta. Agora, com a extincção das ordens religiosas, pagam foro, não recebem caldo nem boroa,... mas teem o direito de vender o voto de tres em tres annos a quem mais der.

Alem do pão davam, em dia de S. Bento, e nas sextas-feiras de quaresma um almude de azeite para os pobres, em memoria d'um milagre acontecido em Recião, ainda quando alli viviam as monjas benedictinas, e que fr. Leão de S. Thomaz, na sua copiosa *Benedictina Luzitana*, assim singellamente conta. «... E é tradição antiga, e certa que houve naquelle mosteiro uma abbadessa santa de grande caridade e misericordia para com os pobres, de sorte que vindo um pedir-lhe uma esmolla de azeite e não havendo no mosteiro mais que aquelle que era necessario para temperar as hervas que as religiosas haviam de comer ao jantar; comtudo mandou a abbadessa á celleira que desse aquelle pouco que tinha ao pobre, e imitando

nesta parte ao nosso grande Patriarcha em outro caso semelhante. Mas a celleira desobedecendo mostrando pouca confiança na liberalidade divina dissimulou com a esmola e caridade que a abbadessa mandava fazer. E depois vindo as religiosas jantar, vendo a prelada as hervas temperadas com azeite perguntou á celleira quem lho dera: respondeu que se ella o dera ao pobre não comeriam as religiosas as suas hervas, senão cozidas em agua e sal. Mandou logo a abbadessa que nenhuma comesse d'ellas, porque tinham peçonha, pois foram temperadas com o azeite de desobediencia, e que se lançassem em parte onde nem a brutos animaes fizessem mal. Depois de comerem foram dar graças a Deus e todas juntas foram com a abbadessa aonde estavam as tinalhas do azeite e viram estar tão cheias, que pela adega corria em rego, e deram infinitas graças ao Senhor.»

Pelos corredores e claustros de Villar guardam-se, hoje, e são arejados cereaes; nas cellas ha arrecadações de arreios, ou vivem os feitores, e por vezes os actuaes proprietarios, que recebem os forasteiros, como eu, com a gentileza dos antigos conegos.

O refeitorio desappareceu, porque o primeiro arrematante do edificio teve a mania de tirar á propriedade todo e qualquer caracter religioso, — era um liberalão da escola dos chamados *libertadores* — como se a tradição de cinco ou seis seculos se podesse apagar com as picaretadas d'um minhoto endinheirado e... boçal.

Pela cerca ainda ha muita da agua que os conegos trouxeram para o mosteiro em 1396, e que começou a correr em domingo de Ramos.

Da bibliotheca nem vestigios; dos livros nem memoria. Por elles leram e estudaram muitas gerações de conegos, e de seculares que encontraram, com o ensino das artes — grammatica, logica e philosophia — o da theologia, em que os loios foram eminentes.

Alli moravam ordinariamente setenta conegos, com

quasi outros tantos serviçaes e grande quantidade de pedreiros, carpinteiros, alfaiates, çapateiros, e ferreiros, para o mister da casa, por estar em monte.» Um pequeno mundo, no meio de outros maiores, que os aventureiros pedristas destruiram, para se lhe apoderarem dos bens.

Um grande espirito já escreveu, e com razão: «A liberdade só tem significações absurdas em moral; sinistras ou estupidas em politica».

Eleva-se a egreja ao lado do convento, recolhida da entrada do pateo, com uma fachada composta de tres corpos distinctos. O do centro é um enxerto hybrido do seculo XVII, numa frente do seculo XV. Um grande arco de circulo forma o vão, ao fundo do qual se desenha a entrada do corpo central da egreja; concepção extravagante, com uma abertura recortada em arco de sarapanel, encaixilhada em dois grossos pinheiros, com os galhos cortados, cingidos por um cordão, que nasce do emmaranhado das suas raizes a descoberto. A abertura, na frente, é ladeada por duas columnas classicas, com capiteis historiados, que sustentam uma varanda, para onde abrem tres esguias janellas que dão luz ao coro; enfezadas aberturas de volta subida, mesquinho trabalho do seculo XVII. A meio da parede, ao centro, um rosão sem caracter, e a empena em frontão, com as cimalhas sustentadas por arcaturas.

Á esquerda d'este corpo ergue-se uma pesada e macissa torre, chamada do relogio.

A primitiva torre existia já no seculo XV abaixo da Requinha, era nessa epocha conhecida pelo nome de *torre velha*, e fez parte da doação de D. Leonor, mulher de Fernão Pereira, senhores de Angeja, fallecida em 1481. Quando os *bons homens* se estabeleceram em Villar demolliram-a, e reedificaram-a novamente no sitio e a par da egreja que então levantaram. Nesta torre se guardava o cartorio, não só dos antigos benedictinos, como dos seus successores. Um dia, o padre

Cyprianno, isto pouco depois do estabelecimento dos conegos, verificou que os livros e documentos tinham apanhado agua. Como tinha em seu poder a chave da torre, visto que alli trabalhava no fabrico de manicordios, estendeu os livros e pergaminhos, e, para que secassem mais depressa, fez um montinho com os cavacos da madeira, largou-lhes o fogo, fechou a porta e foi-se. O resultado foi communicar-se o lume da fogueira aos livros e documentos e arder tudo.

Fazendo symetria com esta torre, subsiste ainda o velho frontespicio romão do seculo XIII, senão ainda mais antigo; severa e robusta reliquia, que hoje fecha um recinto desoccupado e descoberto, e que outr'ora dava entrada para a egreja, que os conegos no seculo XV derribaram, para construirem outra, a que hoje existe, mais puxada ao sul.

O velho portico deve a sua conservação a ter sido aproveitado para torre [1] a que fazia symetria com a que tinha sido transportada de Requinho, como se deprehende de uma nota do *Memorial*, que adiante transcrevo, quando me referir á egreja. Uma d'ellas, ou ambas eram eriçadas de ameias, e muito soffreram com o vendaval de 20 de janeiro de 1616, que arrancou pinheiros, destelhou a egreja e os dormitorios, arremessando as telhas a legoas de distancia, e atirou com as ameias para sobre as coberturas da egreja, causando grandes ruinas, e determinando, provavelmente, a reconstrucção que começou sete annos depois.

O padre Francisco de Santa Maria, referindo-se a este sinistro acontecimento conta mais o seguinte: «Ia para a egreja o padre Simão de Santa Maria, reitor que então era, e ouviu uma voz não conhecida d'elle, que lhe dizia: *Padre reitor, Padre reitor!* Parou, e no mesmo ponto lhe caiu uma ameia adiante, e tão perto, que ainda lhe roçou no habito, e esmagou a alanterna,

---

[1] D'esta torre ainda ha noticias em 1697.

que levava na mão, e deixou cair com temor; e certamente o esmagava e partia, se o não detivera aquella voz, que foi sem duvida de algum anjo.

«As portas da egreja, quebrado o fortissimo ferrolho, e o aldrabão tambem fortissimo, foram tiradas dos seus quicios, e levadas até ao cruzeiro. Aqui se viu uma rara e patente maravilha, porque estando já os nossos conegos na capella mór, e um d'elles com o Santissimo Sacramento nas mãos, sobrevindo aquelle pé de vento, que levou as portas, posto que chegou a ellas já quebrado, vinha ainda tão forte, que lhe descompoz os habitos, e sobrepelizes, e alguns foram com o rosto a terra, mas tendo velas accesas nas mãos, não se apagou alguma; sendo estas luzes outras tantas testemunhas do quanto é poderoso aquelle mysterio soberano, do temor que lhe teem os mesmos demonios, do respeito que lhe guardam até os elementos. Levantavam os padres as vozes em grito, pedindo a Deus misericordia, como homens que tinham a morte á vista, e a cada instante se consideravam sepultados nas ruinas da mesma egreja. Confundiam-se as vozes com as dos trovões terriveis, e pavorosos que soavam não de uma parte, como succede, mas de muitas juntamente, e despedindo raios e coriscos, combatiam e cortavam a terra com tal estrondo e furia, que parecia acabar-se o mundo. O ar era visto abrazado em chamas de fogo, e soavam nelle vozes desentoadas e horrendas, como de gente, que se enfurecia e animava a destruir, e assolar. Ao mesmo tempo era a chuva immensa, como se os dois elementos, fogo e agua compellissem entre si, a qual havia de formar maior diluvio e causar maior estrago.»

O velho portico, negro carcomido, injuriado pelas chuvas, batido dos ventos eil-o alli ainda firme, como um dos documentos mais curiosos, embora rude, da nossa arte medieval. Sobre dois pilastrões, com impostas de gregas, curva-se o primeiro arco de volta inteira, formando o vão-portal, seguido de dois outros que lhe são concentricos, mas nascendo de columnas,

que pouco mais altas serão do que um homem. O arco do fundo é corrido de desenhos geometricos, que fazem lembrar a decoração arabe; no outro, que se lhe segue, está relevada, tanto na face como no intradorso, uma composição repetida, aduela a aduela, de passaros que veem beber a calices que formam a aresta, e varios animaes em differentes posições; quanto ao terceiro, o que nasce dos pilastrões, mais largo do que qualquer dos outros, representa uma successão de figuras de corpo inteiro, cada qual na sua aduela, taes como um bispo de mitra e baculo, guerreiros a pé e a cavallo, damas de mãos na ilharga, amas com as creanças nos braços, um monge em oração, e na pedra do fecho um grupo de *alminhas*, e dragões phantasticos nas aduelas adjacentes. Sobre este arco amolda-se uma cimalha ornada de ovulos, reminiscencia classica. Os capiteis das quatro columnas, terminadas por grossos abacos, ou antes impostas com gregas, são curiosos: homens abraçados a aguias, aves enroscadas, aqui uma serpente mordida por um lagarto, alli animaes dilacerando-se em lucta, taes são as composições que lhe dão forma.

Que de symbolos se encontrariam em todas estas figuras dos arcos e capiteis, se não fôra simples, e quiçá mais verdadeiro, não ver em taes ornatos senão a phantasia e o temperamento dos artifices que os trabalharam! Forma o corpo nobre uma janella rasgada de volta inteira, e depois a parede desmantelada, dando ensejo a que o tempo continue a sua obra destruidora!

Em 17 de junho de 1623 se assentou a primeira pedra da abobada do corpo da actual egreja «e se começou logo pelo coro entre *ambas as torres* e se cobriu todo o coro de abobada do dia e mez que acima digo até principio do outro tal mez de 1624.» Teria caído a egreja do seculo XV, ou era por tal forma pobre ou pequena que os conegos a quizessem substituir por outra mais opulenta?

Será difficil resolver o problema. Tal como está, é um producto de transição. De uma só nave, tem o tecto de abobada formado de ogivas que veem descançar sobre columnellos encrustados nas paredes, reforçadas por gigantes, que formam capellas fundas, e crescem fazendo resalto até á beirada dos telhados.

Já me referi ao desgosto do arcebispo de Braga quando viu a aguia de S. João Evangelista substituindo as suas armas; agora farei notar como nas almas doadoras d'aquelles tempos tinha mais imperio o orgulho do nome do que o sentimento de religião.

D. Tereja, sobrinha d'este arcebispo, mandou fazer a capella do cruzeiro, do lado da epistola, mas não lhe mandou pôr as vidraças. Reclamavam-nas os conegos e ella não os attendia, até que por fim exgotados os recursos persuasivos notificaram-lhe saber que elles iam mandar fazer as vidraças, mas que ordenariam que se collocassem na capella as armas da congregação em logar do brazão da doadora. Tanto bastou para que D. Tereja desse o dinheiro para as vidraças. Mais pôde vaidade do que religião!

Apesar das maravilhas que conta d'esta egreja o padre Francisco de Santa Maria, nada se encontra nella de verdadeiramente notavel. Notarei na capella do *Nascimento*, do lado da epistola, os azulejos de bom desenho e composição feitos «em Lisboa nas olarias no anno de 1742» por Bartolomeu Antunes. Os assumptos são: do lado do evangelho o *presepio;* do da epistola a *adoração dos Magos.* Na capella das *Almas*, que é a segunda do corpo da egreja do lado da epistola, tambem ha azulejos feitos por Antunes em 1733 e pintados por Nicolau de Freitas. Aqui, de cada lado, ha duas composições: uma religiosa e outra profana. Assim por baixo do quadro que representa Santa Thereza em extasis, tendo por fundo uma paisagem bucolica, vemos um outro no qual um cavalleiro lanceia um boi, e do lado opposto, por sobre uma caçada de javali a morte d'um santo.

O côro não tem importancia, è uma imitação grosseira do de Tibaes, nas preguiças dos assentos. O orgam, feito por mestre Lobo, passava por ser um dos melhores do seculo passado, e tanto que se contava que de Santiago de Compostella tinham mandado dizer aos conegos que pedissem por elle quanto quizessem.

Os conegos preferiram guarda-lo. Foi pena ; se fosse para a Galliza teria tido melhor sorte !

Abbade Contra Bispo

As intrigas, machinações, conluios e até violencias dos monges d'Alcobaça, para a eleição do seu abbade geral, formavam um curioso e movimentado capitulo da historia intima da potente congregação, e ao mesmo tempo evidenciariam que, em assumptos eleitoraes e suas cabalas, nada inventámos para torcer as consciencias dos eleitores. Não é meu intento escreve-lo; mas apenas esboçar um episodio assignalado d'uma d'essas eleições e conhecido na chronica monastica de Cister, pela «*Revolta das monjas de Cellas*». Vem elle desenvolvidamente narrado na segunda parte, inedita, da *Alcobaça Illustrada*, do chronista-mór da ordem Fr. Manoel dos Santos, chronica aliás escripta com uma grande liberdade de phrase, commentada ao sabor monastico, com egual liberdade de critica, e onde tanto se censura o bispo intrigante, que promoveu a rebeldia das freiras, como se maltrata o dom abbade geral, pobre homem cuja pusilamidade permittiu que a contenda se prolongasse durante nove annos, quando, com um acto d'energia a podera ter derimido promptamente.

Se Fr. Manoel dos Santos, apesar do seu titulo de chronista-mór do reino, não era um grande historiador, era com certeza um polemista atrevido, e inimigo por vezes irreductivel e irreconciliavel.

Aproveitemos d'elle o episodio, que elle proprio qualifica de tragi-comico e sigamo-lo nas 60 paginas do seu manuscripto, não com o azedume com que estão escriptas; mas com uma leve ponta de mansa ironia.

Quando, em 1702, se reuniu o capitulo da ordem para a eleição de dom abbade geral, era então bispo de Lamego D. Antonio de Vasconcellos e Sousa [1], que se empenhou para que os votos do capitulo fossem dados a Fr. Bento de Sá, que já tinha sido abbade em Lisboa e era seu amigo d'infancia. Publica e clandestinamente trabalhou para o conseguir; mas como houvesse mais duas parcialidades combatentes, á ultima hora os delegados eleitores entraram em accordo, e foi eleito um *tertius*, alheio ás cabalas.

Segundo Fr. Manoel dos Santos, o bispo nunca mais se esqueceu da derrota, nem perdoou aos *bernardos*, e mal teve ensejo tratou de os magoar e desgostar tanto quanto lhe foi possivel. Logo alli em Lamego tratou de molestar e inquietar, por meios pouco dignos para um prelado, os abbades dos mosteiros de S. João e de Salzedas, prohibindo-lhes que dessem de-

[1] Antonio de Vasconcellos e Sousa foi o quarto filho de João Rodrigues de Vasconcellos e Sousa, segundo conde de Castel-Melhor e de sua mulher D. Marianna de Lencastro. Foi dom prior de Guimarens, deão da Sé de Lisboa, deputado do Santo Officio com exercicio nas inquisições de Lisboa e Coimbra, sumilher de cortina d'el-rei D. Pedro II. Bispo de Lamego e transferido para a mitra de Coimbra, tomou posse por seu procurador aos 6 d'abril do anno 1704. Falleceu em Coimbra aos 23 de dezembro de 1717, com 73 annos de edade, e está sepultado naquella sé, na mesma sepultura de Joanne Mendes de Tavora, outro bispo com quem os *bernardos* tiveram questão seria, por causa das monjas de Lorvão.

Catalogo chronologico critico dos bispos de Coimbra, pelo beneficiado Francisco Leitão e Ferreira, nas Memorias da Academia Real de Historia.

missorias aos seus clerigos para ordens sacras «e[1] tendo occultos os decretos, (que previamente impetrara de Roma) esperou occasião que os abbades o fossem visitar, e saindo elles do seu palacio, depois da visita feita, os mandou notificar por um notario na rua, com incivilidade indigna de homem branco; e sendo pouco depois transferido a Coimbra, não bastou a mudança de ares para lhe sarar o animo de rancor».

Assim que chegou a Coimbra recomeçou as hostilidades; primeiramente visitando a parochia que os cistercienses tinham na sua quinta de S. Paulo; depois entrando no mosteiro de Cellas «debaixo do pretexto de visitar a clausura, sendo que nenhum rumor havia de ser violada. Foi recebido pela abbadessa e poucas religiosas *velhas;* e porque não vieram *todas mostrar-se*, nem dentro houve entremezes, nem musicas que o bom bispo gostava de ouvir, queixava-se publicamente; pondo a culpa do que foi modestia nas freiras, aos mesmos monges do collegio, que elle dizia as aconselharam»[2].

Este trecho é um traço dos costumes claustraes e episcopaes da epoca. O bispo, atravessando os longos corredores sombrios, vendo sumir-se no interior das cellas os vultos brancos e ligeiros das monjas, que devem ser novas e formosas, e olhando á roda de si, na claridade das crastas e vendo se apenas cercado de freiras velhas! E quando esperava ser convidado a assistir á representação d'alegre farça, ou a ouvir motetos hespanhoes acompanhados a harpa, deixam-o sair da clausura, com o annel babujado pelos osculos das madres *ancianas*.

---

[1] Tudo quanto neste capitulo se encontrar entre commas é transcripto da chronica inedita de Fr. Manoel dos Santos — Ms. da Bibliotheca de Lisboa n.º 1476.

[2] Este prelado era effectivamente amigo do fausto e das festas. Quando em maio de 1693 entrou em Lamego, como bispo d'aquella diocese, assistiu ás cavalhadas que duraram oito dias, tres dias seguidos a comedias e em todos elles aos fogos de vistas.

Continuemos com o chronista. «Trazia em sua casa o illustrissimo bispo Antonio de Vasconcellos um criado chamado Miguel de Sotto, homem intrepido e astucioso, de quem o bispo confiava não só o inteiro governo de sua casa e familia, mas os seus segredos; podendo dizer-se que o amo só o era no nome e o creado o verdadeiro amo. Este posto em Coimbra deu em frequentar o pateo de Cellas; falava e fazia encommendas de doces para casa do bispo a freiras moças, naturaes das tendas da cidade; e por estas foi introduzindo no convento, em que passariam com bom commodo as freiras, e com mais liberdade na obediencia do bispo seu amo, principe rico e generoso que as podia sustentar com largueza e remir o empenho, que padecia o seu mosteiro.»

Como depois veremos o mosteiro não estava nadando em abundancia, mas tambem não vivia tão miseravelmente como o bispo queria fazer acreditar.

O anno de 1711 fôra esteril, de fórma que em 1712, epoca em que se estão passando os factos que vamos narrando, o alqueire de trigo custava em Coimbra réis 1$000, o de milho 750 réis, e em outras terras mais caro; «porque na villa da Covilhã valeu o alqueire de centeio a quinze tostões».

Escreveram as freiras ao dom abbade geral pedindo-lhe que auctorizasse a admissão d'algumas noviças supranumerarias, cujos dotes seriam applicados ao fornecimento do trigo necessario. O abbade rejeitou o alvitre, e observou que da quantidade de supranumerarias anteriormente admittidas é que provinha o desequilibrio financeiro do convento; e aconselhou e auctorizou que a communidade levantasse a juros um emprestimo de dois mil cruzados; e como o anno fôra esteril, conveniente era que a abbadessa e as monjas se accommodassem diminuindo a ração do pão, a exemplo dos monges d'Alcobaça, que fizeram o mesmo voluntariamente, sendo o seu mosteiro tanto mais opulento que o de Cellas; e que passada a presente falta tornariam ao antigo ser.

Não agradou a resposta ás madres, já muito abaladas pela gente do diocesano, e immediatamente fizeram saber a este o seu desgosto. Não se demorou o bispo e no dia seguinte foi visitar o mosteiro «e foi recebido com repiques e acclamações, que do mirante já o pediam para seu prelado».

Entrou logo na egreja, dirigiu-se á grade do côro e ahi entrou em conferencia com a madre abbadessa, sobre o modo de se aproveitar e aggravar o conflicto.

Assim que terminou a conferencia partiu um proprio para Alcobaça «com outro galante requerimento» no qual as monjas pediam: que se lhes désse a importancia da esmola quotidiana da portaria d'Alcobaça [1]; ou as contribuições da ordem, que estavam sendo applicadas para a construcção do edificio de Desterro, (em Lisboa); ou as legitimas e heranças dos monges a quem fallecessem os paes; e no caso que se lhes negasse o que pediam ellas tratariam de se remir, sujeitando-se ao illustrissimo bispo de Coimbra, que as desejava remediar.

Era Alcobaça saqueada, um *ultimatum* verdadeiro *casus belli,* que o dom abbade repelliu com formaes negativas a todas as propostas, e com o desdem de lhes dizer que podiam realizar a ameaça de se sujeitarem ao bispo, desligando-se da obediencia da ordem, que isso lhe era indifferente, comtanto que procedessem pelas vias canonicas.

Não esperavam ellas nem o diocesano semelhante resposta, que lhes prejudicava os projectos de escandalo publico. Trataram, pois, os agentes do bispo de persuadirem a communidade «que o meio mais opportuno para segurarem a tal obediencia era sómente sairem fóra da clausura e irem a casa do mesmo bispo roga-lo e acclama-lo por seu prelado; porque d'outra sorte o bispo não as queria receber».

---

[1] Referiam se ao *caldo* que os monges davam aos pobres, cuja distribuição era tradicional em todas as casas religiosas.

Tentou o dom abbade geral uma pacificação e foi a Cellas para dissuadir as subditas, demonstrando-lhes que não era com escandalos publicos que se podiam sujeitar á obediencia do bispo, mas sim pelos meios legaes, impetrando as devidas licenças da Santa Sé, «e finalmente tivessem entendido que não era o tal bispo-conde, que as quizesse debaixo da sua obediencia com o encargo de as sustentar, como ellas diziam, especialmente em tempo que os proprios criados do mesmo bispo se lastimavam publicamente de que seu amo não podia dar esmolas, por se achar em estado de pedidos; o que se faria verosimil pelas grandes pensões que paga, e porque andavam de presente executando-o nas rendas por ordem dos ministros d'el-rei».

«Eram verdadeiras estas razões, mas não actuaram no coração endurecido das freiras, e os criados do bispo, a quem as passaram logo, temendo a inconstancia feminil, apertaram mais pela ultima conclusão do tratado. Era no tempo da quaresma, na sexta-feira dos passos d'aquelle convento, prégou lá um doutor do nosso collegio, e outros mestres, para com esse pretexto observarem o semblante das freiras. Acabado o sermão, ao sair para fora da egreja o auditorio, se ouviram na portaria do convento gritos e vozes confusas, que repetiam bradando: — *não queremos! não queremos!* sem saber o que, e que appellavam sem saberem de que; porque se lhes antojou que ia o abbade do collegio publicar algumas excommunhões vindas de Alcobaça.»

Este e outros factos, as idas e vindas da gente do bispo e de certas personagens suas affeiçoadas levou ao animo tanto do confessor como do feitor do mosteiro que se tramava uma saida tumultuosa da clausura, e tiveram artes de saber que estava tratada para a quinta feira, depois de domingo da paixão; e até que o bispo dera ordem á prioreza do mosteiro de Sant'Anna, que estava sob a sua jurisdicção, que quando ellas voltassem do palacio episcopal as recolhesse, e lhes tivesse preparado o jantar.

«Quizeram os padres do mosteiro impedir a saida, e para tal mandaram chamar quatro doutores do collegio de S. Bernardo; e o feitor foi a Coimbra «e buscou o juiz de fora e o corregedor da cidade, requerendo, da parte d'el-rei e da religião, que acudissem a Cellas para o mesmo effeito; e assim o fizeram os dois ministros, e quando chegaram ao pateo do convento já lá estavam os quatro doutores esperando a ver o fim, porque acharam fechadas as portarias, e ao confessor dentro ungindo a uma enferma com todo o socego; mas em breve espaço se abriu a porta, e appareceu saíndo para fora um corpo grosso de freiras, que constava de oitenta e tres, e a prioreza com sua cruz diante arvorada, e como não era licito aos ministros e doutores presentes usarem de violencia de mãos, não poderam reprimi-las que não saíssem; mas acudiram com prestesa a fechar a porta exterior do pateo; e fechada esta ficaram as freiras fora da clausura, mas dentro do mesmo pateo. A abbadessa advertidamente não saiu fora, mas deixou-se estar com outras velhas na porta; e todas atroando os ares com brados tumultuosos, que queriam ao bispo e mais bispo, que as deixassem ir busca-lo para seu superior. Os ministros e doutores, quanto a confusão das vozes o permittia, trabalhavam com rogos para as fazer recolher; porém replicavam que não queriam, nem d'alli mudariam um pé sem irem primeiro a casa do bispo, e entendida a ancia com que clamavam pelo bispo, as desenganou o corregedor que da porta para fora nenhuma havia de sair, que elle avisara o bispo, que viesse se queria ouvi-las.»

Immediatamente partiu um meirinho a chamar este, que em menos de uma hora chegou a Cellas, e como falhava a ultima combinação, tratou de tirar o melhor partido da que se lhe apresentava.

Carregou o sobrôlho, e ordenou ás freiras que se recolhessem, e que estavam excommungadas por terem violado a clausura. Bem sabiam ellas que não eram aquelles raios que as haviam de ferir mortalmente, e

rêagiram, clamando que não sairiam d'alli, emquanto elle as não tomasse debaixo da sua jurisdição. João Ribeiro da Fonseca, apaniguado do bispo, alvitrou que seria melhor lavrar-se um auto de obediencia. Pareceu o expediente bom para se saír do embaraço, já que se não podia saír do patio; lavrou-se o auto, o bispo absolveu as monjas da excommunhão e pena em que tinham incorrido, e estas entraram para a clausura. [1] Passou o bispo logo á egreja, e sentando-se

---

[1] Eis como este facto vem descripto no 2.º volume de *Coimbra curiosa*, ms. da bibliotheca publica de Lisboa, de que é author e coordenador o beneficiado Joaquim da Silva Pereira. «Em 1712 pelas grandes differenças que tiveram as religiosas d'este mosteiro com seus confessores e feitores estiveram aquellas bloqueadas sete mezes, por pertenderem retirar-se para fora da clausura e não quererem estar sujeitas a elles, nem a seu abbade geral, que chegaram a 17 de março d'este anno a sair com cruz levantada até á porta do pateo e se não accudissem o bispo D. Antonio de Vasconcellos e os ministros seculares da cidade saiam todas para fora, excepto as doentes; porém não quizeram recolher-se para o convento emquanto o bispo as não aplacou pelo termo que mandou lavrar naquelle dia, cuja copia vae no fim d'este paragrapho.

Estava o bispo sentado no pateo em uma cadeira e as religiosas no mesmo sobre as alcatifas, onde rezavam horas miudas com os rostos cobertos com véos em que as recebeu de baixo de sua protecção, o qual foi assignado pelo bispo, pela abbadessa, pelos drs. Francisco Mendes Pimentel, e João da Fonseca, lente de prima de leis e por cento e quarenta e sete religiosas. Entre as que acompanhavam a cruz, quando saíram para fora da clausura, ia com um cerial D. Zabel Mauricia de Menezes a tempo que accudiu o corregedor com seus officiaes, pertendeu este ministro suspender os passos ás religiosas, para o que lhes disse algumas palavras, que ellas não gostaram de ouvir; nesta occasião deu D. Zabel ao corregedor uma bofetada. Foi reprehendida esta pelas outras. Imaginou que o ministro ficasse contra ella, porem elle depois que soube de quem era filha e de reparar na formosura de que era dotada, não fez caso da injuria, antes no seguinte dia a foi procurar offerecendo lhe a outra face, ficando d'alli em deante com uma amisade tão sincera e agradavel que não havia para aquelle ministro pedreira mais forte, cujo facto me contou a dita religiosa servindo de abbadessa.»

O termo, a que acima se allude, não tem importancia que me-

á frente do côro, alli deu beija-mão ás suas novas subditas, ao som do orgam, dos repiques de sinos e das acclamações de todas ellas.

E lá no céo, S. Bernardo, que neste mundo nunca foi para graças, é de crer que jurasse pela pelle ao prelado intruso.

Ora como até alli as monjas não se queixassem dos monges, seus administradores, e davam como motivo de se desligarem da obediencia do seu prelado natural, o desejarem remir-se da extrema pobreza que padeciam, o chronista cisterciense commenta assim o caso, referindo-se ás ruidosas manifestações de alegria «com que festejavam a grande fortuna que estava para vir», deitando-lhes, como é de uso dizer-se, agua na fervura: «quizeram imitar os rapazes de quem escreve Trancoso, que vendo ao pae pedir emprestada uma pouca de linhaça para semear, d'onde a seu tempo fizesse panno para os vestir, porque andavam nus, os rapazes, dando-se já por vestidos, celebravam a sua ventura dizendo a gritos, que ao mesmo pae enfastiavam: *Caçotes, mana! Caçotes!* Assim as freiras de Cellas nas palmadas com que applaudiam a fartura, que ainda não chegou até hoje».

A' noute abriu se a grade onde houve assemblea; á chegada do bispo repetiram-se os vivas, serviram-se doces; moças e velhas correram a celebrar o novo prelado, tangendo-se harpas e entoando-se modas profanas.

No dia seguinte D. Antonio voltou ao mosteiro e en-

---

reça transcripção. Repete as conhecidas allegações de penuria causada pela má administração dos monjes; a vexação do abbade geral que não só as não soccorria, como as queria obrigar a meia ração, vendo-se obrigadas a trabalhar todo o dia nas cellas para se sustentarem; a declaração do bispo, acceitando as á sua obediencia, e aconselhando-as a que se recolhessem á clausura por não «ter logar onde se recolhessem com decoro por ser o numero de religiosas grande, por serem quasi todas as do convento, excepto algumas doentes e muito velhas, e a madre abbadessa que ficou na porta regral...»

tregou á abbadessa duzentas moedas d'ouro, numa bolsa de seda, na qual estava bordada esta lettra: *Esta esmola dá o bispo esmoler mor de Cellas*. Deu as ordens que julgou convenientes, e era já noute quando voltou ao palacio «voseado e repicado com maior excesso pelas freiras».

Sem querer fazer juizos temerarios, devo confessar que Fr. Manuel tinha um regular odio fradesco a D. Antonio... mesmo depois d'este morto.

A semana santa approximava-se, e a abbadessa entendeu que aquellas consciencias deviam de soffrer uma limpeza, que as habilitasse a celebrar a paschoa; para isso em sabbado de ramos deu ordem ao feitor que fosse ao collegio de S. Bernardo buscar confessores para a communidade. Mas assim que o mulherio viu que o padre punha a capa para saír «no mesmo instante se levanta na portaria, no mirante, pelas janellas, e por quantos buracos tinham as paredes um estrondoso e confuso alarido, gritando todas que não queriam confessores do collegio». O padre feitor tirou a capa e recolheu-se ao quarto, resmungando, provavelmente: «Pois então confessem-se com o Diabo!»

Continúa o chronista:

«No outro dia, domingo de ramos, madrugaram as freiras segunda vez na portaria com novos alaridos, e de mais com pedras, paus, facas voseando e clamando para os dois padres (o confessor e o feitor) que logo se fossem para Alcobaça, quando não saíriam ellas fora a deita-los por força; e proferiam as palavras injuriosas que o furor lhes punha nas linguas». Ainda aqui o bispo, por seus mandantes, quiz fingir que se lançava fora da contenda, declarando que a um pedido das freiras para terem confessores clerigos tinha mandado ouvir os dois monges, mas as freiras redobraram de gritaria, e o feitor e o confessor pozeram as capas, recolheram-se ao collegio de S. Bernardo «deixando feitos por um notario os seus protestos, e deram as chaves das casas das suas residencias ao corregedor».

Esta questão dos confessores, bem como a sujeição

das freiras á jurisdição do bispo levantou grande celeuma entre theologos e praxistas; e numa junta em que a questão foi ventilada, prevaleceu a opinião: que o caso era tumultuario e que devia ser tratado em Roma. Não restava duvida que os confessores deviam ser da ordem que as monjas professavam, ou authorizados pelo abbade geral. A doutrina era de bom quilate; mas as rebeldes é que a não acceitavam; porque não só rejeitaram os confessores cistercienses, como corriam á pedra os benedictinos e até os carmelitas descalços que o prelado lhes mandava. Não se confessariam senão a cleros enviados pelo bispo.

O chronista conclue: «... o bispo poz em Cellas um capellão da sé, e deu ordem ao cabido que o contasse como presente, sem fazer escrupulo nem o mais leve reparo sobre que eram nullas as confissões das freiras, emquanto o clerigo não tivesse faculdade do abbade d'Alcobaça. Este bispo D. Antonio de Vasconcellos dizem que era leigo, e sobre isso, como obrava com paixão não foi muito que lhe coubessem no cerebro ainda outros maiores absurdos».

Respeitemos o circumloquio de Fr. Manuel.

Não havia que luctar; os padres bernardos retiraram-se do convento; e ao mesmo tempo o bispo trata de lavar a sua testada, escrevendo ao dom abbade que só o exaspero do miseravel estado de penuria em que se achavam as freiras tinha provocado a sedição, e que convinha a elle, dom abbade, remediar o caso.

---

[1] Da sua biographia, inserta nas *Memorias do Real Collegio de S. Paulo,* da *Universidade de Coimbra,* por *D. José Barbosa* parece inferir-se esta opinião de Fr. Manoel dos Santos, porque alargando-se Barbosa em elogios a D. Antonio, e exaltando muitas das suas qualidades, quando trata de conhecimentos e illustração contenta-se com as seguintes linhas «...continuou, (depois de tomar posse do deado da sé de Lisboa) os estudos canonicos em Coimbra, em que chegou a fazer exame privado.» Nesta biographia, que mais se póde chamar um panegyrico, e que é bastante desenvolvida, não se diz uma unica palavra ácerca do caso de Semide, o que me parece proposital, e portanto symptomatico.

Ora o tal estado allegado, segundo o chronista-mór, era menos que verdadeiro, porque os administradores deixaram no celeiro e nas officinas da casa doze moios de trigo e na bolçaria dinheiro para mais vinte moios, quatro centos alqueires d'azeite, noventa alqueires de feijão, quarenta duzias de pescadas seccas, e dez arrobas de bacalhau», além de quatro vezes que se havia dado ás freiras ração de peixe fresco naquella quaresma, e na horta deixaram hortaliça para tres mezes; tinha o convento pertencentes ao commum e ao particular peças de ouro e prata que valiam para cima de sessenta mil cruzados, e em tenças vitalicias quatro centos mil réis cada anno; donde claramente se via ser falsa a extrema necessidade asserta pelo bispo».

O que parece confirmar a opinião do chronista foi terem as freiras queimado os livros da communidade quando, no correr da contenda, se procurou averiguar a verdade das accusações.

Neste ponto da narrativa fr. Manuel dos Santos é pouco amavel para com o geral que então era de sua ordem, cujo nome acintosamente cala quando a elle se refere. [1] O que este deveria ter feito mal se manifestou a rebeldia era revestir-se de energia, montar na mula e dirigir-se em pessoa a Coimbra; alli devassar do caso na presença de notarios apostolicos, e por fim, se tanto fosse preciso, excommungar as monjas e até o proprio bispo, como fautor e cumplice na desobediencia. «Porém o *desconsolado homem* mettido entre as paredes de Alcobaça, ainda se não dava por seguro do bispo, tanto era limitado e pusilanime. Achou mais commodo recorrer ao rei, ao mesmo tempo que igual expediente adoptava o bispo enviando ao monarcha a queixa das religiosas. A apostila do bispo diz o chronista «que bem merecia uma glosa pezada; mas como

[1] Chamava-se Fr. Felix d'Azevedo; tinha sido eleito geral em 1 de maio de 1711, e morreu a 17 de junho de 1730, tendo entrado para a ordem em 1660, devia, pois, nesta occasião ser homem com perto de 68 annos.

já o cobriu a terra, até um gentio disse: *Jam parce sepulto!*» Do que D. Antonio se livrou!

Escreveu tambem o corregedor a D. João V, que por certo não se admirou do que ia por Cellas, tanto elle conhecia o que se passava mais perto da côrte. Pela *meza do paço* foram expedidas respostas para todos, e todas ellas como mandava a boa razão.

Ao bispo ordenava-se que remettesse as freiras á obediencia do seu geral; á abbadessa que dissesse ás freiras que se aquietassem e se sujeitassem a quem de direito; «porque de contrario, que não espero, não só me darei por mal servido, mas os que o pertenderem sentirão os effeitos da minha justa indignação...» O corregedor recebeu, pela mesma via, ordem para auxiliar o dom abbade no exercicio da sua jurisdicção; fazendo que fossem restituidos aos seus cargos os padres da ordem, em substituição dos clerigos introduzidos pelo bispo, e caso as revoltosas recalcitrassem lhes pozesse cêrco e sitio ao mosteiro, de forma que de fora lhes não podesse ir ajuda ou favor emquanto durasse a rebellião. Depois que informasse se pessoa extranha ao mosteiro concorrera para o tumulto «dando conselho, armas, ajuda ou favor...»

Não se podia exigir mais do rei, e á vista d'estas disposições parece que o conflicto devia ficar desde logo resolvido. Eram teimosas as monjas e replicaram, e o mesmo fez o bispo. Mas o rei insistiu no que determinara, e d'esta vez ameaçando de transferir de convento as que se não submettessem ás suas ordens; e ordenou ao corregedor que fizesse prender na cadeia da Portagem ao medico Manuel da Cruz, lente de medecina, e ao advogado Manuel Alves Brandão, e que apertasse tanto quanto possivel o cêrco ao mosteiro, para o que o capitão-mor da cidade lhe prestaria as forças necessarias, bem como para o resto da diligencia. «E se contra o effeito d'ella concorrerem algumas pessoas, as mandareis notificar de minha parte para que logo sáiam dessa cidade em distancia de vinte legoas, e que não tornem a entrar nella sem especial

ordem minha, e mandareis logo sequestrar todas as rendas pertencentes ao dito convento, e commettereis a administração d'ellas ao geral de S. Bernardo emquanto durar a desobediencia das ditas freiras...»

Se o dom abbade geral tem secundado estas providencias regias e usado da larga influencia que o seu alto cargo lhe dava é de crer que monjas e bispo pactuassem. Mas o bom do homem metteu-se nas encolhas, emquanto o prelado diocesano e seus parciaes desenvolviam extraordinaria actividade e conseguiam annullar o effeito das ordens regias, de forma que ninguem foi preso, e o cordão foi largo e fraco, como um que ultimamente se poz á roda do Porto[1].

Neste ponto a questão desloca-se e segue para Roma, para onde appellaram tanto o diocesano como as religiosas; donde resultou ser o dom abbade citado para responder ao libello das freiras, e nomeado o nuncio apostolico em Lisboa para as governar emquanto pendesse a causa, e desde logo absolvesse as rebeldes da excommunhão em que tinham incorrido pela violação da clausura.

Seis mezes se passam em preparos da causa, allegações e contestações, e durante esse tempo o mosteiro desce até á ultima relaxação, tanto no temporal como no moral e espiritual.

Como as religiosas não queriam abrir a porta a padres que não fossem enviados do bispo, e como este estava prohibido de lh'os mandar, não se confessavam, não commungavam, e occasiões houve em que nem missa ouviam ao domingo. E, diz o Padre Manoel dos San-

---

[1] O manuscripto acima citado em nota diz a este respeito: «Neste tempo que as religiosas estiveram cercadas pelas ordenanças e justiças não consentiam estas entrasse pela portaria mantimento algum; porém os parentes e amigos ás escondidas lançavam pelos muros da cêrca muito pão, farinhas, gallinhas, e inde certo ecclesiastico subindo pelo muro para lançar uns poucos de perus para dentro, um meirinho lhe deu com a vara na cabeça de sorte que caiu em terra quasi morto, porém tornou a si.» O que a historia não diz foi quem comeu os perus!

tos, eram vistas sobre os muros falando para fóra com quem queriam «e obrarem outras dissoluções que calo por honra de umas mulheres que se chamavam esposas de Deus». Seria melhor que tivesse posto tudo em pratos limpos, para que ninguem phantasiasse o que por certo não succedeu. Os padres mestres classificavam de crimes monstruosos o que muitas vezes não passava d'uma simples venialidade.

Vejamos agora quaes os artigos d'accusação que foram mandados para Roma, tanto no temporal como no espiritual.

Quanto aos primeiros queixavam-se as cellenses, que tendo o mosteiro de quatorze a quinze mil cruzados de renda, estavam reduzidas á miseria; que os monges administradores usavam e abusavam dos bens da communidade, sustentando-se como principes, banqueteando-se, vivendo vida folgada e lauta á custa das rendas que administravam, e que até chegaram a tirar d'ellas dotes para as sobrinhas!! Como prova citavam o caso d'um feitor que á hora da morte, remordido na consciencia, mandava entregar á abbadessa uma somma de que se tinha indevidamente appropriado. Queixavam-se mais das grandes comitivas com que os geraes se hospedavam no mosteiro, bem como da contribuição que lhes fora imposta para as obras do mosteiro do Desterro em Lisboa.

Da contradicta de Fr. Manoel dos Santos o que se deprehende, e deve de ser verdade, é que, emquanto houve por onde, monges e monjas gastaram á larga, e que só se desavieram quando viram o fundo ao saco.

As queixas, no que diz respeito ao espiritual, e ás quaes faz carga o depoimento da madre prioreza em especial, são mais graves, e levantam francamente o veu da vida quasi libertina que no seculo XVIII se levava nos claustros cistercienses. O que os monges praticavam em Cellas parece que fôra exemplo para depois ser seguido pelo monarcha em Odivellas, mosteiro da mesma ordem.

Eis os mais importantes artigos contra elles:

Que em vez de as confessarem e dirigirem nos exercicios espirituaes dizem ellas, passavam a vida em casa jogando e desenfadando-se; — que logo que entravam no convento «tomavam caminho de terem freira particular em tal amisade que eram mais escandalosos que os seculares;» — que «eram continuos em entrar na clausura sem necessidade, e tomavam por desenfado ir á cêrca atirar aos passarinhos, e de caminho assim na cêrca, como dentro do convento, encontrando-se com as freiras tinham com ellas acções deshonestas e lascivas, provocando as esposas de Christo aos seus appetites com grande escandalo». Que quando entravam na clausura para algum sacramento «se separavam das freiras, e entravam nas cellas das particulares, só com ellas ou cada uma, e cuidavam só nas suas torpezas, e que era raro encontrarem uma freira que lhe não dissessem palavras indecentes e juntamente não intentassem ter com ella tratos inhonestos [1]».

---

[1] Se isto assim era, ou pouco mais ou menos, é por que tinham caido ou nunca se pozeram em vigor os antigos capitulos.

Na provisão de 2 de maio de 1615, o celleitor apostolico Octavio Acoramboni, ordenando a exacta observancia das leis e ordenações feitas na visitação e junta de Coimbra, insiste: — que nenhum religioso possa ser confessor de freiras sem ter 60 annos de edade para cima, e não se achando sujeitos d'esta edade para o tal cargo se escolherão outros, com tanto que sejam pessoas de muita virtude, religião e escrupulo, que bem no dito cargo pareçam, e que os feitores sejam ao menos de 50 annos; e nenhum religioso entre na clausura dos mosteiros de freiras para confessar alguma, por razão de enfermidade, ou por qualquer outra cousa, salvo o proprio confessor, indo acompanhado de duas religiosas das mais anciãs da casa, que a madre abbadessa apontar: e os confessores que se houverem de dar por alliviadores ou ajudadores dos confessores ordinarios sejam de 60 annos de edade, podendo ser, ou aquelles que tiveram as partes que acima dissemos, comtanto que nem um nem outros entrem na clausura a confessar ou sacramentar senão o proprio confessor, como dito é, tirado em caso de necessidade, estando o tal confessor ausente, ou gravemente enfermo; e que na clausura dos ditos mosteiros não entre pessoa alguma, salvo os prelados em acto de visitação, e

Um dos artigos mais curiosos d'este famoso libello, é o que passo a transcrever, sem lhe augmentar nem tirar ponto nem virgula: «Houve occasião, em que assim o confessor como o feitor se apostaram a querer indignamente bem a uma prelada, e foram taes os zelos que tiveram um do outro, que depois de noite foi um saltar os muros da cerca presente, persuadindo-se que o outro estaria lá com a prelada, e se o achara se matariam um ao outro».

Interrogando o nuncio as freiras sobre o libellado, dividiram-se em dois grupos: as obedientes e as rebeldes. O numero d'aquellas andava por oitenta e juraram que tudo o allegado era falso e tudo suggerido pelo bispo e por seus criados, mais principalmente pelo padre Miguel do Souto «e a Madre Joanna Clara accrescentou: *no caso, que eu não espero, nem permitta que em Roma mande o papa que este mosteiro obedeça ao bispo, já aqui declaro que hei de pedir me mudem para outro convento da nossa ordem para nelle morrer debaixo da obediencia que professei*».

Do lado das rebeldes só estão escriptos os testemunhos da abbadessa, prioreza, sub-prioreza, e mordoma, o que denota que representavam a minoria da communidade.

Foi a madre prioreza quem mais desenvolvimento deu ao seu depoimento, e quero vêr nisso que talvez fosse ella a verdadeira cabeça do motim. As priorezas tinham um grande predominio na communidade com a qual viviam em mais intimo convivio do que a abbadessa. Eram ellas que fiscalizavam todos os actos da vida claustral, que os resolviam, communicando de-

---

confessores proprios a administrar sacramentos a enfermas, e com officiaes das obras necessarias, e que as contas por nenhum caso se tomem dentro, senão nas grades de fora; nem as visitações se façam senão á grade, e que pessoa nenhuma fale com freira da dita ordem, salvo os parentes chegados e isso com licença do reverendo padre geral... e que as grades de todos os mosteiros sejam de ferro e dobradas e entre uma e outra haja quatro palmos de largo, e pelo menos tres e meio largos ..»

pois o que tinham feito a abbadessa, de quem eram a pessoa de confiança, o verdadeiro logar tenente. O seu depoimento jurado é o seguinte:

«Que a causa de se revoltarem fôra a ruina do seu convento e a necessidade que padeciam, pela qual os prelados não podiam obrigar as religiosas a satisfazerem as suas obrigações, por lhes ser necessario trabalhar para se manterem e vestirem; e, sobre a grande penuria que padeciam, agora o padre geral lhes mandara diminuir o pão, do que estimuladas se rebellaram e de verem gastar as suas rendas com os frades e hospedes. Os ditos frades tratavam mal a celleira se não lhes dava bem de comer, e um dia que lhes tardaram com o jantar, foi o feitor á roda da portaria aonde soltou palavras indecentes contra as officiaes da cozinha. As abbadessas não eram senhoras das rendas; mas os feitores as recebiam e despendiam com pouca consciencia, e um dos feitores passados, na hora da morte, mandou pedir á madre abbadessa, que lhe perdoasse oitenta ou cem mil reis que havia furtado ao mosteiro, e quando ella prioreza tomou o habito se costumava dar aos confessores e feitores de assignarem a escriptura de dote *mezza piastra* [1] a cada um; e agora levavam quatro mil réis, e quando os geraes iam visitar ou presidir nas eleições das abbadessas faziam despezas consideraveis e obrigavam a que se pagasse do convento até o concerto dos sapatos dos seus criados. Os feitores e confessores não tratavam as religiosas como irmãs, mas como escravas. Os geraes mandavam para aquelle convento feitores de talento limitado, que haviam perdido muitas escripturas do archivo, e além de outras uma, que se apparecesse seria de grande utilidade para o mosteiro. Um feitor

---

[1] Este depoimento foi traduzido do original italiano, que correu nas mãos dos juizes em Roma, e o padre Francisco Manuel dos Santos conservou aquella expressão, pondo-lhe á margem a seguinte equivalencia: *na nossa moeda vem a ser com pouca differença cinco tostões.*

disse á abbadessa que se lhe não dava grade para falar á sua freira a não haveria por prelada, com o que a tal abbadessa se viu constrangida a ser medianeira dos amores d'aquelle feitor. Outro feitor injuriou com palavras descompostas a porteira, porque não lhe dava a chave d'uma grade não reformada, sabendo que o padre geral prohibira que se desse a pessoa alguma. Disse mais a prioreza, que lastimando-se ella ao padre geral dos muitos hospedes e religiosos da ordem que iam áquelle convento, o dito geral repondeu: que iam de passagem. Os geraes e os visitadores no fim das visitas levavam viaticos para o caminho; tambem se queixou a outro geral que se algum confessor ou feitor não bebia vinho, no fim do seu tempo tomava em dinheiro o que podia importar a ração do vinho se o bebesse; porém o tal geral nem por isso emendou o escandalo. Os feitores quando iam fóra do convento pagavam do dinheiro da casa a quem dizia as missas a que elles eram obrigados. Os confessores não cuidavam em mais que galantear a sua freira; e houve tal que disse missa com a chave da grade na algibeira para se entreter de tarde; e outra vez viu ella que um dos dois religiosos que haviam entrado dentro se apartou da madre abbadessa que os acompanhava, e pegou em uma freira, a quem ella depoente acudiu, admirando-se do atrevimento, o que succedeu haverá oito ou nove annos; e tornando dentro este mesmo em outro dia, estando falando com uma freira, lhe metteu uma mão nos peitos, o que a mesma freira contou a ella depoente, e a outras religiosas, as quaes disseram que se calasse; e por este mesmo estylo obraram outros feitores e confessores acções descompostas. Os geraes quando estavam dentro nas visitas levavam comsigo os religiosos todos que estavam então no convento, e se algum mais sobrevinha, depois de haverem entrado, mandava que lhe abrissem e tambem entrava. Certo confessor, *mas já velho*, quando entrava dentro, gastava todo o dia na cella de uma freira sua irmã, e lá jantava ou merendava. As

folhas das contas, que iam ao capitulo geral, não tornavam de lá, e os prelados não sabiam dos gastos mais d'aquillo que queriam dizer-lhes».

Disse, e não foi pouco.

A mordoma ou celleireira, D. Margarida de Castel-Branco, corroborando este depoimento, trouxe-lhe uma attenuante, no que se referia á moralidade dos padres, declarando ácerca dos actos indicados como indecorosos: «que não foi algum destes ultimos, porque sempre procederam bem».

Os cestercienses fizeram advogar a sua causa em Roma. Algumas das religiosas mais exaltadas, taes como D. Maria de Napoles e Noronha, D. Francisca Maria Xavier, escreveram ao padre geral mostrando-se arrependidas; e sobre tudo a queima dos livros da cobrança e despesa das rendas e das officinas administradas por ellas, concorreram para que a causa dos monjes se considerasse vencedora. Como estes queriam provar que tinham administrado bem, requereram ao nuncio exame nos livros; «e a 19 de novembro de 1713 foi notificada a abbadessa a apresenta-los. Quatro dias depois, a 23, esta fe-los transportar para o mirante e queimar por D. Mariana de Noronha e sua irmã D. Luiza, Joanna Bandeira, Maria Machado, Thereza Antonia, Joanna de Tavora, Thereza do Amaral, Maria Magdalena Brandão e a celleireira Margarida de Castel-Branco, «que foi buscar o lume a casa de outra freira Antonia do Canto; o que tudo se justificou plenamente por muitas testemunhas de vista; comtudo escaparam do fogo dois livros, que o feitor expulso acaso levou comsigo, e destes ainda se poderam tirar algumas verdades contra o que juraram as rebeldes na sua queixa».

Em Roma travou-se uma verdadeira lucta d'empenhos. As rebeldes tiveram por si os pedidos e dinheiro do bispo, o cardeal Conti, protector do reino, e outros mais, entre elles o embaixador de Portugal, marquez de Fontes; mas a congregação de regulares sentenciou a favor do abbade contra o bispo. Esta sentença tem a data de 19 julho de 1715, tres annos quasi dia por dia

da saída da clausura. O embaixador requereu que se revesse a causa; mas como não allegasse facto novo, foi mandada confirmar a sentença e o nuncio encarregado de fazer entender ao bispo que não se intromettesse em tal assumpto, «evitando toda a suspeita que se podia conceber d'elle no passo da revolução;» que se escolhessem novos padres para a administração temporal e espiritual da casa; que se elegesse nova abadessa e seus officiaes, podendo a escolha recair em D. Guiomar Cezar de Menezes.

O geral de Santa Cruz, ou o dos benedictinos, foi o encarregado da execução d'estas providencias.

O nuncio, porém, deixou a causa ao abandono. Corriam os tempos e no mosteiro aggravava-se a situação temporal e espiritual, de forma que, vendo-se as freiras desamparadas de todos, «algumas religiosas velhas das restantes escreveram ao abbade geral sobre que fizesse executar a sentença de Roma». Os monges impetraram um rescripto apostolico, e deferido elle foram as freiras notificadas a 6 d'abril de 1723, «e responderam obedientes que receberiam e dariam a devida obediencia ao seu prelado, o abbade geral d'Alcobaça, e com effeito o mesmo abbade geral tomou posse nova do convento e o visitou aos 17 do proprio mez de abril, e da posse passou um instrumento authentico o notario Luiz de Souza da Cruz, no dia sobredito 17 de abril de 1723; e logo presidindo o dom abbade geral, elegeram nova abbadessa a sr.ª D. Francisca da Cunha de Vasconcellos, columna firme, com a sr.ª D. Guiomar Cezar, da obediencia e da observancia monastica entre o furor das rebeldes».

Tinham decorrido nove annos depois da revolta, havia mais de cinco que o bispo havia descido á cova, e o dom abbade de então, recolhido á sua cella, saboreava a victoria, esperando, na tranquillidade dos que se não ralam com as cousas da vida, que a morte o levasse em 1730, dezeseis annos depois da lucta, ao encontro do seu antagonista... lá no céo.

Flor da Rosa

ESTEVE um dia encantador o dia 7 de fevereiro de 1894, d'esses a que o povo na sua bella e imaginosa linguagem chama *creadores*. Effectivamente parece que toda a natureza pula á vista d'olhos, e que em nós sentimos como que o impulso d'uma seiva vivificante. Os rapazes não apreciam esses dias no seu justo valor; nós, os velhos, é que sabemos quanto elles valem, e gosamo-los nesse bem estar que é um mixto de satisfação e saudade.

Ainda é inverno, mas nas amendoeiras em flôr, nos campos matizados irregular e graciosamente de boninas, lirios, junquilhos e grandes cardos carnudos e sarapintados, nos trigaes vicejando, nos gommos turgidos das arvores a ponto de rebentarem, já se sente a proxima estação, em que tudo quanto tem o dom de crescer se expandirá risonho, florido e robusto.

Robusta, florida e risonha natureza, como eu te amo, principalmente quando te posso gosar a sós, nessa beatitude contemplativa em que o sol não queima e o nordeste não cresta, longe da vista do meu semelhante.

Passára a noute numa estalagem, proxima da estação do caminho de ferro. Commodos poucos; mas lençoes frescos na cama, e larga conversa na lareira

da chaminé, ao calor aromatico d'um bom fogo d'azinho, espertado de vez em quando pelas labaredas crepitantes e festivaes dos ramos seccos do piorno.

E eu contava alegremente, no meio de indignação geral, porque passava alli a noute.

Desembarcado do caminho de ferro, perguntei a um alemtejão d'estatura herculea, grande e pesado capote da cabeça até aos pés, e chapéo grande como a roda de um carro, se, caminhando em frente, ia bem para o Crato. Recebendo resposta affirmativa metti pernas ao caminho, e horas depois estava... em Alter do Chão. O Crato era a dois passos da estação, mas exactamente do lado opposto.

Não me lembrei que estavamos em terça feira d'entrudo, e que, livrando-me das laranjadas do Chiado, fui cair na caminhada alemtejana.

Mal despontou o dia puz-me a caminho para o Crato, por uma larga estrada em rampa suave, que se desenvolve pelo flanco da encosta, cortando campos verdes, ainda áquella hora polvilhados pela geada da noute. Corria um vento frio do norte, que fazia estugar o passo, e o sol começava a dourar as muralhas que se eriçam pelas alturas da antiga Catraleucas, desmanteladas pelas balas hespanholas, em 1662.

Para os que sinceramente gostam de viver um pouco no passado, para os que teem o dom da evocação dos tempos que foram, a hora, o panorama e a luz, que o illuminava, eram propicias a esse avatar. O qüe iria encontrar dos antigos batalhadores hospitaleiros, que envolvidos nos seus mantos brancos, sobre que avermelhava a cruz, ainda hoje dão vida e movimento aos quadros medievos das guerras com os mahometanos? Lá em cima começou de tanger um sino lugubre e pausadamente, annunciando que estavamos na quaresma, e que nas eras passadas já áquellas horas as frontes dos altivos guerreiros se inclinavam para receberem as cinzas das palmas queimadas, symbolo das cousas terrenas.

Fui subindo, e enveredei por uma rua estreita de

casas brancas, não muito caiadas, e que me levou até á porta da egreja matriz.

Tremi!

As obras publicas já tinham por alli passado, e assim o annunciava uma escusada lapide, embebida na parede, sobre a verga da porta principal, annunciando a presentes e futuros, que no anno passado um influente politico conseguira reparação geral do edificio.

E eu que tinha feito a vigem para ver uma egreja antiga, senti-me roubado antes mesmo de entrar pela porta. Entrei e vi justificado o meu receio. Não soubera eu em que paiz vivo!

As columnas de granito das tres naves tinham sido escodadas d'alto a baixo, e estavam como se tivessem vindo da pedreira naquelle momento; as juntas das pedras regularmente tomadas e avivadas, e por toda a parte varrido esse *quid* de venerando com que o tempo torna respeitaveis os velhos edificios. Restam as paredes forradas d'azulejos, e d'estes sobresaem os da capella mór pela composição geral e precisão do desenho.

Admirei a pressa com que no Crato o povo corria a largar a pesada carga dos peccados. A matriz de Nossa Senhora estava cheia de mulheres embiocadas, estas em grandes véos, aquellas em mantilhas, e todas vestidas de preto. Umas após outras ajoelhavam aos pés dos confessores, e, pelo pouco tempo que alli se demoravam, parece que não tinham muito que segredar-lhes da vida peccaminosa. Entretinha-me afastadamente em tomar as minhas notas, quando um dos confessores se levantou do confessionario e, dirigindo-se-me delicadamente, me recommendou que não me retirasse sem ter visto a imagem do *Senhor dos Passos*, objecto de grande veneração. Era o parocho. Agradeci-lhe, esperei que acabasse de limpar as consciencias das suas ovelhas, e assim que o fez, foi mandar correr as cortinas do camarim, e pediu-me que subisse. A devota imagem é de corpo inteiro, sem rocca; hombros, costas e peito chagados. Mas o esculptor não se atreveu a levar o realismo até o fim,

porque dos joelhos á cintura modelou umas grósseiras ceroulas que pintou d'azul! Vi mais uma imagem do *Senhor Morto*, tambem de bom cinzel, mas inferior á outra. Como nada mais tinha que vêr, e não ia prevenido com exame de consciencia para deixar os meus peccados no Crato, saí e fui tratar d'almoçar.

Estavam desertas as ruas, e alli, mais do que noutra qualquer parte, pude apreciar o mutismo do alemtejano, tão semelhante ao da sua campina, onde até os regatos correm silenciosos no inverno, para silenciosos deixarem que a terra os absorva no verão. Mas quanto á campina é aberta e franca, tanto o seu homem é desconfiado e concentrado. Não occuparei tempo nem espaço narrando as difficuldades que encontrei para conseguir um almoço intensamente gordurento. Numa casa tive que comprar um pedaço de carne de porco, noutra o pão e ainda de mandar buscar vinho a uma terceira, e pedir á mulher que me vendeu as azeitonas que me cozinhasse o petisco. Isto nada importa ao leitor. Se lh'o conto é para se prevenir, caso tenha que transitar por aquellas paragens. Em quanto faço as compras, observo que se teem formado pequenos grupos ás portas das vendas, e que de um só e mesmo assumpto se tratava em todos elles, com indignação de palavras e largueza de gestos. O caso grave fôra que a camara municipal cedera as salas do municipio para que uma sociedade de ricos e abastados da localidade alli realizasse bailes de mascaras durante os tres dias do carnaval. E não parecia isto bem, diziam, estabelecendo o dilemma: ou a *casa do povo* é para todos, e os bailes são publicos... se é que foi destinada para divertimentos; ou é para meia duzia e então elles que paguem os encargos municipaes. Contava-se mais que *um dos do povo* se atrevera a entrar nas salas, mas que um continuo da camara, convertido em criado do baile, o pozera á força no meio da rua. Na indignação contra o desacato á *casa do povo* havia um tal ou qual fundo de queixa social; e era symptoma o tom com que se falava nos bailes dos *ricos*.

Quando á volta da Flor da Rosa, passei em frente do edificio camarario, estavam sendo atiradas para a rua, a toda a pressa, as heras murchas e as espadanas quebradas dos enfeites carnavalescos, para dar logar á nudez solenne das salas das sessões, e á severidade do tribunal, onde vae sentar-se o juiz, que alli assistira á festa, para julgar os bebedos do *povo*, que na vespera se tinham desmandado á porta das tabernas. Quem sabe, se o baile fosse de todos, se taes condemnações se dariam?

Em todo o caso é preciso que a *justiça* viva.

O Crato tem os recintos das suas antigas fortalezas aproveitados em frescas hortas, e notei de passagem que se qualquer povoação é bonita quando inundada de sol, o Crato nem assim, com a aggravante de ser terra alemtejana porca.

E, de caminho para o solar dos Pereiras, uns extractos de diccionario, em breves palavras.

Os antiquarios divergem sobre a origem d'esta povoação. Geralmente acontece o mesmo com a maioria das terras antigas. Querem uns que o Crato seja pelo menos a Catraleucas de Ptolomeu, e da qual foi bispo um tal Secundino, que em 305 fez parte do concilio iliberitano, que se reuniu na velha Iliberis, cidade da Andaluzia, na serra Elvira. Como argumento citam o nome de *Episcopia*, dado a uma das ruas, e que quer dizer paços ou onde morava o bispo. A prova não me parece irreductivel, mas á falta de melhor... Em epocas mais proximas chamou-se *Ocrate* ou *Ucrate* e foi doada á ordem da Malta por D. Sancho II, com o encargo ordinario de povoação e defesa. Pelos privilegios concedidos então, e depois confirmados, eram os seus habitantes obrigados a pagar vintena á ordem, podendo esta, para cobrar as dividas levar o seu rigor até á penhora das roupas. D. Manuel deu-lhe foral em 1512, e os castelhanos, depois de apertado cerco, em 1662, desmantellaram-lhe as muralhas, entraram na praça, arrazaram o castello que havia lá dentro, e queimaram os cartorios da ordem.

O SOLAR DOS PEREIRAS

Na baixa d'uma extensa planicie, limitada ao redor pelas manchas escuras dos pinhaes e olivedos, para alem das quaes o horizonte se fecha com o recorte azulado das serras, existia outr'ora o solar de Alvaro Gonçalves Pereira, do qual só resta hoje [1] de pé a antiga egreja fendida de alto a baixo, formando o flanco avançado d'um acervo de ruinas. A certa distancia asssemelha-se ella, com as suas muralhas lisas, sem aberturas, coroadas por cachorrada rustica a uma fortaleza medieval, sempre receosa d'um ataque, e onde o silencio póde ser considerado como estratagema defensivo contra as surpresas d'um inimigo, que só do alto dos eirados poderá ser avistado ao longe.

Lá em cima, no angulo d'uma das muralhas, que é por certo o fundo do arco cruzeiro, salienta-se, já destroçada, a varanda d'um mata-cães, indicando que se da egreja podiam subir orações a Deus, d'alli podia precipitar-se a destruição e morte sobre quem quer que se atrevesse a chegar com voz de contrario.

---

[1] Hoje refere-se a fevereiro de 1891. Depois a égreja ruiu, e d'ella só resta um montão de pedras e caliça.

Entra-se no recinto murado da abandonada mansão por uma porta ogival, baixa, de grossas hombreiras de granito negro, que o tempo tem esboroado. Em a nossa frente assenta um vasto terreiro, em volta do qual ainda existem as divisões de alvenaria, que outr'ora serviam de logares de venda aos panneireiros, por occasião das feiras, e cujo aluguel era uma das fontes da receita privilegiada do castello. A egreja fica á direita, e vae-se a ella atravessando o terreiro em diagonal. Junto da porta ergue-se a haste d'uma cruz de pedra, sobre degraus deslocados, por entre as gretas dos quaes fogem assustadas as lagartixas, que estavam gosando o sol quente da primavera, que com a sua luz intensa illumina de chapa as velhas paredes solarengas.

Silencio profundo, apenas perturbado pelo chilrear de mil pardaes, aninhando jubilosos nos vãos que entre si deixam os grossos perpianhos desamparados da argamassa. O vento está parado, e nem oscilla sequer uma folha dos novos rebentos. Se não fôra o sol que vivifica tudo em que espalha a sua luz, dir-se-hia que tanto o castello-convento, como a paizagem estavam petrificadas. O primitivo portal da egreja desappareceu com as restaurações do seculo XVII e o que o substituiu, aberto entre o corpo avançado de um dos braços do cruzeiro e a torre, é moderno, com o caracteristico d'este seculo, mas sem belleza de linhas ou delicadeza de pormenores que o recommende. E a restauração, que fez desapparecer a antiga porta, foi a mesma que nas muralhas do convento substituiu as estreitas frestas lancioladas pelas grandes janellas, quasi quadradas, com hombreiras delgadas de marmore claro e rijo.

Dando-se uma volta ao redor da velha moradia, compunge ver a que ruina e abandono tudo chegou. As janellas são enormes buracos escancarados; as portas foram muradas a pedra secca para evitar que lá por dentro se acoutem feras e bandidos. Os ventos, as chuvas e o sol reduziram as argamassas a pó, deixan-

do as grossas pedras juntas e sotopostas, com os intervallos vazios, d'onde saem heras robustas e parasitas destruidoras.

Quando alli cheguei, o sacristão já se não achava na egreja. Tinha ajudado a aviar a ceremonia da imposição das cinzas, e, pegando na espingarda, partira para a charneca á cata de lebre ou perdiz, com que se preparasse para o jejum da sardinha quaresmal em que ia entrar. A mulher d'elle, porém, prestou-se a abrir as portas, dando-me plena liberdade de vista, emquanto ia aproveitando o tempo varrendo a egreja, compondo os altares e espevitando as lampadas.

E' doloroso visitar os velhos edificios a que se acha ligado o melhor e mais cavalleiroso da nossa historia, e encontra-los votados ao abandono, caindo a pedaços, mas resistindo a todos os insultos do tempo e incuria dos homens, como os seus fundadores resistiram em vida. Entretanto, os que por momentos podem viver do passado acham isto menos aviltante do que encontra-los reduzidos a quartel, como acontece á maioria d'elles. Haja vista o de Alcobaça, em cuja ampla bibliotheca, viuva dos seus codices, se installou um dormitorio de cavallarias, cheirando a estrume e a pontas de cigarro. Lembrar-se a gente que onde os Brandões estudaram e trabalharam as nossas chronicas nacionaes, se occupam os alferes na composição do rancho e os sargentos nos mappas da companhia, dá vontade de pedir a S. Bento e a S. Bernardo que voltem á terra e renovem a façanha com que livraram as monjas de Evora dos maleficios do feiticeiro, que se lhes introduzia na cerca do mosteiro.

A egreja da *Flór da Rosa* é em fórma de cruz latina, com as altas paredes nuas, e apenas, além do altar-mór, com outros dois no topo dos braços cruzeiros. Os tectos são de abobada em lanceta. Ao meio da nave ergue-se, sem epitaphio, o tumulo do fundador da casa, o prior Alvaro Gonçalves Pereira, tendo apenas como indicação duas cruzes na cabeceira da lapide:

uma da ordem de Malta, e outra floreada, que dizem ser a dos Pereiras. Fizeram bem em não lhe pôr epitaphio. Quando um frade guerreiro, filho d'um arcebispo, deixa no mundo trinta e dois filhos illegitimos —uma communidade—e que entre estes um se chamou Nun'alvares Pereira, pode ficar debaixo da campa sem que nella se lhe grave o nome. No cruzeiro eleva-se do chão, assente sobre leões, uma fina lapide, tendo gravadas as armas dos Almeidas, e o seguinte longo e laudatorio epitaphio, escripto em lettras goticas, cuja leitura fiz por alto, mas que Fr. Lucas de Santa Catharina [1] leu e decifrou da seguinte maneira:

Sepultura do mui magnifico senhor D. Diogo Fernandes d'Almeida, prior do Crato, filho do Senhor D. Lopo de Almeida, o qual de moço mui pequeno, até que falleceu, foi sempre muito acceite, e estimado dos serenissimos reis de Portugal, D. Affonso o V, D. João o II e D. Manuel o I, por ser maravilhosamente dotado de força natural, e mui esperto em saber todas as cousas, prudencia singular para conselho, grande esforço em feitos de cavallaria; assim na paz, e nas guerras, necessidade do reino, em Castella, e Africa, contra mouros, serviu sempre grandemente, como singular capitão, e mui esforçado cavalleiro, e sobre isso nas cousas das festas, e gentilezas da côrte. E sobre todos alcançou mui grande primor. Foi duas vezes em soccorro de Rhodes, onde por serviço de Deus, e de sua religião, contra turcos, fez feitos de perpetua memoria. E tornando de lá, chamado delrei D. Manuel, foi delle recebido com gasalhado, amor, e honras desacostumadas, e quando mais presada, e desejada sua vida estava por tão victoriosas obras, foi o muito Alto Senhor servido dar santo fim a seus dias, dobrando com seu fallecimento em todos muito saudoso desejo, e verdadeiro conhecimento do grande apreço de sua pessoa, e valia para serviço d'estes reinos; e falleceu em Almeirim, aos XIII de maio de 1508.

[1] Cf. Memorias da Ordem Militar de S. João de Malta.

Sobre a lagea que cobre os ossos d'este varão ardem varias lamparinas votivas, e ha vestigios d'um culto constante. A sacristã explicou-me que taes luzes e vestigios d'outras são promessas feitas á *rainha santa Izabel*. que alli se acha depositada e que «já tem feito muitos milagres».

Agradeci a noticia, e não quiz contrariar a crente mulher. Em questões de milagres o mais prudente é ouvir e calar.

Esta casa foi fundada em 1356 por Alvaro Gonçalves Pereira «em remimento dos seus peccados», como diz a carta de doação, que el-rei D. Fernando deu ao fundador como padroeiro da egreja de Santa Maria de Castello de Vide.

A lenda conta assim a edificação da egreja, dedicada a *Nossa Senhora das Neves*, cuja imagem de marmore se venera na capella-mór.

Quando o pae do valeroso condestavel quiz fazer construir a egreja, onde então existia uma ermida de S. Bento, na piedosa intenção de restituir a imagem ao seu antigo logar, por mais esforços que empregasse, nunca o conseguiu; porque trabalhando os officiaes de dia, quando vinham na manhã seguinte, achavam as ferramentas e apparelhos dos seus officios no ponto exacto onde a imagem fôra encontrada, e por isso ahi se construiu a egreja, embora o terreno fosse falso e alagadiço, «entendendo-se que era vontade da Virgem ficar no logar onde por tantos annos estivera escondida: *Quasi rosa plantata super rivos aquarum*».

Da egreja passei á sacristia, onde já se começam a notar as interpolações das obras do seculo XVII num grande arco de volta inteira, sobre que está lançada a escada que leva ao côro. Existe nesta sacristia um quadro pintado em madeira, representando o *Calvario*, de bom desenho e pincelada segura e franca.

Do côro passa-se para o velho convento. De ha muito que os telhados d'este abateram, depois de apodrecidos os madeiramentos, se é que antes não voaram as telhas arrebatadas pelos tufões. O edificio está

hoje a descoberto, como descoberta está a campina. Passa-se d'uma para outra sala por portas estreitas e baixas, que eram outros tantos meios de defesa, na previsão d'uma d'essas luctas ferozes, que se convertiam em terriveis caçadas ao homem. Atravessei corredores cujas abobadilhas já de ha muito desabaram, subi aos eirados onde apenas resta uma bordadura em que mal assenta um pé, depois outro pé. E por toda a parte, no chão, nas paredes, nos restos das cimalhas, ao redor dos cubellos ainda aprumados, uma vegetação forte, luxuriante e destruidora. Na cachorrada, em volta do coroamento das paredes da egreja, e que lá de baixo me parecia restos de larga sanca, verifiquei que outr'ora corriam os balaustres d'espaçosa varanda, e nella vivem hoje figueiras silvestres. Numa sala, onde ainda os raios do sol não entraram (é meio dia), demoro-me a gosar a frescura e ao mesmo tempo o aroma delicioso das violetas, que se escondem por baixo de gramineas viçosas.

E, sem medo de deteriorar aquelle jardim inculto, colhi algumas das fragrantes flores, que guardei como recordação.

Por escada mal segura, e, que se me escancarou na volta d'um corredor, desci por entre silvas e ortigas a um recinto sombrio, escuro, severo, musgoso e humido, que devia ter sido a casa do capitulo. Era um casarão comprido, coberto por abobada de volta inteira, cujos arcos mestres descançam em cachorros salientes das paredes e vem apoiar-se sobre tres columnas torcidas, que se elevam ao centro. As paredes são de grossa enxilharia irregular, sem vestigios de revestimento, e entre as marcas, de caracteres grandes e grosseiras, que assignalam cada uma das pedras, lê-se a data de 1612.

E por alli divaguei, só com as lembranças do passado, e as tristezas do presente, durante tres horas, lastimando, embora sem sentimentalidades doentias, tanto abandono por cousas, que por certo nos deviam merecer mais carinho.

A povoação é pequena. Uma rua de casas baixas, normal a outra, que, embora fóra dos muros do monumento, lhe fórma como que uma ala humilde e pobre. A industria local é a olaria, que fabrica louça caseira de barro rijo tinto de vermelho e com a especialidade de que onde se faz o pote não se tornêa o texto... nem o pucaro, fórma embryonaria da grande lei da divisão do trabalho.

Os Carmelitas do Porto

Há uma dezena de annos a esta parte que, não só em França como em quasi toda a Europa, tem suscitado grande movimento de curiosidade tudo quanto directa ou indirectamente se possa relacionar com o periodo napoleonico. Parece que, antes de findar o seculo, os mortos querem, por intermedio dos seus herdeiros, liquidar contas com a historia e deixarem bem definidas e claras as respectivas responsabilidades. Em volta do grande nome, admirado por uns, odiado por outros e amado por poucos, surgem as memorias, os apontamentos, as reivindicações politicas, economicas, militares, sinceras umas, artificiosas outras, pretendendo todos os seus auctores pôr-se em evidencia, a titulo de restablecerem a verdadeira physionomia do *homem*, das personagens que em torno d'elle viveram e se agitaram, e dos factos que se deram sob o seu impulso. Desde os seus collegas de Brienne e dos companheiros do Directorio aos mais infimos creados do *amo;* dos grandes generaes aos simples sargentos; dos diplomatas mais habeis, aos continuos dos ministerios, sem contar os grandes escriptores e as intoleraveis *bas-bleus*, quem quer que seja que tinha que dizer, ou pretendia te-lo, deixou-o es-

cripto, para que em tempo fosse devidamente estampado e communicado ao publico em muitos ou poucos volumes de memorias, que, transcriptas na integra, ou resumidas e annotadas, já hoje constituem uma numerosa bibliotheca, sem que, ao que me parece, a opinião tradicional se tenha essencialmente modificado. Pode-se mesmo dizer que Napoleão continua a ser, não um verdadeiro typo de historia, de linhas fixas e certas, mas uma figura de heroe desenhada ao sabor do sentimento e da paixão. Uma sphinge, cujo enigma tanto mais obscuro se torna, quanta mais luz se projecta sobre ella.

Foi actuado por esta influencia, que, vindo me ás mãos um pequeno livro de *Memorias* do convento de Nossa Senhora do Carmo, do Porto, e encontrando nelle escripta a situação d'aquelles frades no tempo da invasão de Soult, resolvi transcrever algumas das paginas, as quaes, se não são um documento de grande valor historico, são, sim, um depoimento sincero do estado d'espirito dos carmelitas, e do odio que contra elles alimentavam as tropas francezas, ainda obsecadas pelo jacobinismo de 93.

Veremos como os frades fugiram e abandonaram velhos, enfermos e loucos ás contingencias d'uma invasão de hordas selvagens e ao saque. Alguns tambem houve que, sem despirem o habito, sem se sentirem peados pelo escapulario da *Virgem do Carmello* correram ás obras de defesa, e, martyres da patria, deixaram nas trincheiras sangue e vida.

Eis o que narra o livro das *Memorias notaveis d'este convento de Nossa Senhora do Carmo do Porto, desde o anno de 1809.*

«Em março de 1809 foi invadida esta cidade do Porto pelo exercito francês do commando do general Soult. [1] Achava-se então neste convento, em volta da

[1] Nas transcripções sigo a ortographia usual, e assim escrevo *Soult* e não *Sout*, como está no original.

visita aos collegios de Braga e Vianna, o N. M. R. P. Geral Fr. José de S. Caetano, e era prior o padre Fr. Sebastião da Madre de Deus. Tinham-se dado algumas, poucas, providencias para evitar os damnos que nos ameaçavam. Por effeito d'estas providencias se tinham já podido antecedentemente pôr além do rio Douro as nossas religiosas d'esta cidade, com a decencia e compostura que se requeria e permittiam as circumstancias d'esta calamidade, e tambem se acautelaram algumas alfaias das egrejas das religiosas e as d'este convento.

«Porque o perigo ameaçava cada vez mais, tambem escaparam para além do Douro alguns religiosos d'este convento no dia 28; e porque na manhã seguinte tudo indicava proximo rompimento do inimigo, debandaram os religiosos quasi todos, ficando só no convento o P. Fr. Narciso do Rosario, o P. Fr. Bernardino de S. José, que pela sua edade não poderam fugir, o P. Fr. Antonio da Annunciação, que se achava entrevado na cama, dois religiosos loucos que havia no convento e se chamavam Fr. João de Santa Rosa, sacerdote, e Fr. Joaquim de S. Bento, corista simples: e na capella de Santa Ursula, que ha na cerca d'este convento, se refugiaram no dia da entrada do inimigo, o P. Fr. Antonio de Sant'Anna, que ao tempo estava enfermo na cama, o irmão Fr. João da Visitação, dispenseiro; o irmão Fr. Manuel da Resurreição, e o irmão Fr. João dos Prazeres hospede aqui e todos os tres leigos. Ás nove da manhã do dito dia 29 de março, rompeu o inimigo pela trincheira de Santo Antonio, fabricada no monte Pedral, e logo por quasi todas as partes descarregaram com tanto impeto sobre a cidade, que atropelaram um numero incalculavel de povo, que, affiançado nas disposições das trincheiras, se não tinha prevenido para a fuga. Foi grande a mortandade, e muito mais na ponte do Douro, onde uns foram atropelados, outros afogados, e no numero d'estes desgraçados foi o P. Fr. José da Graça, procurador d'este convento, que depois foi sepultado na egreja

do collegio de S. Lourenço, dos frades agostinhos descalços d'esta cidade, onde jaz. Alem d'este religioso, morreu nesta invasão o P. Fr. José da Cruz, que trabalhava em uma das trincheiras, e ahi foi morto a tiro de fuzil, segundo affirma outro religioso que estava junto d'elle. Este foi sepultado com outros muitos que alli foram victimas do furor do inimigo, em um campo, e alli está em confusão com outros, motivo porque se não podem trasladar os seus ossos para logar decente.

«Entrados os franceses na cidade, commetteram as maiores barbaridades, não escapando ás suas balas e bayonetadas qualquer frade que encontrassem. Na Foz mataram a tiro o P. Fr. Jacintho do Coração de Jesus, que se achava junto do prior Fr. Sebastião da Madre de Deus, que muito a custo escapou á morte. Invadido o convento, perseguiram até a cella de Fr. Antonio da Annunciação o corista Fr. Joaquim de S. Bento, e ahi a tiro de pistola e espicaçado pelas bayonetas, o deixaram morto. «Vinte e quatro horas passadas foram busca-lo, arrastaram-o até fóra da portaria, e ahi o largaram e ficou, até que algumas pessoas devotas o levaram para o jazigo do hospital real com outros muitos cadaveres, que se achavam pelas ruas da cidade.

Este facto mostra que a caridade christã era grande na gente portuense; porque no meio de uma cidade invadida pela soldadesca ebria de sangue, encontrava a precisa coragem e energia para dar sepultura aos mortos victimas d'essa mesma soldadesca.

«Por presencear este horrivel espectaculo, e por falta de alimento nos primeiros dias que se seguiram á invasão, veiu tambem a ser victima d'ella o P. Fr. Antonio da Annunciação, passados quinze dias, por se adeantarem muito as suas enfermidade, apesar de ser tractado com a caridade possivel por um devoto secular, a quem ouvia de confissão, e pelos poucos religiosos, que oito dias depois o vieram servir e alimentar; porque, disfarçados com habitos seculares, estavam na cidade, onde tambem viveram o resto do tempo

o P. Fr. Narciso e o P. Fr. Bernardino. Com um dos ditos padres se confessou geralmente e o outro o ungiu, e não lhe administraram o santo viatico por não haver commodidade decente para isso. Foi sepultado no jazigo dos religiosos d'este convento, sem pompa nem officios.

Estas quatro linhas dizem na sua singelleza qual o odio de que estavam eivadas as tropas napoleonicas, para tudo quanto era religião e praticas do seu culto.

«Desde o primeiro dia da entrada do exercito invasor, ficou o convento servindo de quartel a um regimento suisso, que além dos roubos que os soldados fizeram em todas as officinas, queimaram todos os utensilios das cellas com algumas das suas janellas, despedaçaram tabiques, etc. Não padeceu tanto a egreja e a sacristia, ainda que roubassem todas as corôas, resplendores das imagens, calix rico, a custodia, dois calices, duas pixedes e alguns frontaes com todas as joias de Nossa Mãe Santissima do Carmo, que, por estarem escondidas fóra da egreja e sacristia foram roubadas. Tambem estragaram os livros das cellas e alguns da livraria, tudo o que havia na arca das tres chaves, livros de memorias, etc., etc. Escapou por diligencia do irmão comprador, Fr. Antonio de Santo Agostinho, o archivo, que conduziu á sacristia para onde pediu um guarda.

«Tudo isto attestam os religiosos que presenciaram os factos e muitas pessoas seculares a quem se deve todo o credito.

«De mais dos padres nossos que perderam a vida com a invasão dos francezes na cidade do Porto, padeceram os que alli estavam varios insultos e medos, e entre elles é muito attendivel o que passou o geral Fr. José de S. Caetano, e o seu secretario o P. Fr. José do Nascimento, que, mal persuadidos do que se passava, na mesma hora da invasão se procuraram retirar. Mas como já não podessem passar o rio Douro, se viram necessitados a disfarçar-se em habitos seculares, para escaparem á morte, que o odio do inimigo

aos ecclesiasticos fazia quasi inevitavel. Não foram mortos, porém, soffreram muito, e mais o padre geral que, pelos seus annos, não pôde sair da cidade, e por isso varias vezes foi maltratado de palavras, e de obras, custando a livrar-se da morte com que foi ameaçado muito de perto; até que passados cinco dias se pôde retirar para o nosso convento de Aveiro, na fórma de um desprezivel mendigo.

«Os outros religiosos, que ficaram na cidade, viveram transidos de sustos, disfarçados, e á custa das esmolas das missas que diziam, como das que lhes faziam pessoas devotas, e do fundo que pertencia á botica, que conseguiram trazer e que não passava de 40$000 réis.

Esta vida atribulada, vagabunda, cheia de receios e de privações, terminou para os religiosos quando, a 12 de maio, Wellington entrou na cidade com o exercito alliado.

«Desde este dia se cuidou na limpeza do convento e poucos dias depois chegou o R.º P. prior Fr. Sebastião da Madre de Deus, que, vendo o convento inteiràmente desprovido e muito arruinado, cuidou, quanto as forças o permittiam, pô-lo habitavel e o pôde conseguir com algumas esmolas que lhe offertaram, até dia de Santo Antonio, 13 de junho do anno de 1809, que então fez recolher os religiosos dispersos e principiar a vida regular».

Frei Diogo d'Assumpção

Pietà lor ser crudele, crudeltà lor ser pietoso.

C. Musso, bispo de Bitonto
(Seculo XVI)

ESTE volume que abriu com a singella narrativa d'um frade franciscano, que foi um santo em Christo, vae fechar com a de outro que tambem o foi em Moysés. Esta nova historia a pouco mais se reduzirá do que á sentença da inquisição de Lisboa, condemnando ao supplicio do fogo o frade que apostatou. Ainda assim constitue ella um grande drama, pungente, terrivel, inhumano, onde nada falta ao protagonista, tanto em ancias moraes, como em dores phisicas. Opprimido, mas não vencido, esse pobre frade, em que alguns quizeram ver um doudo [1], revella se a meu ver um caracter de rija tempera, dessa «d'antes quebrar que torcer».

Passa-se o drama nos ultimos annos do seculo XVI e começos do seculo XVII, durante os quaes reverdeceu com grande ferocidade a perseguição aos judeus e judaizantes.

---

[1] O sr. dr. Theophilo Braga é d'esta opinião, quando a elle incidentemente se refere na sua *Historia da Universidade de Coimbra, Tom.* II, por occasião de historiar e analysar o processo do dr. Antonio Homem.

Estamos em agosto de 1599. O fidalgo de Cadafaes, D. Diogo de Sousa é procurado por um frade capucho «de vinte e cinco annos de edade aproximadamente, magro, alvo de rosto, com nariz sobre o grande, afilado e bem afigurado», [1] o qual lhe solicita uma audiencia secreta. Tem que revellar cousas tremendas, e pergunta lhe se elle lhe dá «palavra de fidalguia» de que guardará o mais inviolavel segredo.

O fidalgo jura que sim, e o frade abre-se com elle. Chama se Fr. Diogo d'Assumpção, é professo e diacono no convento de Santo Antonio da Castanheira. Perseguido pelos seus superiores, opprimido na sua consciencia, resolvera abandonar o habito e passar-se a Inglaterra.

Ouve-o o fidalgo, já com intenção de o entregar ao Santo Officio, sem se importar com o juramento feito, capciosamente o interroga, e com fingida adhesão o convida a falar com franqueza. Fr. Diogo declara-lhe que está convencido que a lei de Moysés é a unica verdadeira; o que demonstra com a citação e interpretação de varios trechos da escriptura. Confessa que o aconselharam a que recorresse ao fidalgo para facilmente fugir do reino, e que não se dirigira a seus parentes porque «eram capazes de o matar a punhaladas».

Quando mais nada tinha que contar, o fidalgo mandou-o prender, e dirigir para o convento donde se ausentara; d'accordo com o guardião, foi transportado para Santo Antonio dos Capuchos, em Lisboa, e ahi mettido no tronco.

Immediatamente, a 12 d'agosto, D. Diogo de Sousa enviou á Inquisição denuncia por escripto do caso, e desde logo se iniciou o processo, que devia de levar mais de tres annos a sentenciar.

No dia 23 d'outubro o meirinho teve ordem de ir buscar o réo a Santo Antonio, e de o entregar nos carceres da inquisição, o que fez dois dias depois, e ahi

---

[1] Todas as palavras entre commas são transcriptas do processo que existe no Real Archivo da Torre do Tombo, com o nº. 202, da Inquisição de Lisboa.

revistado «não lhe foi achada cousa alguma de dinheiro, nem peça de ouro ou prata».

Passou-se á devassa de geração sobre os seus ascendentes, nas comarcas d'Aveiro, para a mãe, e na de Coimbra, para o pae, João Velho, ainda parente de Pero da Costa, escrivão da camara d'el-rei.

Viu-se que Diogo nascera em 1566, e que, portanto tinha trinta e tres annos, e não vinte e cinco, como parecera a D. Diogo de Sousa.

Emquanto preso, é examinado no carcere por varios theologos, que o interrogam sobre pontos de fé e de doutrina, e aos quaes sempre responde com trechos biblicos e interpretações individuaes de todos elles. No fim dos exames é julgado hereje e digno de severo castigo. Tal tenacidade d'opinião e certos momentos de exaspero no carcere fazem suspeitar que esteja doudo; mas o P. Francisco Cardoso, da Companhia de Jesus, opina que, com juizo ou sem elle, deve de ser castigado, tanto mais que o castigo aproveitará ás outras ordens religiosas «para terem mais resguardo no receber homens de nação». Entretanto, os desgostos matam-lhe pae e mãe, e sobre a sua apostasia o provincial da ordem lança a suspeição do despeito. Era costume na provincia de Santo Antonio de Portugal que nenhum diacono pedisse ordens de missa, mas humildemente esperasse que lhe fossem concedidas. Fr. Diogo desobedeceu á praxe e solicitou aquelle grau sacerdotal, que lhe foi por isso negado, embora tivesse até alli sido bom estudante e frade bem comportado. D'essa recusa, diz o provincial, lhe veiu o despeito, o odio contra os superiores, as queixas, as diatribes, e por fim o abandono da clausura.

Larga e longamente interrogado, por varias e succesivas vezes, sustentou sempre o que dissera, e na assignatura dos interrogatorios verifica-se o seu nome escripto de maneira franca e bem lançada. Ninguem diz ao ve-lo que a mão lhe tremesse, nem que quem taes assignaturas firmava, por de mais sabia que cada uma d'ellas era um passo andado para o supplicio.

Mas não seria tambem uma approximação para o seio dos patriarchas da antiga lei, no explendor ineffavel da Divindade?

Ha, porém, esta originalidade numa das ultimas actas, na da sessão de 21 de janeiro de 1603, na qual em vez de assignar unicamente o seu nome, como de costume, escreveu:

XP.ˢ Dons que he
o mesmo frei Diogo d'Assumpção.

Seria já isto, por fim, o começo d'uma perturbação do espirito? Não admira. O regimen de trez annos de carcere [1] não era dos mais adequados a manter a integridade das funcções intellectuaes.

---

[1] Nas *Noticias reconditas y posthumas del procedimiento de las Inquisiciones de España y Portugal*, que foram redigidas em 1674, e que alguns attribuem ao P. Antonio Vieira, encontram-se as seguintes descripções do que passavam os que se atreviam a pensar de forma diversa da do Padre Santo... de Roma. «Feito pelo secretario o termo d'entrada do preso, faz-se entrega d'elle ao alcaide, e o leva para o carcere; alli o mette e o deixa sem mais allivio que ver-se fechado com duas portas em uma casa de quinze palmos de comprimento, e doze de largo, escura, que tem só para claridade uma fresta da largura de uma mão travessa, e de comprimento tres palmos, e assim dá tão pouca luz que não chega ao chão, e para verem os presos alguma cousa hão de estar de pé, porque então lhes dá a luz nos peitos da parede opposta á luz da fresta, e quando estão assentados nada veem, e comem ás escuras, e todo o dia estão desejando a noute para lhes darem luz; esta é uma tijelinha de barro vidrado com um bico como candeia, e para se allumiar lhes dão a dita candeia por conta da sua ração, que é dois vintens a commum, e a algumas pessoas mais ricas se accrescenta, e d'elles lhes descontam a roupa lavada, carvão para o comer, e miudezas de cozinha; são mais as alfaias d'aquella casa: quatro cantaros que servem para urinár, e um serviço que serve para as necessidades, e estes todos despejam de oito em oito dias; julgue-se quaes estarão os miseraveis em aquella immundicie oito dias; no verão criam tantos bichos, que andam os carceres cheios, e são os fedores tão excessivos, que é beneficio de Deus sair homem vivo, e bem mostram os rostos de todos, quando saem nos autos, o tratamento que lá tiveram, pois veem em estado que ninguem os conhece. É tambem movel d'a-

A 15 de novembro de 1602 nomearam-lhe procurador que advogasse na causa; mas elle recusou-se a apresentar qualquer defesa. Do exame do processo vê-se que foram respeitadas todas as formalidades legaes, determinadas por uma obcessão d'espirito, que ainda de todo não desappareceu nas sociedades cultas, muito embora a humanidade já tenha trezentos annos a mais.

As custas importaram em 5:046 réis. Confessemos que nestes casos o que a humanidade tem conseguido nos tres seculos andados, é augmentar as custas de maneira assombrosa.

Condemnado, foi lavrada a sentença, que é do teor seguinte:

Sentença de frei Diogo d'Assumpção, frade hereje, que foi queimado vivo na cidade de Lisboa a 3 de agosto de 603 annos.

Accordam os inquisidores, ordinario e deputados da Santa Inquisição, convem a saber que vistos estes autos, etc., libello, e prova da justiça author, diligencias feitas, confissão de frei Diogo d'Assumpção, que tem parte de christão novo, natural de Vianna de Caminha, de ordens de evangelho, frade professo de (certa) religião approvada, reu preso que presente está, mostra-se que sendo christão baptisado, religioso e obrigado a ter e crer o que tem, crê e ensina a Santa Madre Egreja de Roma, elle o fez pelo contrario; depois do ultimo pregão geral, se apartou da nossa santa fé catholica e se passou á lei de Moysés, tendo-a ainda agora por boa, e necessaria para a salvação das almas, esperando sal

quella casa e carcere um estrado, que toma meia casa, em que fazem as camas, e são ainda assim tão humidos os carceres, que sobre os estrados lhes apodrecem as esteiras das camas e os colchões. Nestas casas estão ás vezes quatro ou cinco presos, e ás vezes mais; e tomando medida ao estrado, cabem nelle cinco de costas juntos hombros com hombros, e assim precisamente dormem alguns fora do estrado no ladrilho...»

var-se nella; e, fugindo do mosteiro em que residia, da religião que tem professado, procurou haver favor e dinheiro para deixar o seu habito que levava, e se ir para as partes de Flandes ou Inglaterra, dizendo que estava muito arrependido de ser frade, porque tudo entre frades era falsidade e mentira, e que a lei dos christãos era feita por homens, que andavam fugidos por entre penedos, e se augmentara porque os que então a receberam eram gentios, e sabiam pouco, e que Christo queria dizer rei ungido, e que Jesus, entendendo-o por Christo Nosso Redemptor, o não fôra, e por isso pagára em uma cruz, por tomar o nome de Christo que não era seu, e que sua mãe Maria, entendendo-o pela Virgem gloriosa Nossa Senhora, não fôra virgem, e que se a sua lei fôra boa, os judeus não o mataram. E que os prophetas tinham dito, que o que havia de vir em nome do Senhor, se chamaria Manuel, e que Christo Nosso Senhor tivera o nome de Manuel, mas que os christãos lh'o pozeram, e que todo o que soubesse a lei dos judeus e a não guardasse se perderia. E sendo o reu preso pelas ditas culpas, pediu audiencia no Santo Officio, e confessou que lendo elle por alguns livros, em que se tratavam algumas proposições catholicas, disputadas por uma parte e outra se determinou e assentou em seu coração que a lei de Christo Nosso Senhor era falsa, e não obrigava nem dava graça, e que Christo Nosso Senhor não era Deus, nem lhe convinha o nome de Christo, por que não fôra ungido humanamente; nem o seu corpo estava na hostia consagrada, nem os sacramentos e cousas da egreja prestavam para bem d'alma, mas eram de vaidade e hypocrisia, e que a lei de Moysés obrigava e dava graça para salvação das almas ainda agora, e nella se poderia elle salvar, e que de todo se apartára da nossa santa fé catholica, estando apartado della se confessava mal e commungava indignamente, e rezava as horas canonicas, e fazia as cousas da obrigação da religião somente por cumprimento, não tendo tenção de christão, nem de religioso, e que tendo elle os ditos erros, de-

terminara fugir para Flandes ou França ou qualquer outra parte fora deste reino, para lá viver á vontade em sua liberdade, e por isso fugira do mosteiro e procurara haver ajuda para se ir de embarcar, e a fôra pedir a certa parte, aonde dissera que ia apostata da religião, porque entendia ser ella falsidade e hypocrisia, e que a lei de Christo Nosso Senhor não podia obrigar, e que os sacrificios da lei de Moysés davam ainda graça, e que as religiões não eram verdadeiras, nem havia nellas a santidade que de fora parecia, e que alguns frades teriam tambem isso para si, mas que por comerem e beberem nas religiões, e não se inquietarem, o não manifestariam; as quaes cousas todas o reu confessou no Santo Officio, que tivera e dissera, tendo as por boas certas e verdadeiras, sabendo que todas eram contra a nossa santa fé catholica, e dellas pediu perdão e misericordia posto de giolhos com as mãos levantadas, dizendo que estava muito arrependido de suas culpas, e entendia que andara errado, mas que já estava convertido e tornado á fé de Christo Nosso Senhor, e apparelhado para receber toda a penitencia que lhe fosse imposta, na qual confissão perseverou por espaço de tempo, dando mostras e signaes de arrependimento e conversão.

E estando o feito nestes termos, o reu com muita insolencia disse na mesa do Santo Officio, que quando confessára as ditas culpas e pediu dellas perdão e misericordia, não estava ainda allumiado como agora estava na lei de Moysés, e que elle era judeu, filho da egreja de Sion, e seguia e queria seguir a lei de Moysés, nella vivia e queria morrer, e esperava salvar-se, porque ella era a verdadeira, e ninguem se podia ainda agora salvar fora d'ella, e que elle guardava os sabbados, offerecendo-os a Deus, e jejuava os dias que podia, comendo uma só vez no dia, com tenção de jejuar conforme a dita lei de Moysés, e que a egreja romana não era egreja de Deus, nem tinha doutrina, nem quem a approvasse, e emquanto a elle seguira fôra peccador e idolatra, porque a egreja de Deus

era em Jerusalem, fundada pelo mesmo Deus, e que não queria dar obediencia ao summo pontifice romano, e que Deus nunca se fizera homem, e que Christo Nosso Senhor era remido e não redemptor, e que santo Agostinho se sujeitara ao diabo, dizendo ser já vindo o Messias, e porque era gentio lhe não revellara Deus sua escriptura, e só a revellara a Jacob e a Israel, e que elle reo esperava pelo Messias e rezava o psalterio sem *Gloria Patri*, etc... porque santo Agostinho acrescentara o *Gloria Patri*, não sabendo o que dizia, e que a fé que elle reo recebera na agua do baptismo não era de salvação, e que não havia evangelhos nem evangelistas, porque os quatro evangelistas não escreveram o que ouviram a Deus, nem alcançaram a sabedoria de Deus. E dando-se ao reu na mesa do Santo Officio juramento dos santos evangelhos para falar a verdade, dizia que elle jurava pelo Deus Altissimo, Deus de Abrahão, Deus de Isaac, Deus de Jacob, e que aquella mesa não tinha salvação para si, nem a podia dar a elle reu, nem elle lhe devia obediencia, nem havia de confessar suas culpas nella, senão a Deus, e requeria aos inquisidores, da parte de Deus, que se convertessem á lei dos judeus, allegando para prova destas cousas muitas authoridades e passos da Escriptura Sagrada que elle mal entendia e trazia para seu damnado proposito. E persistindo o reu em sua pertinacia nos carceres do Santo Officio, dizia que elle estava alumiado por Deus da verdadeira lei dos judeus e era bom judeu, e esta era a maior honra que tinha, e que a lei que chamavam lei nova, era lei dos homens, e que o Messias não ainda vindo, mas estava perto, e não era filho de Deus, mas era Deus da terra, como eram todos os judeus, e que não havia Santissima Trindade, senão um só Deus, e não havia Deus Filho, nem Deus Espirito Santo, e que os christãos erravam em dizer haver Trindade; porque nisso faziam tres deuses e por isso elle rezava os psalmos do breviario sem *Gloria Patri;* e não havia que falar em Paixão, nem Resurreição, nem em santos da lei de Christo

Nosso Senhor, porque os não havia no ceo, nem era necessario pedir a santos senão a Deus, e que os papas e concilios, não entendendo a Escriptura, faziam e seguiam leis humanas que diziam ser divinas, e que as ordens não eram ordens, nem na missa havia sacramento, nem o sacramento da eucharistia era mais que pão, nem o sacramento da confirmação prestava, nem o homem se havia de confessar a outro homem senão a Deus, e que tudo era invenções dos homens e que Deus tinha promettido, quando viesse ao mundo, haveria nelle paz geral, a qual até ora não houvera, e tambem na Escriptura se dizia que todos o conheceriam e reverenciariam por Senhor, e ninguem teria poder contra elle, e que quando Christo Nosso Senhor viera ao mundo, nenhuma gente nem nação o conhecera por Senhor, mas antes o enforcaram, e sómente o seguiram doze homens, que tambem depois foram perseguidos e mortos, e que se fôra como os christãos dizem, não se houvera de deixar enforcar entre dois ladrões. E, outro sim dizia mais o reo, nos ditos carceres do Santo Officio, que elle não adorava imagens, nem a cruz, que eram dois paus, e que Christo Nosso Senhor fôra peccador, filho de um homem e de uma mulher, e não era Deus, senão torrão de terra, e nunca resurgira e que não cria nelle, e que os que agora morriam e padeciam pelo Santo Officio da inquisição, por não quererem conhecer a Christo Nosso Senhor nem a sua lei, eram santos e iam ao ceo, e que o Deus verdadeiro era o Deus dos ceos, que tomára para si o nome de Deus de Abraham, de Isaac e de Jacob, e que a verdadeira lei era a que elle dera a Moysés, e que Deus não havia de faltar com a sua palavra, que dera ao seu povo de Israel, ao qual promettera de o livrar, e ainda havia de restituir os judeus ao seu estado e lhes havia de mandar o Messias para os governar, e que para elles não havia de acabar o mundo, nem havia de haver dia de juizo, e que Deus não mandava guardar o domingo, que os christãos guardam, senão o sabbado, e por isso elle reo somente guardava os sab-

bados, e que os inquisidores não tinham poder nelle, nem elle lhes havia de pedir misericordia, porque senão pedia misericordia aos homens senão ao Deus de Israel. E perseverando assim o reo na dita pertinacia de seu judaismo, nos ditos carceres do Santo Officio, não se benzia nem rezava nas occasiões em que os christãos costumam benzer-se e rezar, e zombava dos que rezavam, e não fazia reverencia á cruz, nem á imagem de Nossa Senhora, e vendo rezar ou fazer reverencia á cruz ou crucifixo, dizia que aquillo era idolatrar, e que Deus aborrecia as pinturas e imagens feitas pelos homens, e rezando os psalmos não dizia no fim d'elles o *Gloria Patri*, etc.

E quando se erguia pela manhã, punha-se em pé olhando para o ceo com as mãos levantadas. E nas sextas feiras em todo dia não comia nem bebia, dizendo que jejuava nellas a honra dos sabbados seguintes e nellas á tarde alimpava o candieiro, e punha-lhe torcida lavada, e tambem jejuava outros muitos dias sem comer nelles, e nos sabbados vestia camisa lavada, quando a tinha, e fazia differença dos outros dias, e os guardava, deixando de fazer nelles o que fazia nos outros dias, e nos domingos varria e alimpava a casa e fazia qualquer outro serviço, e da carne que comia tirava toda a gordura, dizendo que a tirava pela sua lei de Moysés, e que os christãos eram gentios, e iam errados, e não se haviam de salvar. E sendo o reo por muitas vezes amoestado com caridade, se reduzisse á nossa santa fé catholica, e se arrependesse de suas culpas, e pedisse d'ellas perdão, para se usar com elle de muita misericordia, elle o não quiz fazer nunca, mas antes cada dia persistia mais em sua pertinacia, pelo que o promotor fiscal do Santo Officio, veiu com libello criminal accusatorio contra elle, que lhe foi recebido, e contestando o reo o dito libello. Lendo se-lhe todos os artigos d'elle na mesa do Santo Officio, respondeu que elle confessava que fôra baptisado e chrismado, mas que o baptismo era ser lavado em uma pouca d'agua, e que o baptismo e confirmação não eram sacramen-

tos, nem prestavam para a alma, e confessava ser apostata da egreja de Roma, e não queria d'ella misericordia, porque ella não tinha poder de perdoar, e confessava as cousas conteudas e relatadas nos artigos do dito libello, que elle fizera e dissera e queria mostrar como todas eram boas, e de feito, para prova e confirmação d'ellas, allegava grande numero de authoridades e passos da Escriptura Sagrada, por elle mal entendidos e declarados, que trazia a seu damnado intento; e sendo-lhe dito que fizesse seu procurador nesta causa, disse que não queria por procuradores homens que não sustentavam a lei de Deus dos dez mandamentos que Deus dera a Moysés. E com tudo lhe foi dado procurador lettrado para o defender em sua causa, e estando com elle não quiz vir com defesa, e em todo este tempo não deixava de continuar com o seu judaismo, como d'antes. E sendo feita ao reo a publicação dos dictos das testemunhas da justiça, e rectificadas primeiro conforme ao direito e estylo do Santo Officio, respondeu que tudo o conteudo na dita publicação era verdade, e elle o tinha dito assim como nella se continha, e que não queria vir com contradictas nem estar com seu procurador. Estando com elle não vem com ellas, dando-se-lhe na mesa do Santo Officio juramento aos santos evangelhos, conforme o direito e estylo do Santo Officio, para responder na verdade ao dito libello, e á dita publicação dos dictos das testemunhas da justiça, dizia, pondo a mão no breviario, que elle punha a mão nas palavras de Deus, e não nas de Agostinho nem de outros que alli estavam escriptas, e que por ellas promettia dizer a verdade; e seu feito se processou até final conclusão. E em todo o tempo da prisão e pertinacia do reo sempre foi amoestado por muitas vezes, com muita instancia e caridade na mesa do Santo Officio e por seu mandado por outros muitos padres religiosos, graves, virtuosos e doutos, e assim da sua mesma religião como de outras diversas religiões, que deixasse os seus erros e se tornasse á santa fé catholica de Christo Nosso Senhor, mostrando-lhe o

caminho de sua salvação, e ensinando-lhe a verdade da lei evangelica, allegando-lhe as authoridades verdadeiras da Escriptura Sagrada, em confirmação de nossa fé catholica e em refutação da sua opinião errada, desfazendo-lhe as suas falsas allegações e convencendo-o nella, e declarando-lhe as authoridades que elle mal entendia com que queria defender seu judaismo, dandolhe a doutrina necessaria e os bons conselhos que convinham para sua conversão, e offerecendo-lhe a misericordia que no Santo Officio se costuma dar aos verdadeiros confitentes, convertidos e arrependidos de suas culpas, e com tudo dizia que não tinha necessidade de padres que o encaminhassem, porque elle não seguia a doutrina dos homens, senão a de Deus que era o mestre, e o tinha allumiado; e sempre obstinado e pertinaz ficou em seu judaismo e apostasia defendendo seus erros, e querendo persuadir ás pessoas com que falava e aos ditos religiosos, os quaes dizia andarem apartados da lei de Deus. O que tudo visto e bem examinado, e a sufficiente prova da justiça author, e como o reo não sómente se não quiz reduzir á nossa santa fé catholica, e pedir perdão e misericordia de suas culpas, sendo para isso amoestado, exhortado e requerido com instancia e caridade, mas ainda no carcere aonde estava e na mesa do Santo Officio, com zelo da lei judaica e muito atrevimento e ousadia publicamente defender os ditos erros que segue, approva e procurando ensina-los e persuadi-los aos inquisidores, religiosos e lettrados que com elle estiveram para o encaminharem nas cousas de sua salvação, dando nisso muito escandalo aos que o ouviam, e não sómente estar o reo convencido pela prova da justiça, mas ainda por sua propria confissão, e pela pertinacia dos seus erros judaicos, em a qual com animo diabolico e obstinado persevera, e haver mais esperança de o reo infeccionar e perverter a outros com suas falsas opiniões e novas heresias, que de sua propria conversão, com o mais que dos autos resulta, e a qualidade das ditas culpas e do caso e a disposição do direito nelles, tendo

a Deus diante dos olhos, do qual todos os justos juizes procedem:

Christi Jesu nomen invocato: declaram ao reo frei Diogo d'Assumpção por convicto, confesso e pertinaz no crime da heresia e apostasia, que foi e ao presente é herege, apostata da nossa santa fé catholica e como tal hereje pertinaz, confesso, convicto e impenitente, e revocanti o condemnam que incorreu em sentença de excommunhão maior e em todas as mais penas em direito contra os semelhantes estabelecidas, e o excluem e privam da jurisdição ecclesiastica, e mandam que seja deposto e degradado actualmente de suas ordens, segundo a forma dos sagrados canones, e o relaxam á justiça secular, a quem pedem com muita instancia e efficacia se haja com elle beniga e piedosamente, e não proceda a pena de morte, nem efusão de sangue. etc. *Manuel Alvares Tavares, João Saraiva, Antonio Dias Cardoso, Heitor Furtado Mendoça, Antonio de Barros Pereira, Domingos Riscado, M.e Fr. Luiz de Beja Perestrello.*

Tudo isto significava: Não o decapiteis nem o priveis de nenhum dos seus membros, porque a Inquisição tem horror ao sangue: queimae-o vivo; o que a justiça se apressou de fazer com a seguinte:

Sentença da relação. Accordam em relação, etc. Vistos estes autos, sentença dos inquisidores, ordinario, e deputados da santa inquisição, porque declaram ao reo frei Diogo da Assumpção por hereje, apostata e pertinaz da nossa santa fé catholica, e como tal o relaxaram e entregaram á justiça secular, o que visto em direito em tal caso o condemnam, com baraço e pregão por esta cidade, será levado á praia d'ella, e seja posto em um poste, e seja queimado vivo, feito em pó e em cinza, para que delle não haja memoria, e infamam seus filhos e netos, e perda sua fazenda para a camara e corôa real. Pague as custas dos autos — *Ro-*

drigo Homem, Sebastião Barbosa, Gama, Simão Monteiro de Leiria, Luiz Bastos de Brito, Magalhães.

Ao auto de fé, que se celebrou na Ribeira Velha, sendo inquisidor D. Alexandre, arcebispo d'Evora, assistiu a primeira nobreza do reino, o governador D. Christovam de Moura, os mais ministros do conselho, e a mesa do Santo Officio. Prégou o P.e Francisco Cardoso, da Companhia de Jesus, o mesmo que foi de parecer que, doudo ou não, Fr. Diogo devia de ser condemnado. [1]

Emquanto num turbilhão de labaredas se consumiam as carnes do pertinaz, e se dava por satisfeita a justiça da Inquisição, é de crer que o não estivese a de Deus, que os homens teimam em calumniar, fazendo-o á imagem e semelhança delles nos odios, na vingança, na crueldade, e até na villeza das desconsiderações pessoaes.

Os correligionarios de Fr. Diogo collocaram-no em o numero dos seus martyres; formaram em sua honra uma confraria de S. Diogo, que teve sua sede em Coimbra, e da qual muitos dos seus membros pereceram nas fogueiras e figuraram nos autos de fé, ou apodreceram nos carceres das inquisições.

---

[1] Além de Fr. Diogo, sairam mais neste auto cento e cincoenta e tres pessoas, sessenta e oito homens e oitenta e cinco mulheres; sendo cinco homens e duas mulheres queimados em vida, e mais uma mulher em estatua.

FIM

INDICE

OUTRAS OBRAS

Azevedo (Domingos de)

Diccionario (Grande) contemporaneo francez-portuguez e v. v. No prelo a 2.ª edição, muito correcta e extremamente augmentada, enc. 12$000 rs.
Grammatica da lingua franceza, enc. 900 rs.
Grammatica Nacional, para aprender portuguez sem mestre, enc. 1$600 rs.
Lições praticas de conversação franceza, enc. 400 rs.
Ollendorff aperfeiçoado para aprender francez sem mestre, (2 vol.) enc. 2$800 rs.

Car...

Ao ...
en...
Arte...
1...
Ave...
br...
Cart...
en...
Cere...
en...
Chro...
rs...
Cois...
90...
Cont...
e...
Em ...
br...
Figu...
600 rs, enc. 900 rs.,
Heroismo do clero, br. 600 rs., enc. 900 rs.
Impressões de historia, br. 600 rs., enc. 900 rs.
No meu cantinho, br. 600 rs., enc. 900 rs.
Nossas filhas, br. 600 rs., enc. 900 rs.
Pelo mundo fóra, br. 500 rs., enc. 800 rs.
Raphael, trad. de ... (ed. de luxo), enc...

Pinto (Silva

(Collecção d'algibeira)

A 500 rs. br. e 800 rs. enc.

A queimar cartuchos.
A torto e a direito.
Ao correr do pello.
Entre nós.
Frente a frente.
Moral de João Braz.
Mundo (O) furta-côres.
Na Procella.
Na travessia.
N'este valle de lagrimas.
No colyseu.
No mar morto.
Para o fim.

rs., enc. 900 rs.
Noivos (Os) (2 vol.), br. 1$000 rs., enc. 1$600 rs.
Nossa (A) gente, br. 500 rs., enc. 800 rs.
Sallustio Nogueira (2 vol.), br. 1$000 rs., enc. 1$600 rs.
Amor Divino, br. 600 rs., enc. 900 rs.
...o Galvão, br. 600 rs., enc
...uva, br. 600 rs.,